



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde - FACES

CAROLINA GOMES BERNARDES

**O aprendizado fora do contexto escolar: discutindo a opinião
de famílias que optaram por esse sistema**

BRASÍLIA

Julho 2018

CAROLINA GOMES BERNARDES

**O aprendizado fora do contexto escolar: discutindo a opinião
de famílias que optaram por esse sistema**

Monografia apresentada como requisito para
conclusão do curso de Bacharelado em
Psicologia pela Faculdade de Ciências da
Educação e da Saúde do Centro Universitário
de Brasília – UniCEUB.

Orientadora: Prof^ª Ilesimara Moraes da Silva.

BRASÍLIA

Julho 2018

CAROLINA GOMES BERNARDES

**O aprendizado fora do contexto escolar: discutindo a opinião
de famílias que optaram por esse sistema**

Monografia apresentada como requisito para
conclusão do curso de Bacharelado em
Psicologia pela Faculdade de Ciências da
Educação e da Saúde do Centro Universitário
de Brasília – UniCEUB.

Orientadora: Prof^ª Ilsimara Moraes da Silva

Brasília, _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Ilsimara Moraes da Silva, Dra.

Examinador

Examinador

Dedico este trabalho a todas as famílias que tem lutado pela liberdade de escolha da educação de seus filhos.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo discutir como as famílias compreendem a educação fora do contexto escolar, investigando como a literatura discute o tema e a organização das famílias que optaram por esse sistema na educação dos filhos. Nesse sentido, o estudo trouxe um breve relato da educação domiciliar no País, enfatizando as contribuições de teóricos como: John Holt, Ivan Illich e Paul Goodman que defendem a desinstitucionalização do aprender. Esses autores tecem crítica ao monopólio estatal que promove a ideia de que a aprendizagem acontece apenas no contexto escolar, e defendem a tese que a criança pode ser capaz de aprender sem a necessidade de ir a um local institucionalizado. O estudo se baseia em metodologia qualitativa, para tanto realiza entrevistas semiestruturadas com quatro famílias de diferentes localidades no país. Os resultados discutem os dados construídos em quatro categorias temáticas: ocupação dos pais das crianças educadas fora do contexto escolar; valorização da criatividade no processo de aprendizagem/desenvolvimento da criança; o respeito ao desejo da criança de sair da escola; a socialização da criança fora do contexto escolar. Os resultados do estudo corroboram a literatura consultada e demonstram que os pais buscam um processo educacional distinto do que vem sendo oferecido no contexto escolar institucionalizado.

Palavras Chave: Educação domiciliar. Aprendizagem fora da escola. Desescolarização.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Por que retirar os filhos da escola.....	36
Quadro 2 - Adaptação do emprego/trabalho dos pais.....	38
Quadro 3 - Valorização da criatividade no processo de desenvolvimento e aprendizagem	39
Quadro 4 - O respeito ao desejo do filho para sair da escola.....	40
Quadro 5 - Socialização.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 O FENÔMENO DA EDUCAÇÃO FORA DA ESCOLA	8
1.1 A educação fora da escola, no Brasil	8
<i>1.1.1 Conceito de homeschooling, unschooling e desescolarização (Deschooling).</i>	10
1.2 Os teóricos e defensores da educação fora da escola.	13
1.3 A educação fora da escola e seus contrapontos.	17
1.4 Legislação brasileira sobre aprendizagem fora do contexto escolar	18
2 AS FAMÍLIAS QUE OPTARAM PELA EDUCAÇÃO FORA DA ESCOLA ...	21
2.1 Perfil das famílias que optam pela educação fora da escola.	21
<i>2.1.1 O que motiva as famílias a adotarem a educação domiciliar.</i>	22
2.2 Tecendo breves considerações sobre o posicionamento de Vigotsky sobre o desenvolvimento infantil	24
3 METODOLOGIA	26
3.1 Justificativa do estudo	26
<i>3.2.1 Objetivo geral</i>	26
<i>3.2.2 Objetivos específicos</i>	27
3.3 Participantes da pesquisa	27
3.4 Instrumentos da pesquisa	27
3.5 Procedimentos da coleta de dados	27
3.6 Análise dos dados	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
4.1 Apresentação das famílias	29
<i>4.1.1 Família 1: Nathalie, Anderson e a filha Sarah</i>	29
<i>4.1.2 Família 2: Ricardo Dias e Lílian, e os filhos Lorena e Guilherme.</i>	31
<i>4.1.3 Família 3: Renata e Esposito, e os filhos Bruno, Felipe e Isac.</i>	34
<i>4.1.4 Família 4: Carla Ferro, Dênis e a filha Gaia</i>	35
<i>4.1.5 Categoria: Adaptação profissional dos pais</i>	37
<i>4.1.6 Categoria: Valorização da criatividade no processo de desenvolvimento/aprendizagem</i>	39
<i>4.1.7 Categoria: O respeito ao desejo do filho para sair da escola</i>	40
<i>4.1.8 Categoria: Socialização</i>	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO	49
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .	50
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS	53

INTRODUÇÃO

A escolarização no Brasil passou por diversas etapas até adquirir o formato atual. Hoje, são vários os estudos que criticam os modelos vigentes das escolas e defendem a importância de escolas inovadoras que busquem uma formação mais integral do seu alunato. Pelo seu caráter obrigatório e monopolizado, a sociedade escolarizada ainda acredita que a escola é o único lugar possível de se adquirir conhecimento formal.

No entanto, cada dia mais famílias se afastam da escola, a fim de oferecer aos seus filhos educação que atenda às necessidades específicas deles. Atualmente, já são mais de 5.000 famílias no Brasil, que retiraram os filhos do ambiente escolar ou deixam de matriculá-los para evitar o contato com esse sistema institucionalizado. Esses pais buscam se envolver mais na responsabilidade pela educação dos filhos, visto que as insatisfações com o modelo escolar oferecido crescem devido sua forma padronizada que não consegue atingir as pluralidades em sala de aula.

A busca por alternativas não escolarizadas de educação dos filhos tem se tornado um fenômeno crescente no mundo inteiro e assim vem se constituindo num campo de interesse de estudos da psicologia e da educação.

Dentro deste contexto surge a problemática: quais fatores influenciam a escolha de educar os filhos em casa, sem o suporte de instituição de ensino? Como as famílias se organizam nessa nova metodologia educacional dos filhos?

O presente estudo tem por objetivo discutir como as famílias compreendem a educação fora da escola investigando os fatos motivadores que levam pais a retirar os filhos da escola além de compreender como se deu a organização das famílias que optaram por esse sistema na educação dos filhos.

Para tanto, o trabalho pretende apresentar uma pesquisa qualitativa baseada em entrevista semiestruturada com quatro famílias que optaram por realizar a educação dos filhos fora do contexto institucionalizado da escola.

Acredita-se também que a discussão dessa temática poderá contribuir para aprofundamento do conhecimento sobre o movimento da desescolarização no Brasil.

Num primeiro momento, far-se-á uma breve revisão de literatura sobre o tema, seguido pelas discussões dos dados construídos a partir das entrevistas.

1 O FENÔMENO DA EDUCAÇÃO FORA DA ESCOLA

1.1 A educação fora da escola, no Brasil

A educação no Brasil passou por diversas etapas até adquirir o formato atual, da ideia de paidéia até as construções institucionais vivenciadas no Brasil do século XXI. Durante esses quase dois séculos de transformação, desde a Revolução Industrial, o aprender foi institucionalizado, e na escola, o seu objetivo foi perdido (AMORIM; GRÜN, 2011).

Para melhor entender a realidade escolar que se vive hoje, é essencial compreender os caminhos até aqui trilhados. Em todos os lugares a educação existe, onde há e onde não há escola. A educação existiu na antiga Grécia com a ideia de formação integral do sujeito, ela existe nas tribos indígenas nos ensinamentos práticos dos chefes das aldeias, ela existe dentro de casa nos valores de uma família e ela existe dentro de uma sala de aula (JAEGER, 2001).

As escolas de hoje, que seguem a lógica mercantilista, em nada se assemelham a “scholé” grega citada por Gómez (1992). No século XIX, já se via uma enorme necessidade de estruturar a educação para que essa ficasse aos encargos do Estado. A grande industrialização dos centros urbanos trouxe consigo uma nova economia e com ela a necessidade de uma população preparada para o trabalho industrial. Dessa forma, surge a responsabilidade de uma educação oferecida de maneira pública, gratuita com o intuito de preparar o povo para o mercado de trabalho (GIAMOGESCHI, 2009).

Evidentemente, novo capitalismo industrial tornou a instrução o principal meio de ascensão. Se antes, durante o sistema oligárquico, as necessidades de instrução não eram exigências do trabalho, com o crescimento do setor terciário, via-se uma nova realidade, demandando assim um novo cenário educacional (GIAMOGESCHI, 2009).

Porém, a expansão educacional apenas ocorreu onde também houve a expansão capitalista, o que não aconteceu plenamente por todo o país, provocando assim enormes desigualdades entre as regiões brasileiras (GIAMOGESCHI, 2009).

Destaca-se que prática da educação domiciliar ocorre no Brasil desde os idos oitocentistas, se apresentando, em certos períodos históricos, como o único recurso para que as crianças e jovens pudessem ser educados. Em outros momentos, essa era a opção dos pais que faziam parte das elites econômicas e políticas que buscavam adaptar os conteúdos educacionais aos interesses familiares (VASCONCELOS, 2005).

Constata-se, portanto que a educação é parte da vida de uma sociedade em eterna construção, de vidas que se recriam a todo instante e se partilham, se compartilham e reproduzem esses saberes entre todos os que ensinam e aprendem e que historicamente, os

modos de escolarização variaram conforme as necessidades sociais, econômicas e políticas até assumir os contornos atuais (GIAMOGESCHI, 2009).

Assim, o ensino domiciliar, antes privilégio de príncipes e nobres, se estende para as elites econômicas constituídas por altos funcionários do governo e pela burguesia abastada, que buscava proporcionar aos filhos, uma educação de qualidade que estabelecesse um diferencial. Prestigiava-se, então o ler, escrever, ter conhecimentos em teologia, filosofia, retórica e línguas, bem como imitar a nobreza e a realeza francesa e inglesa, daquela época (CHRIST, 2015).

A gênese da prática da educação domiciliar emergiu no âmbito da Igreja Católica que para as famílias da época detinha a guarda dos conhecimentos, nas áreas de línguas, teologia, oratória, entre outras. Mas, não só os conhecimentos atraíam essas famílias e sim as imunidades e privilégios concedidos aos padres, aos religiosos e a seus bens. Daí a opção pela educação domiciliar (VASCONCELOS, 2005).

Contudo, segundo o autor, no século XVIII, as práticas educacionais oferecidas pela igreja já não coadunavam com os interesses das famílias e foram sobrepostas pelas exigências econômicas, políticas e sociais da população e do Estado, dando início a estatização e institucionalização do ensino nos moldes contemporâneos.

Em 1874, o “Projecto reorganizando o ensino primário e secundário”, encampado pelo ministro e secretário de Estado dos Negócios do Império, Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, que o apresentou a Câmara de Deputados, em seu 1º artigo, parágrafo 2º, estabelecia a obrigatoriedade do ensino na Corte, em seu inciso II, preconizando:

§2º O ensino primário elementar no município da corte será obrigatório para todos os indivíduos de 7 a 14 anos; selo-á também para os de 14 a 18, que ainda o não tenham recebido, nos logares do mesmo município em que houver escolas de adultos. (...) II. Os Paes e mais pessoas acima referidas **têm o direito de ensinar ou mandar ensinar os meninos em casa**, ou em estabelecimentos particulares; mas no fim de cada anno deverão submettel-os a exame perante o inspector litterario respectivo. (sic). (OLIVEIRA apud VASCONCELOS, 2005, p. 27, grifo do autor).

Posteriormente, outro Projeto de Lei datado de 1886, encampado pelo Dr. Cunha Leitão, propõe a reforma do ensino, mas ratifica a educação domiciliar como uma modalidade aceita e prevista, conforme dispõe o quinto parágrafo:

§5º A instrucção primária é obrigatória para os menores de um e de outro sexo de 7 a 14 annos de idade e para os de 14 a 18 annos nos logares onde houver escolas de adultos ou profissonaes; devendo-se proceder ao resenceamento da população escolar, e providenciando o governo sobre os meios de fornecer aos filhos de pais reconhecidamente indigentes o vestuário e mais objectos indispensáveis á frequênci na escola. **Exceptuão-se desta obrigação: 1º, os que provarem que recebem em escolas particulares, ou nas próprias casas**, instrucção primária com o desenvolvimento do programma official de ensino público; (...) (sic) (LEITÃO apud AMORIM; GRÜN, 2011, p. 19, grifo do autor).

À época, as modalidades de ensino se dividiam em três categorias: o ensino público, o particular e o doméstico. No segmento doméstico, os pais escolhiam e contratavam os mestres, bem como decidiam os conteúdos e habilidades que deveriam ser ensinados no âmbito da própria casa, de acordo com o ritmo da família (ALMEIDA, 2000).

Constata-se, portanto que a expansão do número de escolas públicas e particulares, não mudou a rotina das crianças das classes mais abastadas que seguiram, usufruindo do ensino domiciliar em prol da moralidade e do aprendizado (ALMEIDA, 2000).

Até o século XIX, mesmo com o surgimento das escolas públicas e particulares, no mundo, as famílias mais abastadas continuaram a optar pela educação domiciliar para seus filhos, e grandes personalidades da história mundial como Albert Einstein e Leonardo da Vinci foram alfabetizados através dessa modalidade de aprendizagem (GOMINHO, 2016).

Trazida na bagagem cultural dos colonizadores portugueses, franceses, holandeses e espanhóis, a historiografia desse tipo de educação, no Brasil, permaneceu restrita, certamente, às elites, inicialmente. Contudo, no final do século XIX, a modalidade era aspiração e, provavelmente, realidade para parcela significativa da classe média urbana do país (ALMEIDA, 2000).

De acordo com Vasconcelos (2005, p. 51),

em 1887, 87% da população em idade escolar brasileira estavam fora das cerca de seis mil escolas existentes no país. Eram mais de 1,5 milhão de crianças e jovens recebendo outro tipo de educação, ou, simplesmente, sem nenhuma instrução.

1.1.1 Conceito de homeschooling, unschooling e desescolarização (Deschooling).

Na opinião de Vieira (2012), a *homeschooling* é muito comum. Nesse modelo o ensino acontece em casa e é ministrado pelos pais. O fenômeno cresce a cada ano e estima-se, hoje, que aproximadamente 63 países já o tenham legalmente regulamentado. Assim, em países como Estados Unidos, África do Sul, Rússia, Reino Unido, Canadá, Austrália e França, entre vários outros, a adesão a essa modalidade de prática educacional ocorreu por diversos motivos (BARBOSA, 2013).

A educação domiciliar, ou *homeschooling*, termo em língua inglesa como é internacionalmente referido, seria “a educação de crianças em idade escolar sob acompanhamento geral de seus pais, substituindo, em tempo integral, o atendimento em um *campus* escolar” (LINES, 1999, p. 4).

A denominada *Homeschooling* é definida por Edmonson (2008, apud ALEXANDRE NETO, 2016, p. 1), como: “qualquer situação em que os pais ou tutores, ao invés de enviar os educandos em idade escolar ao sistema educacional padrão, público ou privado, assumem a

responsabilidade pela sua educação”. Ela é caracterizada pelo ensino do currículo escolar fora das dependências escolares, sob a responsabilidade dos pais ou de professores particulares.

Para Maria Celi Vasconcelos, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), a regulamentação da *homeschooling* respeitaria a autonomia dos pais e possibilitaria a fiscalização do que é ensinado. Ela enfatiza ainda que nos países em que a *homeschooling* está legalizado, como em Portugal, as crianças são matriculadas em uma escola, fazem avaliação e há a proteção no ensino, ou seja, não consiste simplesmente em tirar os filhos da escola e deixá-los em casa, há um controle” (TEMPERANÇA, 2017).

Infere-se dos argumentos supracitados que embora não se tenha avaliado a eficácia da modalidade em termos acadêmicos, as evidências parecem sugerir que a educação em casa pode, em certas circunstâncias, ser mais apta do que os sistemas de escolarização em massa – por definição, despersonalizados – para atender à diversidade de gostos, interesses e habilidades únicas dos agentes por ela educados (VIEIRA, 2012).

Para o diretor jurídico da ANED (Associação Nacional de Ensino Domiciliar), Alexandre Magno Fernandes Moreira, o método não é ilegal. “É possível interpretar o *homeschooling* como legal com base na Constituição e nos Tratados de Direitos Humanos, mas como o assunto é novidade, nem sempre os operadores jurídicos aceitam” (TEMPERANÇA, 2017).

Como se vê o assunto é controverso, mas segundo AGUIAR, (2011, p. 1), também Diretor Jurídico da ANED,

[...] o ensino domiciliar, como substituto do ensino escolar, não é proibido expressamente por nenhuma norma no ordenamento jurídico brasileiro, seja constitucional, legal ou regulamentar. Nem, tampouco, é expressamente permitido ou regulado por qualquer norma.

Nesse contexto, o sistema de aprendizagem fora da escola vem ganhando adeptos em todo o mundo e hoje já é legalizado em diversos países e tem seguidores, sobretudo na Europa e Estados Unidos, onde pesquisas alcançam a existência de cerca de dois milhões de crianças em aprendizagem fora da escola (BARBOSA, 2009).

Vale ressaltar que a força da *homeschool* nos Estados Unidos encontra raízes profundas no prestígio que a prática gozava entre *founding fathers* do País: George Washington, Abraham Lincoln, Thomas Jefferson e Benjamin Franklin foram todos educados em casa (AMORIM; GRÜN, 2011).

Contudo, isso não livrou o País das controvérsias. Apesar da *homeschooling* ser muito comum, a defesa de uma legislação mais atuante e até nacional, no que se refere à educação em

casa é feita frequentemente na imprensa e na Academia americana. Mas nos Estados Unidos, como acontece com toda política educacional, os requisitos para educar em casa, e os subsequentes registros e bancos de dados, variam muito de estado para estado (VENDER, 2004).

No Brasil, milhares de famílias espalhadas por diferentes regiões do país optaram pelo ensino doméstico, apesar de previsão expressa LDB (Lei de Diretrizes e Bases Nacionais) da obrigatoriedade da matrícula de crianças e jovens, entre 4 e 17 anos, no sistema educacional oficial (BRASIL, 1996).

Conforme abordado, a denominada *homeschooling*, caracterizada pelo ensino do currículo escolar fora das dependências escolares, sob a responsabilidade dos pais ou de professores particulares, segundo Vieira (2012), sugere que a educação seja ministrada em casa, com a família.

Há, ainda, uma educação conhecida como “livre”, o *unschooling*, ainda que menos ocorrente, também é aceito, disseminado e discutido pelo mundo. O *unschooling* nega a instituição escolar e coloca a própria criança como agente diretivo do aprendizado, escolhendo o que estudar, quando estudar e até mesmo se quer estudar (VIEIRA, 2012).

O *unschooling* independe de uma instituição ou de alguém que transmita um conhecimento pronto para a criança e valoriza as oportunidades educacionais ocorridas na internet, na comunidade, em casa ou em qualquer outro lugar (BARBOSA, 2013).

Dentro deste contexto Vieira (2012) destaca um terceiro movimento, o *deschooling*, traduzido por desescolarização¹, crescente entre pais que frequentemente discutem as ideias propostas por Ivan Illich e John Holt. Surgida no final da década de 60, a proposta educacional ganhou impulso em 1971, com a publicação do livro de Ivan Illich “Sociedade sem escolas”.

Em sua obra *Sociedade sem Escolas*, Illich (1985) tece crítica à institucionalização da educação nas sociedades contemporâneas e a sua natureza ineficaz de educar. Ele se mostra favorável à condução autônoma do aprender apoiada em relações sociais de convivência numa intencionalidade fluida e informal.

A prática da desescolarização implica em algo muito mais amplo do que a simples retirada do filho da escola, dado que esta prática implica em romper com a crença de que para aprender algo, ou mesmo para se ter acesso ao conhecimento é preciso estar na escola. A desescolarização vai muito além de pensar a educação fora da escola como simples alternativa de aprendizagem de conteúdos escolares. Illich (1985) defende que a educação deve estar liberta

¹ Esse será o termo adotado no presente estudo.

dos alicerces ocultos de uma sociedade escolarizada e é por este caminho que começam suas reflexões sobre a desescolarização de toda uma sociedade.

Para o autor “a aprendizagem é a atividade humana menos necessitada de manipulação por outros. Sua maior parte não é resultado da instrução. É, antes, resultado de participação aberta em situações significativas” (ILLICH, 1985, p. 52).

Assim, afirma que quando os jovens permitem que a sua imaginação seja moldada por uma instrução curricular, estão “condicionados ao planejamento institucional de qualquer espécie” (ILLICH, 1985, p. 52).

A principal crítica de Ivan Illich à necessidade de frequência escolar refere-se ao próprio ambiente. Os valores institucionalizados que a escola impõe dizem respeito ao ensino padronizado com valores quantificados, cuja instrução turva o horizonte e a imaginação do aluno (ILLICH, 1985).

1.2. Os teóricos e defensores da educação fora da escola.

A educação foi percebida como uma necessidade, e como qualquer outra necessidade que surge no mundo das coisas, surge uma resposta institucional para atendê-la. A institucionalização do aprender tornou confusa a diferenciação entre educação e ensino, desoficializando todo tipo de formação do sujeito fora das portas da escola (AGUIAR, 2011).

O monopólio se instaura quando uma empresa, ou até mesmo o governo, explora determinado serviço e torna-se único possuidor deste. No caso da educação, a escola institucionalizou o aprender, e a partir daí, tornou-se a única empresa oficial que poderia oferecer o bem que satisfizesse essa necessidade (CAMBI, 1999).

John Holt e Ivan Illich foram contemporâneos no tempo e convergentes no estudo da desescolarização da sociedade. Nos anos finais da década de 1960, ambos publicam seus escritos acerca da teoria da desescolarização, seja do ponto de vista político ou do ponto de vista pedagógico (CHRIST, 2015).

Nesta mesma linha, nos anos finais da década de 60, Paul Goodman, psicoterapeuta, ativo anarquista e crítico da educação norte-americana tece críticas à realidade escolar da época, propondo a criação de escolas livres e a eliminação do sistema escolar compulsório (BARBOSA, 2009).

Nesse sentido, o presente estudo passa a descrever as ideias destes teóricos da educação e suas respectivas propostas de alternativas à escolarização.

Ivan Illich, pensador, polímata e autor de uma série de críticas à sociedade industrial e suas consequências, teceu suas críticas sobre a educação e a adoção do modelo institucionalizado em que são repassados os conhecimentos de modo mecanizado com o objetivo de exercer o controle social no atendimento das necessidades produzidas pelo mercado (BARBOSA, 2009).

Para Ivan Illich a massificação de um saber escalonado anuncia o preparo do homem produtivo. O autor afirma ainda que não apenas a educação, mas também a própria sociedade se tornou escolarizada. Isso se deve ao valor mercantil que é dado à educação que é confundido por um ensino regido de acordo com os interesses ideológicos e políticos de uma sociedade vigente (ILLICH, 1985).

A sociedade, então escolarizada, promove a ideia de que a aprendizagem acontece apenas no contexto escolar. Nessa perspectiva, é possível exercer o controle da formação profissional ao atender as necessidades econômicas, por meio do monopólio radical do saber. “E enquanto for aceita a realidade de educação como processo escolarizado, os autodidatas sempre serão definidos como ‘não-educados’ e dessa forma, seus conhecimentos não serão válidos para o mercado de trabalho” (ILLICH, 1976, p. 71).

O sujeito consumidor do conhecimento se vê prejudicado visto à obrigatoriedade da frequência desse modelo, quando a transformação do saber em serviço é ofertada por uma indústria (a escola) de currículo regido pelo Estado onde a exclusividade setorial não lhe dá chance ou liberdade de escolha por outra empresa que satisfaça sua necessidade (ILLICH, 1976).

Para Ivan Illich a escolarização faz com que as pessoas percam o incentivo de crescer com independência, sem atrativos para enfrentar debates, fechando-se às surpresas da vida quando estas não são predeterminadas por definição institucional. Vincular aprendizagem a resultados, diplomação e frequência escolar não promove aprendizagem, aquisição de novas habilidades ou compreensão das funções sociais ou do valor de justiça (ILLICH, 1985).

Em contraponto ao modelo de educação escolarizada, Illich (1985) avalia que uma criança pode ser capaz de aprender sem a necessidade de ir a um local institucionalizado de ensino. Ele afirma, ainda, que os homens dispõem da capacidade inata de buscar conhecimentos, independentemente da educação institucionalizada. Afirma ainda que a maior parte dos nossos conhecimentos são adquiridos fora da escola. Nesse sentido, assegura ainda que:

Aprendemos a falar, pensar, amar, sentir, brincar, praguejar, fazer política e trabalhar sem interferência de professor algum. Os órfãos, os excepcionais e os filhos de

professores escolares adquirem a maioria de seus conhecimentos fora do processo 'educacional' planejado para eles (ILLICH, 1985, p. 43).

O autor aponta que pesquisas educacionais têm demonstrado que a maior parte dos ensinamentos propostos pelos professores em sala de aula são assimilados com mais eficácia em situações fortuitas, tais como histórias em quadrinhos ou por troca de experiências com seus grupos de amigos, do que pela “mera participação no ritual escolar” (ILLICH, 1985, p.59).

Para Illich (1985, p. 59) “os professores, na maioria dos casos, obstaculizam esta aprendizagem de assuntos pelo modo como eles os apresentam na escola”. Ele afirma ainda que “é possível alcançar a educação universal, desde que se possa administrar um processo autônomo do aprender, com uma participação ativa e compartilhada”.

A educação universal por meio da escolaridade não é possível. Nem seria mais exequível se tentasse mediante instituições alternativas criadas segundo o estilo das escolas atuais. Nem novas atitudes dos professores para com os seus alunos, nem a proliferação de novas ferramentas e métodos físicos ou mentais (nas salas de aula ou nos dormitórios), nem mesmo a intenção de aumentar a responsabilidade dos pedagogos até ao ponto de incluir a vida completa dos seus alunos, teria como resultado a educação universal. A busca atual de novos canais educativos deverá ser transformada na procura do seu oposto institucional: redes educativas que aumentem a oportunidade de cada um transformar cada momento da sua vida num outro de aprendizagem, de partilha e de interesse. Acreditamos estar a contribuir trazendo os conceitos necessários a quem realiza tais investigações sobre as grandes linhas na educação – e também para quem procura alternativas para outros tipos estabelecidos de serviços (ILLICH, 1985, p. 14).

Bastante crítico em relação a uma educação que pudesse atender a todos, suas ideias dialogam com as ideias de Rancière (2002) e ambos evidenciam que a institucionalização da educação cria um modelo de sociedade tuteladora, que produz sujeitos autômatos. Tal evidência reforça o argumento de que o processo de desinstitucionalização da educação se faz necessário para o rompimento da prática embrutecedora (ILLICH, 1985).

O autor acredita que deve ser revisada a própria ideia de aprendizagem institucionalizada, bem como os métodos por ela empregados. Ele alerta sobre o grau de evasão escolar, que indica uma demanda oriunda da base educacional por um enfoque completamente novo, cujo planejamento não comece “com metas de ensino de um educador profissional e nem com as metas de aprendizagem de alguma classe hipotética de pessoas” sem questionamentos como “o que deve alguém aprender?”, mas com a pergunta “com que espécie de pessoas e coisas gostaria os aprendizes de entrar em contato para aprender?”, que proporcione recursos educacionais não rotulados por metas ou por educadores (ILLICH, 1985, p. 88).

John Holt, dedicou seus estudos e experiências às crianças e à reflexão sobre a natureza da aprendizagem. *How children fail* (1970), *How children learn* (1967), além de *Learning all the time* (1989), são suas obras de maior influência na educação. Pelos títulos torna-se já

possível inferir que sua preocupação se concentrava no aspecto cognitivo, na aprendizagem em si mesma (KLOH, 2017).

Investigando pedagogicamente como as crianças aprendem, John Holt concluiu que elas aprendem sem ser ensinadas. Dessa forma, ele se apoia na teoria de que as pessoas adquirem a maior parte de seu conhecimento fora do ambiente escolar. Daí sua inferência sobre a desnecessidade de uma instituição responsável pelo ensino, tendo em vista que a aprendizagem independeria dela (KLOH, 2017).

Segundo o autor, emerge desta situação o termo desescolarização, que foi referenciado por John Holt no livro *Teach Your Own*, em 1981, que significaria um processo inicial que, posteriormente, culminaria na *homeschooling* ou educação em casa, ou seja, um modelo de instrução que eliminaria “qualquer referência à realidade escolar”. Para Holt (2006) a escola não respeitaria a natureza humana no tocante ao modo pelo qual as crianças aprendem e, por isso, mereceria ser desinstalada ou, ao menos, reinventada.

Em se tratando de Paul Goodman, vale lembrar que as críticas da Gestaltpedagogia relacionadas à realidade escolar da época foram escritas por ele. Psicoterapeuta, ativo anarquista e crítico da educação, afirmava que o estado e o sistema escolar, juntos, emburreciam a juventude (BUROW; SCHERPP, 1985).

Goodman (1964) propôs uma reforma desde a infância até o ensino universitário, em seu livro “*Compulsory Miseducation*”, onde propõe ainda a criação de escolas livres e a eliminação do sistema escolar compulsório.

O problema que a princípio se nota, é que o sistema escolar obrigatório se tornou exatamente como toda a nossa economia, política e padrão de vida, um empreendimento do tipo beco sem saída. O sistema escolar compulsório não se destina mais a assegurar o máximo de desenvolvimento de futura utilidade prática para as crianças num mundo em transformação, exigindo, ao invés tecnocracia inadequada para objetivos exteriores a prazo lamentavelmente curto. (GOODMAN, 1964, p. 13).

Para Goodman (1964), escolas centralizadas tendem a ser grandes demais para que se possa dar a devida atenção ao contato pessoal e a participação, como é possível e já acontece nas “miniescolas”, como citam Burow e Scherpp (1985) que se mostram bastante eficazes em termos de contato direto e autêntico com os jovens em formação.

Mais um ponto crítico para a Gestaltpedagogia seria que o modelo escolar vigente possui uma função seletiva muito forte. Sejam em atividades, provas, no sistema de notas ou brincadeiras. Este sistema é incentivador de concorrência e, na verdade, mantenedor de padrões. Na visão da Gestalpedagogia, acreditar que todos poderiam estar em primeiro lugar é um erro, e aqueles que não podem, por qualquer que seja o motivo são cada dia mais desencorajados a se manterem no sistema escolar (BUROW; SCHERPP, 1985).

Além disso, a Gestaltpedagogia acredita que a escola menospreza os aspectos integrativos das disciplinas. Os conhecimentos são fracionados, isolados (matemática, português, história, física, entre outros) do ambiente e mundo e estudados como se isolados da realidade do sujeito também. Para a Gestalpedagogia, isso torna complicada a assimilação posterior desses conteúdos e a aplicação real deles ao cotidiano (BUROW; SCHERPP, 1985).

Os autores ainda salientam que outro ponto de crítica ao modelo escolar seria sobre a repressão à movimentação corporal, principalmente durante as aulas, afirmando ser uma negação de que a mente também se expressa a partir do corpo. Ressaltam que Goodman critica a forma como a Educação Física é marginalizada e nela se anula o trabalho cognitivo e por outro lado, nas outras disciplinas se anula o trabalho do corpo (BUROW; SCHERPP, 1985).

Goodman (1964) critica ainda o fato da escola considerar as perturbações geradas entre professores e alunos como indisciplina, ao invés de tratá-las como algo construtivo para discussões e desenvolvimento de senso crítico e opiniões próprias (BUROW; SCHERPP, 1985). Dessa forma, a Gestaltpedagogia constrói um modelo pedagógico baseado na forma como a escola tem restringido e limitado às experiências do sujeito que a frequenta.

1.3 A educação fora da escola e seus contrapontos

A organização de educação que prevalece hoje, não muito difere do contexto dos últimos dois séculos que caracterizam o período Pós Revolução Industrial. A escolarização adquiriu caráter público, de direito básico, refletindo valores burgueses de meritocracia. Hoje, fala-se muito sobre os índices de evasão, frequência escolar e notas e pouco sobre os objetivos que deveriam ser alcançados em termos de desenvolvimento do sujeito que ali se encontra (BRANDAO, 1989).

Um dos pontos principais na discussão da educação fora do ambiente escolar concentra-se na possível deficiência na formação social da criança. Críticos às ideias de Ivan Illich e das alternativas citadas receiam por prejuízos no desenvolvimento de habilidades sociais das crianças e alegam que a ausência do ensino escolarizado pode interferir no ingresso do indivíduo ao mercado de trabalho. A importância da socialização para a formação das crianças com ênfase à escola como instituto promotor desse convívio social tem sido alguns dos diversos argumentos contrários à normatização do ensino em casa no Brasil (BARBOSA, 2013).

Em contrapartida, os defensores da educação fora do ambiente escolar sustentam que o desenvolvimento de um processo de aprendizagem autônomo em diferentes espaços sociais,

que não o escolar, faz com que a criança esteja mais bem preparada para enfrentar os desafios da vida (ILLICH, 1985).

As inúmeras famílias adeptas ao ensino domiciliar no Brasil compartilham do entendimento de que a socialização oferecida nas escolas não é favorável, nem mesmo saudável à formação do cidadão, uma vez que o ambiente é envolto por violência, valorização do consumo, carência de estrutura familiar, não existência de um plano pedagógico, além de unificar os alunos da mesma classe econômica, bem como de uniformizar as salas de aula de acordo com a idade e não de acordo com os conhecimentos de cada criança (CHRIST, 2015).

Há tempos que estudiosos e pedagogos propõem mudanças na área educacional. Atualmente se lida com a demanda da rápida evolução da sociedade, e a escola mantém seus antigos métodos, não acompanhando interesses, tecnologias, na proporção em que estas avançam. Assim, crianças são compelidas a frequentar uma instituição de ensino que não é mais compatível com as habilidades que devem desenvolver, em função da evolução do mundo em que vivem. Mas alguns países, atentos a essas mudanças de realidades sociais, tentam evoluir seus modelos de ensino para que continuem na vanguarda do conhecimento (BRANDÃO, 1989; AGUIAR, 2011; CAMBI, 1999; GIAMOGESCHI, 2009).

No Brasil, não há perspectivas para uma reforma no modelo de aprendizagem, e, verificando os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) no censo escolar de 2016 é possível identificar que: (i) há diferenças expressivas entre as taxas de aprovação por série, em especial no final do ciclo de alfabetização; (ii) há elevada distorção idade/série já no 5º ano do ensino fundamental; (iii) apenas 15,7% dos alunos em séries iniciais têm acesso a laboratórios de ciências em seus ambientes escolares. Constata-se que o atual modelo educacional, obrigatório, não tem conseguido sustentar o que se propõe (ROMANELLI, 1999; INEP, 2016).

Atualmente, conforme informações da ANED, mais de 5.000 brasileiros, insatisfeitos com o sistema educacional proposto, têm praticado alternativas de ensino-aprendizagem fora da escola com a intenção de oferecer a seus filhos experiências de aprendizado diferentes daquelas oferecidas pelo Estado (AGUIAR, 2011).

1.4 Legislação brasileira sobre aprendizagem fora do contexto escolar

A educação em casa já foi prática habitual no País, como já foi discutido anteriormente. De acordo com Barbosa (2009) a Constituição Política do Império do Brasil, de 1824, permitiu que a modalidade se desenvolvesse livremente durante quase setenta anos, constituindo uma

significativa “rede” de educação doméstica. O autor enfatiza ainda que nenhuma das constituições republicanas proibiu ou impôs entraves à prática. Muito pelo contrário, observa-se que nas Constituições de 1946 e a de 1967, a educação domiciliar foi expressamente mencionada como possibilidade, nos art. 166 e art. 168, respectivamente.

Corroborando a Lei de Diretrizes e Bases de 1961, em seu artigo 30, dispunha que:

Art. 30. Não poderá exercer função pública, nem ocupar emprego em sociedade de economia mista ou empresa concessionária de serviço público o pai de família ou responsável por criança em idade escolar sem fazer prova de matrícula desta, em estabelecimento de ensino, ou de que lhe está sendo ministrada educação no lar (BRASIL, 1961).

Mesmo depois da promulgação da Constituição de 1988, a educação domiciliar continuaria permitida no Brasil por mais dois anos. A primeira lei brasileira a proibir a prática foi o Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, que, no seu artigo 55, obriga a matrícula na rede regular de ensino (BARBOSA, 2009).

A Constituição Federal de 1988 ao estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional preconiza que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1988).

Dentre os seus princípios, a LDB, estabelece que a educação também é dever da família, além do Estado, e objetiva o ‘pleno desenvolvimento’ do sujeito, conforme dispõe em seu artigo segundo:

Art. 2º - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996).

Para o alcance de tal desiderato, no art. 3º da Constituição Federal, se estabelece que o ensino deva ser ministrado com base em tópicos que abordam a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”, “respeito à liberdade e apreço à tolerância”, “valorização da experiência extraescolar”, entre outros (BRASIL, 1988).

Com a finalidade de direcionar os esforços de investimentos para qualidade e melhoria da educação no país, foi criada em 2014 pelo Congresso Nacional o Plano Nacional de Educação (PNE), ferramenta que estabelece 20 metas a serem atingidas nos próximos 10 anos. Essas metas, no geral, indicam número de pessoas matriculadas na escola: quanto mais, melhor. Pouco se fala dos resultados dessa frequência obrigatória ou da qualidade do aprendizado dessas crianças (MACHADO, 2018).

A norma teria sido referenciada pela LDB, art. 6, que prevê igualmente matrícula obrigatória no ensino fundamental. Há interpretações, no entanto, que consideram o efeito jurídico dessas leis ordinárias anuladas pela ratificação de tratados internacionais de direitos humanos do qual o País é signatário (MACHADO, 2018; MOREIRA, 2008).

Hoje, a educação domiciliar é oficialmente proibida pela justiça brasileira. Contudo, seis projetos de lei federais, um distrital e uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC), onde quatro deles foram apresentados e dois pares de projetos tramitaram anexados um ao outro, se propuseram a acabar com essa ilegalidade. Deste arcabouço de tentativas, apenas o mais recente projeto de lei (PLS nº 28/2018) que propõe alteração do Decreto-Lei nº 2.848, do Código Penal, para prever que a educação domiciliar não caracteriza o crime de abandono intelectual continua em tramitação, o restante foi rejeitado.

2 AS FAMÍLIAS QUE OPTARAM PELA EDUCAÇÃO FORA DA ESCOLA

2.1 Perfil das famílias que optam pela educação fora da escola

Educar os filhos em casa tem se tornado uma opção cada vez mais atraente para os brasileiros, embora o modelo ainda não seja legalizado no Brasil. Atualmente, segundo dados da ANED, 3,2 mil famílias já aderiram ao *homeschooling*, que, em 2016, atendeu a cerca de 5 mil pessoas. Esse número é, provavelmente, maior, considerando o fato de que muitas famílias não divulgam sua opção por medo de serem denunciadas (TEMPERANÇA, 2017).

No que diz respeito ao perfil das famílias que optam pela modalidade de ensino domiciliar, citando como exemplo a América do Norte, a escolha dessa modalidade de ensino partiu da ação dos cristãos protestantes conservadores, mas posteriormente o movimento se expandiu quando as famílias elegeram por motivos ideológicos, políticos, educacionais, raciais e de classe, a adesão ao ensino domiciliar (CHRIST, 2015).

Com relação à classe social dessas famílias, Monk (2004) destaca que neste grupo se encontram famílias de diferentes classes sociais e econômicas, tradicionais ou não e com perspectivas de vida bem diferenciadas, o que impede sua caracterização como um grupo monolítico. Já, Lubienski (2000) concluiu que os pais que fazem a opção pela educação familiar são predominantemente brancos, relativamente ricos e bem-educados, com boa renda, e que se sentem aptos a darem aos filhos a educação desejada dentro de casa.

No Brasil, devido à clandestinidade dessa modalidade de ensino, as informações sobre as famílias são escassas. Contudo Vieira (2012) levou a termo uma investigação que abarcou o universo de 62 famílias brasileiras, retratando suas características e seu engajamento na prática do ensino domiciliar.

A aplicação do questionário, pelo acadêmico, deixou antever que “os ‘pais-educadores’ são em sua quase totalidade, casados, com elevado capital cultural e com grau de escolaridade muito acima da média nacional”. O resultado revelou ainda que a maioria declara ser ligada a alguma religião cristã (VIEIRA, 2012, p. 51).

Constata-se também que a mãe, abdicando de sua carreira profissional, toma para si a responsabilidade pela educação domiciliar dos filhos, em um universo composto por mais de 70% dessas famílias. A figura paterna, no geral, fica encarregado da manutenção da família, haja vista que é o único que possui renda. Contudo, convém ressaltar que, o gasto com a educação domiciliar é relativamente baixo e não ultrapassa os R\$ 200,00 (duzentos reais) mensais. E finalmente: a idade média das crianças ensinadas no lar é de 7 a 8 anos de idade (VIEIRA, 2012).

Considerando os argumentos supracitados se pode afirmar que, o ensino domiciliar no Brasil, apesar da ausência de regulamentação, tem seu nicho na classe média, entre aqueles pais que possuem nível cultural e educacional elevados. São esses pais que abrem mão de trabalhar fora para prover conhecimentos, a seus filhos dentro do lar (CHRIST, 2015).

2.1.1 O que motiva as famílias a adotarem a educação domiciliar

Com seu valor mercantil, a escola de hoje não oferece mais recursos para uma formação integral do sujeito. Ainda assim, pelo seu caráter obrigatório e monopolizado, a sociedade escolarizada acredita que a escola é o único lugar possível de se adquirir conhecimento formal (AMORIM; GRÜN, 2011).

No entanto, romper com o modo de educação escolarizado hegemônico é desafiador em uma sociedade que não admite a retirada ou a não matrícula da criança em uma escola tradicional. Ademais a legislação pátria caracteriza tal atitude como crime de abandono intelectual, conforme dispõe o art. 4º da LDB c/c art. 246 do Código Penal e também o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Constituição, que preconizam, a matrícula na rede regular de ensino é obrigatória e a falta de frequência é compreendida como negligência dos pais (CHRIST, 2015).

Observa-se, no entanto que mesmo que a educação familiar ainda seja considerada ilegal no Brasil, as motivações para se arriscar por esse caminho são várias, e vão desde a qualidade ruim das instituições de ensino no país até as de ordem econômica, religiosa, moral ou filosófica. E assim, cada vez mais pais unem-se à ANED para conseguir o reconhecimento dos ensinamentos repassados aos filhos no lar (AGUIAR, 2011).

Atualmente existe uma parcela significativa de pais que pensa na possibilidade de criar filhos fora da escola e, também os que oferecem uma educação domiciliar assumindo a responsabilidade de ensinar aos filhos, na clandestinidade. Mas a falta de uma lei que regulamente a educação domiciliar é causa de sofrimento para os pais, que enfrentam dificuldades jurídicas, além da pressão de amigos, familiares e vizinhos (BARBOSA, 2016).

Diante das perspectivas de desescolarização muitos pais pensam em tirar seus filhos das escolas formais, mas não há aceitação jurídica, e os pais enfrentam processos e muitas vezes acabam pagando multas, o que acaba por tolher tal iniciativa (BARBOSA, 2013).

De acordo com Barbosa (2009) no Brasil, apesar da legislação federal não permitir o ensino em casa para o nível obrigatório da educação escolar, vêm aumentando o número de

famílias que opta por esse tipo de ensino, tendo um caso já chegado ao Supremo Tribunal de Justiça (STJ) para análise.

De acordo com Christ (2015), os motivos que levam a família a optar por essa modalidade de ensino são vários e vão desde ideologias religiosas, morais, políticas e filosóficas, até mesmo a crença e, muitas vezes a certeza, de que as instituições de ensino, públicas ou privadas, não satisfazem as necessidades educacionais, morais e espirituais das crianças e adolescentes que ali permanecem por anos.

Para Morton (2010 apud CHRIST, 2015) a escolha por essa modalidade de ensino é uma escolha natural, e que tanto o ensino quanto a aprendizagem fazem parte do estilo e filosofia de vida da família.

Assim proporcionar aos filhos uma educação domiciliar é além da moral, também de cunho social, principalmente quando se torna necessário proteger o filho de alguma vulnerabilidade (CHRIST, 2015).

Paralelo a isso, dados sobre o ensino domiciliar, no exterior apontam como razão para escolha dessa modalidade de ensino a unidade familiar; o estreitamento dos vínculos entre os membros da família; a busca de um estilo de vida alternativo, proteção contra influências modernas e urbanas; experiências não agradáveis da escola ou experiências positivas do aprendizado fora das instituições, entre outros (VIEIRA, 2012).

A escolha por um ensino mais individualizado, voltado para melhor atender as características e necessidades das crianças vem acompanhado do objetivo de um ensino particularizado que contribui para que as crianças obtenham um melhor desempenho acadêmico, superando os alunos das escolas públicas e privadas (BARBOSA, 2013, p. 124).

Convém lembrar ainda das famílias que possuem crianças com necessidades educacionais especiais que não encontram nas escolas públicas e nem nas escolas particulares o atendimento adequado e necessário à condição de seus filhos, que possuem níveis e deficiências diferenciados, necessitando, portanto, de atendimento diferenciado, dada por especialistas (GAITHER, 2009).

No Brasil, além das convicções religiosas e morais, a opção pelo ensino domiciliar tem suporte no fracasso do sistema educacional, comprovado em pesquisas oficiais do Inep, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira e do PISA, Programa Internacional de Avaliação de Alunos, mantido pela OCDE, Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (AGUIAR, 2011).

Os índices são alarmantes, o Brasil ocupa 53º lugar no *ranking* da qualidade da educação e de acordo com a OCDE, nos últimos 14 (quatorze) anos houve uma insignificante melhora,

tendo em vista que o país é um dos últimos no quesito de Leitura, Matemática e Ciência (modalidades que são analisadas pelo PISA) (AGUIAR, 2011).

Constata-se então que esse é um dos motivos da retomada pelo interesse na educação domiciliar. Os pais não conseguem ficar inertes diante da omissão dos gestores da educação institucionalizada que não buscam prover uma educação de qualidade para o segmento infantil (CHRIST, 2015).

2.2. Tecendo breves considerações sobre o posicionamento de Vigotsky sobre o desenvolvimento infantil

Lev Vygotsky (1896-1934) desempenhou importante papel na teoria do desenvolvimento cognitivo. Duas de suas teorias: a internalização e a zona proximal de desenvolvimento exercem enorme importância e influência mesmo nos dias atuais. O estudioso acredita que o ambiente exerce influência sobre as crianças, ocorrendo o desenvolvimento de fora para dentro, a internalização (BAQUERO, 2001).

Para o autor, a “zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã - ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã” (VIGOTSKI, 1988, p. 98).

Uma forma de entender que, aquele que Rancière (2002) chama de “mestre emancipador” ajuda a criança a concretizar o desenvolvimento que está próximo, auxiliando a transformar o desenvolvimento potencial em desenvolvimento real. A criança deve ter suas potencialidades estimuladas, seus conhecimentos prévios valorizados, e, a partir deles superar suas capacidades e ir além ao seu desenvolvimento e aprendizado.

Para as crianças, os signos são um meio de contato social, sendo a fala um dos elementos que atuam sobre a formação dos processos mentais superiores. Para aprender, vários processos internos são acionados quando ela interage com outras pessoas em seu ambiente, depois de internalizados, os processos passam a fazer parte das aquisições de desenvolvimento independente da criança (VIGOTSKY, 1988).

Diante de seus estudos experimentais sobre desenvolvimento de crianças em idade escolar, o autor constata que

Processos como dedução, compreensão, evolução das noções de mundo, interpretação da casualidade física, o domínio das formas lógicas de pensamento e o domínio da lógica abstrata ocorrem todos por si mesmos, sem nenhuma influência do aprendizado escolar (VIGOTSKY, 1988, p. 88).

Na opinião de Vigotsky (2003, p. 110), “o aprendizado da criança tem início desde o seu primeiro dia de vida no convívio com aqueles que a cercam”. A criança vendo e ouvindo

ativa conexões novas no cérebro, apropria-se oralmente da língua materna, internaliza práticas sociais, manipulando a fala e outros instrumentos culturais, imita a análise intelectual, processo interpessoal, mesmo não a compreendendo completamente. Imitativamente inicia sua cognição, coloca seu pensamento num quadro de relações culturais.

Portanto, antes de ter contato com os conceitos científicos na escola, a criança já possui uma riquíssima bagagem formada por conceitos cotidianos que adquiriu na sua interação com o outro e, portanto, toda situação de aprendizagem com a qual a criança se defronta na escola tem uma história prévia que independe da escola (BAQUERO, 2001).

Considerando este cenário, é de extrema importância compreender o quanto se perdeu no processo de evolução histórica dos objetivos originais do compartilhar o conhecimento. O ensinar foi confundido com aprendizagem, e o seu valor mercantil distorceu seus objetivos (BARBOSA, 2013).

3 METODOLOGIA

Este estudo se baseia em pesquisa qualitativa, que segundo Minayo (2015) se propõe a responder questões particulares, trabalhando com o universo dos significados, crenças, valores e atitudes.

3.1 Justificativa do estudo

Educar os filhos fora do contexto escolar tem se tornado uma opção cada vez mais atraente para as famílias brasileiras. Mas romper com o modo de educação escolarizado hegemônico é desafiador em uma sociedade que não admite a retirada ou a não matrícula da criança em uma escola tradicional, pois os pais podem ser enquadrados no crime de abandono intelectual, enfrentando processos e muitas das vezes serem obrigados a pagarem multas, além de terem que ensinar os filhos na clandestinidade, e enfrentando a pressão de amigos, familiares e vizinhos, tendo em vista que esse modelo educacional, ainda não se encontra legalizado no Brasil.

Observa-se contudo, que apesar dessas dificuldades, muitas famílias tem optado por esse sistema educacional. As famílias que se veem livres das pressões da obrigatoriedade da escola tomam a responsabilidade pela educação dos filhos, envolvendo-se mais no processo de aprendizagem dos filhos.

A ANED estima que cinco mil famílias se baseiam nesse sistema para educação de seus filhos de diferentes idades. Considera-se portanto ser de grande importância compreender melhor como essas famílias discutem o processo de educação fora da escola, e que aspectos eles consideraram ao tomar essa opção. Dessa forma, poder-se-á ampliar a compreensão desse fenômeno e quiçá contribuir para as reflexões sobre desenvolvimento infantil e educação, bem como embasar as inovações escolares que se fazem necessárias na nossa sociedade.

3.2 Objetivos

3.2.1 Objetivo geral

Discutir como as famílias compreendem a educação dos filhos fora do contexto escolar.

3.2.2 *Objetivos específicos*

- Investigar os fatos motivadores que levam pais a retirar seus filhos da escola;
- Investigar como se deu a organização das famílias que optaram por esse sistema na educação dos filhos.

3.3 Participantes da pesquisa

O estudo foi realizado junto a quatro famílias residentes de quatro Estados brasileiros diferentes: Distrito Federal, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Cada família assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) e permitiu que seus nomes verdadeiros fossem divulgados, exceto pelos nomes que serão citados como “cônjuge” no decorrer da análise dos dados levantados.

3.4 Instrumentos da pesquisa

A pesquisa foi realizada valendo-se de um roteiro de entrevista semiestruturado (APÊNDICE A).

3.5 Procedimentos da coleta de dados

As entrevistas foram realizadas pessoalmente, por telefone ou via internet. As sessões de entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para facilitar análise dos dados.

Como dito, o instrumento utilizado foi um roteiro semiestruturado de entrevista que serviu para nortear a interação do pesquisador com o entrevistado, de forma a permitir a possibilidade de emergir em novas informações fora de um esquema padronizado de perguntas.

3.6 Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada através da análise de conteúdo, que é definida por Bardin (2006, p. 38) como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Foi realizada uma classificação dos elementos constitutivos da entrevista, por diferenciação e, seguidamente por reagrupamento, segundo o gênero (BARDIN, 2006).

Assim, os critérios que nortearam o processo de categorização foram: os tópicos mais frequentes no conjunto de entrevistas ou outros que apresentavam relevância na literatura. As categorias temáticas elencadas nesse estudo foram:

- 1 – Por que retirar os filhos da escola?
- 2 - Ocupação dos pais das crianças educadas fora do contexto escolar;
- 3 - Valorização da criatividade no processo de desenvolvimento/aprendizagem;
- 4 - O respeito ao desejo da criança de sair da escola;
- 5 - Socialização da criança.

Vale ressaltar que tais categorias temáticas adotadas foram discutidas buscando relacionar os dados construídos com o referencial teórico consultado e discutido na revisão de literatura, inicialmente aqui apresentada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram apresentados de forma sucinta, com a finalidade de traçar o perfil de cada família participante da pesquisa, doravante denominados, **F1, F2, F3, F4**, respectivamente, bem como suas percepções e sentimentos sobre a desescolarização dos filhos.

Inicialmente, optou-se por discutir os dados em dois momentos complementares. Primeiramente, apresenta-se as famílias junto à análise com discussão dos temas em relação à literatura consultada. Em seguida, complementa-se apresentando as categorias temáticas em quadros que ilustram como cada família se posicionou.

4.1 Apresentação das famílias e discussão das categorias

4.1.1 Família 1: Nathalie, Anderson e a filha Sarah

Moradores do Rio de Janeiro, a família 1 (F1) é composta por Nathalie Gouhie, trinta e quatro anos, casada com Anderson Rodrigues, trinta e sete anos e a filha Sarah de quatro anos. A F1 pratica o *unschooling*, caracterizado pelo conhecimento adquirido segundo os interesses da criança.

Nathalie e Anderson, ou melhor, os pais da F1 eram funcionários públicos, quando o pai decidiu abrir mão de seu emprego, enquanto a mãe reduzia sua carga horária no trabalho para que tivessem mais tempo presente no desenvolvimento e aprendizado da filha, logo que a retiraram da creche.

É possível depreender do discurso da F1 que há um desejo de uma educação livre e que suas práticas revelam uma aproximação no que se refere ao rompimento de uma lógica escolarizada. Enquanto a F1 afirma não ser do interesse reproduzir a escola em casa, mas aproveitar cada momento como uma ocasião propícia de “aprendizagem contínua”. Referem que foi dando voz à sua filha Sarah, de 4 anos, que começaram a trilhar os caminhos de seu aprendizado fora da escola, em virtude das experiências negativas da filha no contexto escolar. F1 matricula a filha em uma instituição de ensino circense, pois a criança demonstra interesse pelas atividades daquela área, como se pode constatar no trecho extraído da entrevista concedida pela F1:

“Sarah tem interesse por circo, ela adora circo. Então a gente a colocou numa aula que é uma vez por mês, que foi o que a gente conseguiu de circo ela vai, e a gente tenta ensinar as coisas assim conforme vão aparecendo. A gente não tem uma preocupação com “Ai, a gente tem que alfabetizar”. Acho que quando for a hora ela vai demonstrar isso”.

Essa atitude dos pais pode ser respaldada pelos argumentos de Illich (1985) que argumenta que a proposta para a desescolarização de uma sociedade se iniciaria em organizar encontros entre pessoas dispostas a compartilhar suas habilidades se desvinculando assim de instituições de ensino para o aprendizado de uma habilidade. Mas compartilhar habilidades significa, para aquele que compartilha, perder o posto de único conhecedor e vendedor daquele conhecimento, e possivelmente nem todos estariam preparados para momentos como esses. Nesse sentido, a matrícula da filha, da F1, em uma nova instituição se diferencia da matrícula em escola regular pelo simples fato de que agora, quem decidiu seu interesse e área de aprendizado foi a própria criança.

A F1 relata ainda um dos episódios ocorridos na antiga escola da filha e que pode ter desencadeado o medo por animais. A mãe critica a escola e afirma que o interesse pela padronização do currículo está diretamente relacionado pela falta de interesse nos processos individuais das crianças.

“...nessa creche tinha um projeto com um biólogo que ele levava um bicho toda semana para as crianças conhecerem, ela até hoje tem medo de cachorro e de gato. E a gente está aos poucos tentando vencer isso. [...] a escola padroniza. Então todo mundo vai gostar de bichinho, então bora botar um bichinho na mão de todo mundo. E de repente uma criança não está preparada pra aquela experiência, mas tem que passar porque é o programa”.

Para a Gestaltpedagogia, o ensino deve basear-se nos métodos vivenciais e para isso o professor precisa carregar consigo um senso de criatividade. A atuação no aqui-agora exige do professor sensibilidade de compreensão, onde, por exemplo, seria esperado do professor que ele soubesse que nem todas as crianças participariam daquela atividade (BUROW; SCHERPP, 1985). Essa “nova atitude” do professor, exigida pela Gestaltpedagogia, declara a necessidade de um olhar sobre as influências que as experiências que serão ali vividas têm sobre aquela criança.

Ainda que, o pai e a mãe de Sarah, tenham seus argumentos para mantê-la fora da escola, a mãe relata que não se limitam a essa decisão e que, caso a filha expresse interesse em retornar para a escola, ela terá apoio para o retorno. Para se manter atualizada sobre o assunto, dialoga com a filha:

“Tá com saudade da escola? “Não”. Mas porque não? “Por que é chato, mamãe. Porque toda hora a Tia Silvia tem que fazer uma coisa e manda a gente fazer uma coisa, é muito cansativo, e eu não gosto” E eu sinto muito isso, porque a Sarah está muito mais criativa, porque ela fica no ócio, e o ócio é criativo”.

Para a família, F1 a retirada da filha da escola, tornou-a muito mais criativa. A sobrecarga de atividades na escola impedia o que Tânia de Vasconcellos (2009) descreve ser como sede dos processos emancipatórios e do exercício da liberdade. O que a autora chama de “ociosidade amorosa”, é a sua crença de que esse momento de livre e espontânea produção da criança gera práticas educativas. A Educação Infantil, cita a autora, precisa retomar sua proposta de “espaço da criança e não do aluno, da atividade e não da aula, com sua atenção voltada à produção de intersubjetividades, às diferenças, ao brincar e às lógicas que escapam à tirania do capital” (VASCONCELLOS, 2013, p. 38)

Esse momento livre, de ócio, pode ser encontrado no discurso da mãe de Sarah no trecho a seguir:

“...ela está lá nos brinquedinhos dela, com uma graminha no quintal e tal, e aquele bichinho tá voando, e é uma fada que não sei quê. Aí eu fico observando, e ela tá indo embora fantasiando. Então assim, não posso mexer naquilo ali, deixa ela quieta que ela está criando. E eu acho que isso ela não tem na escola. Porque toda hora ela tem que fazer uma coisa que tia Silvia quer que ela faça”.

Defendendo essa ideia, Sêneca afirma que o ócio revela o que o homem é e acontece quando está entregue a si, liberto dos seus afazeres e atividades do cotidiano. Momento livre de descoberta e expressão livre do eu (OLIVEIRA, 2011).

4.1.2 Família 2: Ricardo Dias e Lílian, e os filhos Lorena e Guilherme.

Família composta por Ricardo Dias e a esposa Lílian, ambos com quarenta e cinco anos de idade, pais de Lorena de dezessete anos e Guilherme de treze anos, moradores de Brasília e naturais de Salvador.

Ricardo é consultor comercial, graduado em Publicidade e atual Presidente da ANED (Associação Nacional de Educação Domiciliar). Lílian é dona de casa, a família pratica a Educação Domiciliar, também conhecida como “aprendizagem estruturada tradicional”, com horários pré-estabelecidos para atividades de estudos, e atividades domésticas.

A família Dias, aqui denominada F2, é uma família diferentemente engajada no processo de Educação Domiciliar. O pai Ricardo Dias, ao iniciar suas pesquisas sobre como seria o processo de retirada dos filhos da escola, percebeu que precisaria ensinar algo inicial aos seus filhos que os tornaria autônomos ao processo de aprendizagem:

“Ensinar em casa não é ensinar conteúdo. A gente trabalha com os conteúdos sim, meus filhos trabalham com os mesmos livros que outras crianças trabalham em escolas, certo? Mas não é ensinar conteúdo. [...] ensinar em casa, é ensinar o menino

a aprender. Ensinar ele a estudar, a se debruçar sobre um conteúdo, fazer pesquisa correta. ”

Rancière (2002) descreve algo bastante parecido com o que o pai da família intenciona. No relato acima, o pai se refere ao fato de que para praticar o ensino domiciliar não é preciso saber disciplina alguma, mas sim, ter características de um mestre emancipador. Mestre esse que não se preocupa em esmiuçar um conhecimento a fim de repassá-lo de forma mais detalhada e compreensível possível para o outro sem que esse nem ao menos precise buscar pela informação, pois se acredita, desde o início que esse outro nem seria capaz de fazê-lo por si só. Ser um mestre emancipador é acreditar que não existe inteligência alguma subordinada a outra e sim que todas são iguais. É saber estimular a curiosidade do aprendiz e a busca da fonte do conhecimento (RANCIÈRE, 2002).

Assim como a família F2 cita no seu relato, Rancière (2002) afirma que, é possível um pai ignorante e pobre, por exemplo, ensinar os seus filhos, não sendo necessário que ele saiba conteúdos para ensinar, mas tão somente mostrar ao outro que ele é capaz de compreender por si só a informação desejada ou procurar recursos para alcançar o conhecimento.

Uma das críticas levantadas pela família F2 sobre a instituição pública em que seus filhos estudavam, seria o fato de que as disciplinas eram trabalhadas isoladamente (português, matemática, redação, artes...) e por tempo estipulado pela escola, geralmente dedicando 50 minutos por tema.

“O professor está estudando fração com você na escola, você começa a entender aí a campainha toca, o professor fecha o livro imediatamente e fala assim “Agora fecha o livro, guarda que é aula de Português”. Esse corte, no seu raciocínio, você não precisa dele na Educação Domiciliar”.

Para o pai o que realmente interessa é o aprendizado que gera prazer, fruto da liberdade de poder seguir pesquisando e descobrindo o que lhe interessa o que torna o aprendizado significativo. Assim como para a Gestaltpedagogia, o ensino de disciplinas isoladas é artificial, pois essa divisão não existe no mundo físico e real. As escolas, ao menosprezar esse aspecto integrativo de que todo conhecimento está interligado, gera dificuldades para o sujeito, posteriormente, em constituir um significado a partir de conhecimentos fracionados. Ao contrário, a pedagogia da Gestalt exige o aprendizado em unidades integradas em conteúdo correspondentes aos contextos reais de vida (BUROW; SCHERPP, 1985).

Dentre as muitas atividades que F2 realiza junto aos seus filhos, uma delas é a realização de redações a partir de reportagens de jornais:

“Eu pegava o jornal, levava pra casa, e escolhia uma matéria. Recortava, dava uma matéria pra cada um e falava assim, ó: leia essa matéria e faça uma redação sobre ela. As primeiras redações tinham cinco linhas, especialmente as dele, né, mas depois às vezes eles escrevem vinte ou trinta linhas. E depois de um tempo, eu achei interessante que eles começaram a ler as matérias nos jornais e fazer críticas”.

Para que isso fosse possível, F2 destaca que a etapa de ensinar a buscar o conhecimento foi essencial. Gerar espaços de aprendizado e se tornar disponível, para seus filhos, são recursos de aprendizagem que fazem parte da proposta de desescolarização de Ivan Illich. Para o autor, a qualidade do meio-ambiente e o relacionamento do sujeito com ele, irá determinar o quanto ele irá aprender (ILLICH, 1985).

No caso da família F2, os motivos que o levaram a retirar seus filhos da escola foram exatamente questões de relacionamento com o meio de ensino-aprendizagem. Situações vividas ou presenciadas como bullying, uso de drogas, pressões sociais e violência dentro da escola foi o estopim para que a família Dias tomasse a decisão. *“Chegou ao ponto da minha filha me pedir para sair da escola”*. Para o pai, os valores hoje oferecidos no ambiente escolar se distanciam do que eles escolheram para seus filhos.

Ainda que essa seja uma família que pratique a Educação Domiciliar e utilize o currículo do MEC como plano diretor do ensino de seus filhos, Ricardo entende que *“desescolarizar a mente é entender que se é possível aprender fora da escola”*, no sentido de que o conhecimento que é passado dentro de sala de aula é todo produzido fora da escola e que achar que a escola é o único ambiente passível de aprendizado é algo construído e fruto das consequências da revolução industrial e agora encaixado no inconsciente coletivo.

Para os pais, além do “mito” sobre a escolarização, lidam também com os questionamentos sobre a socialização dos filhos. Refere que semanalmente eles estão em contato com os ex-colegas de escolas e amigos do bairro. Além disso, *“a gente vai trocando experiência entre as famílias que são os grupos de apoio, e a gente se junta, pelo menos uma vez por mês os pais e as crianças de todas as idades”*. Afirma ainda que nos eventos culturais organizados pela família e amigos há uma socialização de diferentes faixas etárias, que na escola é muito limitada. Juntos, Ricardo relata que a organizam eventos como recitais de poesias e redações escritas pelos próprios jovens, aulas em espaços públicos onde os professores são as próprias crianças, muitas vezes. Para todos os outros momentos, F2 afirma que a educação domiciliar deveria ser chamada de *‘educação familiar desescolarizada’*

“[...] por que ela não acontece no domicílio só, ela acontece no seio da família, entende? Você está dirigindo, seu filho está lá com você no carro, com ele na rua, e

aí tem uma passeata. Aquilo é um movimento social, surge um questionamento, é a hora de ensinar, aproveitar tudo. Então às vezes minha esposa está fazendo um bolo na cozinha e está falando um pouco sobre medida de capacidade com minha filha, né? E assim, então são as oportunidades que a gente vai aproveitando, então ela ocorre na verdade em todo tempo”.

4.1.3 Família 3: Renata e Esposo, e os filhos Bruno, Felipe e Isac

Composta por Renata, trinta e dois anos de idade, casada, mãe de Bruno de doze anos, Felipe de onze anos e Isac de quatro anos.

Moradores de Contagem/MG, a família F3 pratica a educação domiciliar alegando que adotam uma *“certa flexibilidade para sempre poderem testar algo que funcione melhor para os filhos: materiais diferenciados, sem pressão do aprendizado do currículo escolar padrão”*.

Renata é casada há 13 anos e optou por não trabalhar para ficar em casa com os filhos. O casal retirou os filhos da escola quando perceberam que haviam perdido a vontade de estudar.

A favor do filho Felipe, Renata começou a pesquisar sobre a *homeschool*. Na época, o filho que hoje tem 11 anos, tinha apenas 9 anos, já acordava todos os dias pedindo para não ir à escola: *“Ele nunca gostou da escola. Todos os dias ele acordava pedindo pra não ir à escola. Era pra ele uma tortura estar lá”*, relata a mãe F3. Durante o período de estudo sobre o tema, a família descobriu o daltonismo do Felipe, motivo pelo qual ele começou a ter diversos problemas na escola chegando ao ponto da própria professora dizer que o modelo da escola mais atrapalhava do que favorecia o aluno. Nesse momento, a mãe F3 decidiu retirar os três filhos da escola.

“As meninas de 11 anos todas já tinham uma vida de namoro, umas conversas muito esquisitas, e ele não combinava com isso. Um mês depois que eu tirei ele da escola, em um dos passeios nossos ele já voltou a brincar, ele corria, ele brincava”. Renata, ao se referir ao filho mais velho, revela a diferença do comportamento de seu filho que antes demonstrava comportamentos adultizados e erotizados advindos do ambiente escolar. Segundo a mãe, além de ter voltado a ser criança o filho voltara a ter os pensamentos dele, opiniões dele, o que havia perdido na escola.

O contato com o meio e com o objeto de conhecimento, aspectos muito valorizados na Gestaltpedagogia, procura identificar como este se integrará à sua totalidade. A compreensão dos campos onde o sujeito está inserido, a família e a escola, indicam onde, por exemplo, uma intervenção poderia ser realizada. Para Meira (2000), em uma ótica gestáltica, as crianças necessitadas de ajuda possuem alguma dificuldade em suas funções de contato e tendem a

adotar algum tipo de comportamento que lhes serve de defesa, como pode ter sido o caso da adultização das crianças da turma de Bruno, integrante da F3.

Renata, matriarca da família F3, relata ainda que o ânimo para estudar foi ‘automático’ após a saída da escola. A princípio a família se arriscou a seguir o currículo da escola em casa, mas sempre seguindo o próprio ritmo deles. Segundo a mãe *“o que a escola ensinava em um mês, eles aprendiam às vezes em uma semana, e tinha certos assuntos que tinha mais dificuldade que ‘agarrava’.* Às vezes demorava um mês para aprender aquele assunto”, mas a liberdade para aprender com calma fez com que o processo não fosse estressante como era na escola.

Para a Gestaltpedagogia, por exemplo, esse sistema de padronização de achar que todo mundo consegue seguir o mesmo ritmo, ter as mesmas notas, etc., apenas desmotiva os alunos.

A família F3 se organizou da seguinte maneira: pela manhã fazem os estudos utilizando diversos recursos disponíveis como vídeo-aulas, documentários, filmes e trabalham juntos em projetos escolhidos pelas crianças. Segundo a mãe *“a gente consegue aprender qualquer coisa hoje em dia. A internet disponibiliza qualquer assunto que você procurar”.*

Acredita-se que o uso da tecnologia moderna possibilita essa liberdade nos moldes propostos por Illich. O objetivo das teias de aprendizagem deve ser facilitar o contato com o conhecimento; fazer com que o acesso às coisas esteja disponível ao simples ‘aceno do aprendiz’ (ILLICH, 1985).

Além disso, os integrantes da família F3 relatam que possuem metas de leitura diária, resumos de livros didáticos, etc. Durante o período da tarde cada um tem suas atividades artísticas e corporais como: aula de desenho, esportes, curso de violão.

4.1.4 Família 4: Carla Ferro, Dênis e a filha Gaia

Composta por Carla Ferro, Dênis e a filha Gaia de 7 anos, essa família moradora de São Paulo, pratica o *unschooling* com a filha sempre bastante orientados às experiências do dia-a-dia e aos projetos com a comunidade.

Carla Ferro, mãe de Gaia, ao contrário das outras famílias que precisaram retirar seus filhos da escola, nunca matriculou a sua em uma. Carla afirma que *“quando eu decidi não colocar a minha filha na escola é porque eu realmente achei que ela não precisava. Em nenhum momento foi uma decisão definitiva, ainda hoje não é”.*

Para F4, a aprendizagem acontece sem um plano, de forma espontânea aonde a filha vai manifestando seus interesses e explorando esses interesses. “A educação é tão inconcebível à

margem da vida como a combustão sem oxigênio ou a respiração no vácuo” (VIGOTSKI, 2003, p. 301).

Na escola tradicional, os recursos físicos de aprendizagem (como livros, ferramentas, aplicativos de aprendizagem) foram reduzidos a instrumentos de ensino específicos de alguma área ou disciplina os quais, em sua maioria, acredita-se ser necessário algum especialista (geralmente encontrado em alguma instituição escolar) para ensinar. Illich (1985) propõe um compartilhamento de habilidades, por exemplo, o que evitaria a transformação de recursos naturais de aprendizagem em instrumentos de ensino controlados. Para o autor, basicamente, esse compartilhamento de habilidades necessitaria de alguém que se interessasse em ensinar e alguém interessado em aprender.

Com relação à socialização, a mãe, Carla Ferro, afirma que *“não tem uma estrutura física. Os encontros acontecem quase sempre em espaços físicos periódicos. Então, por exemplo, tem um grupo, o Barro Molhado, a gente se encontra 3 dias por semana numa biblioteca, um dia da semana na casa de uma das pessoas...”*.

Com relação à sua organização de trabalho, Carla afirma:

“eu trabalho com tradução, trabalho sempre de forma autônoma, trabalho com cooperação científica, com universidades, prestando consultorias para desenvolvimento internacional, escrevo e acabei começando a trabalhar também com configuração de espaço de livre aprendizagem em cidades. Então são trabalhos que me permitem estar em contato com essa coisa da aprendizagem e ensino e também acompanhar a minha filha nas próprias experiências dela e proporcionar para ela experiências de vários tipos para ela poder aprender de acordo com o que ela gosta, com aquilo que ela se interessa”.

4.1.5 Categoria: Por que retirar os filhos da escola?

Quadro 1: Por que retirar os filhos da escola?

POR QUE RETIRAR OS FILHOS DA ESCOLA?	DESCRIÇÃO
F1	“Aí eu tirei ela daquele ambiente que eu já tava insatisfeita porque eu vi uma coisa de aceleração e tipo, milhares de atividades pra criança na creche: é ballet, natação, informática, gente, coisa mais insana. Elas ficam sendo colocadas de uma atividade para outra o tempo todo. Nas atividades fora da escola eu via a agitação das crianças e muita agressividade.”

F2	“Ele tava apanhando de um garoto 3 anos mais velho que ele. E eu não sabia porque que o menino tava batendo nele e comecei a conversar e ele falou assim “Pai, ele disse, ele tá me batendo porque ele descobriu que eu sou Baiano [...] Até o dia que a gente se cansou. Chegou ao ponto da minha filha me pedir pra sair da escola. Ser forçada a beijar um garoto, isso eu não posso aceitar, entende?”
F3	“... ele nunca gostou da escola. Todos os dias ele acordava pedindo pra não ir à escola. Então assim, era pra ele uma tortura tá lá. Aí nesse meio tempo a gente descobriu que ele era daltônico e aí ele começou a ter muitos problemas na escola [...] E aí, o mais velho ia muito bem, mas ele perdeu a vontade de estudar. Ele teve alguns problemas com uma professora, com uma matéria e ele perdeu o gosto.”
F4	Nunca matriculou a filha na escola. Acredita que a escola restringiria o modo de vida livre que os pais levam.

Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando o Quadro 1, a família 1 relata situações nas quais percebeu mudanças de comportamento da filha: competitividade, agressividade, além de um retrocesso no processo de alimentação que, segundo a mãe, a escola oferecia comidas muito líquidas e em casa a filha não comia mais comidas sólidas. Para a mãe da família 1, a única angústia da família era para tomar a decisão da retirada, mas depois que o fizeram a sensação sentida foi de paz.

A família 2 relata que os episódios de violências, bullying e pressões sociais vivenciados pelos filhos em uma escola pública que frequentavam foram os motivadores para os pais estudarem as alternativas sobre como então funcionaria a educação dos filhos fora da escola.

A família 3 afirma que em sua comunidade em Contagem/MG algumas famílias já eram praticantes da educação fora do contexto escolar. Quando decidiram por retirar seus filhos da escola, conhecer outras famílias foi importantíssimo para o processo de retirada dos filhos da escola. Para a mãe, era uma tortura para os filhos irem para a escola, uma vez que um dos filhos perdeu o interesse pelos estudos e o outro, não tinha o devido suporte da escola para um aprendizado que atendesse sua particularidade e quadro de daltonismo.

4.1.6 Categoria: Adaptação profissional dos pais

Quadro 2: Adaptação profissional dos pais

ADAPTAÇÃO PROFISSIONAL DOS PAIS	DESCRIÇÃO
F1	“Aí no dia que eu assimilei isso a resposta veio um pouco de mim, porque eu dei a proposta para ele: “Meu trabalho é tranquilíssimo, eu trabalho de 13 às 19. Reduzindo jornada, são 6 horas, é só a tarde, passava a manhã inteira com a Sarah, você não passou. Você (esposo) não curtiu nada, então sai você (do emprego) ”.
F2	Não relata nada sobre, mas a esposa é dona de casa.
F3	“Opção minha. Nunca trabalhei. Eu tenho 13 anos de casado e nunca trabalhei. Foi opção minha mesmo ficar em casa com eles”.
F4	“Eu trabalho com tradução, com cooperação científica, universidades, prestando consultorias para desenvolvimento internacional. Acabei começando a trabalhar também com configuração de espaço de livre aprendizagem em cidades. São trabalhos que me permitem estar em contato com essa coisa da aprendizagem e ensino e também acompanhar a minha filha nas próprias experiências dela e proporcionar para ela experiências de vários tipos para ela poder aprender de acordo com aquilo que ela se interessa.

Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando o Quadro 2, convém lembrar que na análise de conteúdo da família F1, do Rio de Janeiro, ficou claro que eles resolveram dedicar mais tempo ao desenvolvimento da filha de 4 anos, e praticam o *unschooling*, colocando a filha Sarah como agente diretivo do aprendizado, escolhendo o que estudar, quando estudar e até mesmo se quer estudar. Enquadrando-os na categoria adaptação do emprego/trabalho dos pais constata-se que para isso, o pai abriu mão do emprego público e a mãe reduziu a carga horária no trabalho.

Já a análise de conteúdo da família F2, moradores de Brasília/DF, mostra que o pai tem amplo conhecimento quando o assunto é desescolarização, tendo em vista que o mesmo é o atual presidente da Associação Nacional de Educação Domiciliar. Essa família, vinda de Salvador, na Bahia, reside em Brasília e o pai juntamente com a mãe que é dona de casa optaram pela educação domiciliar, posto que os valores hoje oferecidos no ambiente escolar se distanciam do que eles escolheram para seus filhos, de 17 e 13 anos.

No que se refere a família F3, moradores de Contagem/MG, eles alegam praticar a educação domiciliar com flexibilidade sempre procurando o melhor para os filhos (12, 11 e 4 anos), por isso a mãe optou por não trabalhar para acompanhar os filhos.

A análise de conteúdo da entrevista da família F4, moradores do Rio de Janeiro, mostra que a mãe de Gaia (7 anos) pratica o *unschooling* com a filha. Ela trabalha de forma autônoma e mantém contato com aprendizagem e ensino o que permite um acompanhamento mais profícuo do desenvolvimento da filha que nunca foi colocada na escola.

4.1.7 Categoria: Valorização da criatividade no processo de desenvolvimento/aprendizagem

Em se tratando da categoria “valorização da criatividade no processo de desenvolvimento/aprendizagem” o Quadro 2 mostra a opinião das famílias sobre esse quesito:

Quadro 3: Valorização da criatividade no processo de desenvolvimento/aprendizagem

VALORIZAÇÃO DA CRIATIVIDADE	DESCRIÇÃO
F1	“[...] a Sarah está muito mais criativa. Muito. Porque ela fica no ócio, e o ócio é criativo. Então, ela está lá nos brinquedinhos dela, com uma graminha no quintal e tal, e aquele bichinho está voando, e é uma fada que não sei quê. Aí eu fico observando, e ela está indo embora fantasiando. Então assim, não posso mexer naquilo ali, deixa ela quieta que ela tá criando.”
F2	A família alega que ensinar em casa não é ensinar conteúdo e sim autonomia: “ensinar os filhos a aprender, se debruçando sobre o conteúdo fazendo a pesquisa correta”.
F3	“Em um dos passeios nossos ele já voltou a brincar, ele corria, ele brincava, ele andava de bicicleta e ele mesmo já voltou a ter os pensamentos dele, opiniões dele, essas coisas ele tinha perdido. Ele já voltou assim. E o ânimo para estudar foi assim automático também. ”
F4	“Em relação, por exemplo ao futuro profissional da Gaia, porque eu acredito que hoje ela vive num ambiente bastante diverso se relacionando com muita gente e consegue ter tempo suficiente, espaço suficiente para descobrir o que ela gosta de fazer, o que ela quer fazer. O que ela sabe fazer, e desenvolver várias habilidades.

Fonte: Elaborado pela autora.

A análise de conteúdo da família F1, na categoria que aborda a valorização da criatividade, a fala da entrevistada não deixa dúvida que afastar a filha da creche e inseri-la em uma instituição circense a tornou mais criativa. Ademais, a escolha da área de aprendizagem partiu da própria filha que se mostrava insatisfeita com a sobrecarga de atividades na escola.

No que diz respeito a análise de conteúdo da família F2, no quesito criatividade, os pais preconizam o aprender a estudar. Para o pai o que realmente interessa é o aprendizado que gera prazer, fruto da liberdade de poder seguir pesquisando e descobrindo, de forma autônoma, o que lhe interessa o que torna o aprendizado significativo. Eles ressaltam o aproveitamento das oportunidades de ensino que ocorrem a todo momento. Para a família F2 “desescolarizar a mente é entender que se é possível aprender fora da escola”.

A família F3 ressalta que com a desescolarização o ânimo pelo estudo foi retomado. Além disso o aprender com calma fez com que o processo não fosse estressante como era na escola. Houve ainda mudanças no comportamento do filho que deixou de lado atitudes adultizadas, voltando a ser criança com pensamentos e opiniões próprias.

Analisando a categoria que aborda a valorização da criatividade no processo de desenvolvimento/aprendizagem a matriarca da família F4 que optou por não colocar a filha na escola, deixa claro que seguir um currículo estabelecido pela escola não é algo interessante, pois em se tratando da filha Gaia, a aprendizagem acontece sem um plano de forma espontânea, de acordo com o interesse da criança, cabendo a família acompanhar e proporcionar experiências de vários tipos para que a filha aprenda o que gosta o que desperta seu interesse.

4.1.8 Categoria: O respeito ao desejo do filho para sair da escola

No que diz respeito a categoria “o respeito ao pedido do filho para sair da escola” o Quadro 4 espelha os dados extraídos da entrevista feita com as famílias participantes da pesquisa.

Quadro 4. O respeito ao desejo do filho para sair da escola

O RESPEITO AO DESEJO DO FILHO	DESCRIÇÃO
F1	Analisando o conteúdo do dialogo da mãe com a criança percebe-se que a opinião da filha é respeitada: “Tá com saudade da escola? “Não”. Mas porque não? “Por que é chato, mamãe. Porque toda hora a Tia Silvia tem que fazer uma coisa e manda a gente fazer uma coisa, é muito cansativo, e eu não gosto”
F2	“Chegou ao ponto da minha filha me pedir para sair da escola. Porque ela com 11 anos, nunca tinha beijado na boca como se uma menina de 11 anos tivesse que já ter beijado na boca, pelo menos eu acho cedo demais para isso, mas então ela era tachada de BV. Até aí tudo bem, que eu ia dizer “Filha, não se importe com isso, se você é BV, deixa chamar.

	Agora, ser forçada a beijar um garoto, isso eu não posso aceitar, entende?”
F3	“E aí começou a surgir famílias aqui próximas a mim, que faziam, né, educação domiciliar, e a gente resolveu tomar a decisão. Chamei eles e perguntei se eles queriam, eles já queriam muito. Que eles viam os amigos deles aqui fazendo educação domiciliar, e aí eles... Quando a gente chegou no acordo que então iria tirar a gente tirou.”
F4	A família não formalizou nenhum comentário sobre o assunto. Vale lembrar que a filha Gaia nunca foi matriculada em uma escola.

Fonte: Elaborado pela autora

No que se refere a categoria, respeito ao pedido do filho para sair da escola, o diálogo da mãe com a filha deixa claro que a família F1 respeita a opinião da criança de não frequentar a escola. Ademais é possível depreender do discurso da F1 que há um desejo de uma educação livre e que suas práticas revelam uma aproximação no que se refere ao rompimento de uma lógica escolarizada.

Já a família F2 diante das situações vivenciadas e por vezes presenciadas no ambiente escolar acharam por bem tomar a decisão de atender à solicitação da filha de sair da escola, tendo em vista que os valores passados no âmbito deste ambiente se distanciam e muito do que eles escolheram para os filhos. Portanto houve respeito a ao pedido dos filhos para sair da escola.

A família F3 alega que retiraram os filhos da escola quando perceberam que eles haviam perdido a vontade de estudar. Para a tomada de decisão eles dialogaram com os filhos e decidiram juntos que a melhor opção era a educação domiciliar.

Em se tratando da família F4 observa-se que a filha jamais foi matriculada em uma escola. Portanto, não há como opinar sobre a categoria proposta.

4.1.9 Categoria: Socialização

O quadro 5, a seguir traz a categoria socialização com as opiniões dadas pelos participantes da pesquisa, durante a entrevista:

Quadro 5. Socialização

SOCIALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO
F1	

	Não opinou sobre o assunto.
F2	Semanalmente estão em contato com os ex-colegas de escolas e amigos do bairro. Além disso, “a gente vai trocando experiência entre as famílias que são os grupos de apoio, e a gente se junta, pelo menos uma vez por mês os pais e as crianças de todas as idades”. Afirma ainda que nos eventos culturais organizados pela família e amigos há uma socialização de diferentes faixas etárias, que na escola é muito limitada.
F3	“Durante o período da tarde cada um tem suas atividades artísticas e corporais como: aula de desenho, esportes, curso de violão”
F4	“Não tem uma estrutura física. Os encontros acontecem quase sempre em espaços físicos periódicos. Então, por exemplo, tem um grupo, o Barro Molhado, a gente se encontra 3 dias por semana numa biblioteca, um dia da semana na casa de uma das pessoas e outro dia”

Fonte: Elaborado pela autora.

Na categoria “Socialização” a família F1 não emitiu opinião sobre o assunto.

Por outro lado, a família F2 afirma que no quesito socialização, os filhos semanalmente estão em contato com os ex-colegas de escolas e amigos do bairro, tudo isso aliado a troca de experiências entre as famílias que fazem parte do grupo de apoio. Há ainda eventos culturais organizados pela família e pelos amigos que incluem recitais de poesias e redações escritas pelos próprios jovens, aulas em espaços públicos onde os professores são as próprias crianças.

A família F3 mesmo sem explicitar o termo socialização deixa claro que ela faz parte da rotina dos filhos quando afirma que durante o período da tarde cada um tem suas atividades artísticas e corporais como: aula de desenho, esportes, curso de violão, o que se subentende socialização.

Já a família F4, quando se trata da categoria socialização alega prestigiar e organizar projetos com a comunidade, bem como os encontros com grupo três vezes na semana na biblioteca e os encontros na casa de um dos integrantes do grupo que ocorrem uma vez por semana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tomar como estudo o fenômeno da educação fora da escola, no Brasil, percebeu-se que a cada dia que passa mais famílias afastam os filhos da escola em busca de uma educação que atenda às necessidades específicas deles.

Contudo, na contramão de países desenvolvidos, no Brasil, o ensino domiciliar é alvo de controvérsias, tendo em vista que essa modalidade de ensino não encontra abrigo no ordenamento jurídico, que embora não proíba expressamente, tampouco permite ou regula sua adesão, impondo a obrigatoriedade da matrícula de crianças e jovens, entre 4 e 17 anos, no sistema educacional oficial, conforme previsão expressa na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996.

Apesar disso, constata-se a opção de inúmeras famílias, espalhadas por diferentes regiões do País que resolveram tirar os filhos da escola, e aderir as diferentes alternativas à escolarização.

O estudo demonstra que em grande parte o discurso dos familiares – participantes do estudo - que optaram por essa metodologia de educação dos filhos tecem argumentos que remetem às ideias e pressupostos de diversos estudiosos da psicologia, elencados na revisão de literatura, tais como Ivan Illich, John Holt, Paul Goodman e Vigotsky. Além disso, o estudo aponta que todos os pais entrevistados apresentam nível superior completo e pertencem à classe média. Verifica-se assim, a partir do contato com as famílias e amigos das famílias entrevistadas que a educação fora da escola não parece ser uma opção viável para famílias de baixa renda. Além disso, todos os pais entrevistados são casados, o que se tornou um fator facilitador para a decisão de retirar os filhos da escola, uma vez que puderam se reorganizar para manter pelo menos um dos membros do casal com mais horários disponíveis durante os turnos do dia e acompanhar o processo de desenvolvimento dos filhos.

O estudo aponta ainda que todas as crianças estão apresentando um desenvolvendo compatível com o esperado para a idade deles, mesmo fora do contexto escolar. Dessa forma essas famílias, tecem críticas à institucionalização da educação na sociedade contemporânea, preconizando o rompimento da crença de que para aprender algo, ou até mesmo ter acesso ao conhecimento é preciso estar na escola, mostrando-se favorável à condução autônoma do aprender apoiada em relações sociais de convivência numa intencionalidade fluida e não institucionalizada.

Considera-se finalmente que os objetivos do estudo foram contemplados, e que os aspectos pontuados pelos pais encontram consonância na literatura consultada.

Sugere-se estudos posteriores sobre o tema que possa enriquecer o conhecimento na área e com isso possa favorecer a construção de novos espaços de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. R. P. **Instrução Pública no Brasil (1500 - 1889) História e Legislação**. 2 ed - rev. São Paulo: EDUC, 2000.
- AGUIAR, A. M. F. M. **A situação jurídica do Ensino Domiciliar no Brasil**. Brasília: ANED, 2011. Disponível em: <<https://www.aned.org.br/>> Acesso em: 6 abr. 2018.
- ALEXANDRE NETO, M. M. de O. **Quem tem medo de *homeschooling***. 2016. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/estudos-e-notas-tecnicas/areas-da-conle/tema11/2016-14308_quem-tem-medo-de-homeschooling_manuel-morais>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- AMORIM, F. V.; GRÜN, M. Entre a paideia e a modernidade: o diálogo como prática pedagógica. **Colóquio Internacional de Educação e Seminário de Estratégias e Ações Multidisciplinares**, [S.l.], v. 1, n. 1, Nov. 2011. ISSN 2237-857X. Disponível em: <<https://editora.unoesc.edu.br/index.php/coloquiointernacional/article/view/1274/637>>. Acesso em: 24 mar. 2018.
- BAQUERO, R. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- BARBOSA, L. M. R. **Ensino em casa no Brasil: análise histórica de seus aspectos legais**. 2009. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2009/184.pdf> Acesso em: 10 abr. 2018.
- BARBOSA, L. M. R. **Ensino em casa no Brasil: um desafio à escola?**. 2013. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo: USP. São Paulo, 2013.
- BARBOSA, L. M. R. Homeschooling no Brasil: ampliação do direito à educação ou via de privatização?. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, nº. 134, p.153-168, jan. - mar., 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v37n134/1678-4626-es-37-134-00153.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 09 abr. 2018.
- BRASIL. **Lei n. 8.069 julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 04 maio 2018.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Base da Educação Nacional. Disponível em: <http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%209.394-1996?OpenDocument>. Acesso em: 9 abr. 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm>. Acesso em: 25 mar. 2018.

BUROW, O. A.; SCHERPP, K. **Gestaltpedagogia: um caminho para a escola e a educação.** São Paulo: Summus, 1985.

CAMBI, F. **História da pedagogia.** São Paulo: FEU, 1999.

CHRIST, M. V. R. **O ensino domiciliar no Brasil: Estado, escola e família.** Curitiba, Monografia (Graduação). Universidade Tuiuti do Paraná, 2015.

GAITHER, M. **Homeschooling in the USA: Past, present and future.** Theory and Research in Education. V.7, n. 3, p.331-346, nov. Estados Unidos. 2009. Disponível em: <http://tre.sagepub.com/content/7/3/331.abstract>. Acesso em: 05 maio 2018.

GIAMOGESCHI, C. L. **O capitalismo e a expansão do ensino no Brasil.** 2009. Disponível em: <<http://www.unifia.edu.br/projetorevista/edicoesanteriores/agosto09/artigos/educacao/capitalismo.pdf>> Acesso em: 23 mar. 2018.

GÓMEZ, J. C. R. **Crítica de la economía del trabajo.** Bogotá, Colombia: Universidad Externado de Colombia, 1992.

GOMINHO, L.B. (2016). **Situação jurídica do ensino domiciliar no Brasil.** Jusbrasil – Artigos. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/26805796/ensino-domiciliar>>. Acesso em: 04 maio 2018.

GOODMAN, P. **Compulsory Miseducation** 1964. Disponível em: <<https://gyanpedia.in/Portals/0/Toys%20from%20Trash/Resources/books/goodman.pdf>> . Acesso em: 27 mar. 2018.

HOLT, J. **Aprendendo o tempo todo: como as crianças aprendem sem ser ensinadas.** Campinas: Verus, 2006.

HOLT, J. (1970) **How Children Fail.** Disponível em: <http://iwcenglish1.typepad.com/Documents/Holt_How_Children_Fail.pdf>. Acesso em: 7 set. 2017.

ILLICH, I. **A convivencialidade.** Lisboa: Europa - America, 1976.

ILLICH, I. Por que devemos desinstalar a escola. In: ILLICH, I. (Org.). **Sociedade sem escolas** Petrópolis: Vozes, 1973.

ILLICH, I. **Sociedade sem escolas.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

INEP. **Censo escolar 2016.** Notas estatísticas. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/apresentacao/2017/apresentacao_censo_escolar_da_educacao_basica_%202016.pdf>. Acesso em: 01 abr 2018.

JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KIDDER, L. (Org.). **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1987.

KLOH, F. F. P. Os intelectuais da desescolarização: Ivan Illich e John Holt num diálogo político e pedagógico. 9 CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, **Anais Eletrônicos**. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 15 a 18 de ago. 2017.

LINES, Patrícia M. **Homeschoolers: estimating numbers and growth**. 1999. Disponível em: <<http://library.smarytx.edu/acadlib/edocs/homeschoolers.pdf>>. Acesso em: 21 abr 2018.

LUBIENSKI, C. Whither the Common Good? A Critique of Home Schooling. **Peabody Journal of Education**, v. 75, n. 1&2, p. 207-232, 2000.

MACHADO, C. M. **O Direito ao Ensino em Casa no Brasil**. Disponível em: <<http://aprenderesemescola.blogspot.com.br/2009/09/o-direito-ao-ensino-em-casa-no-brasil.html>>. Acesso em: 5 maio 2018.

MEIRA, M. E. M. Psicologia escolar: pensamento crítico e práticas profissionais. In: TANAMACHI, E.; PROENÇA, M.; ROCHA, M. (Eds.), **Psicologia e educação: desafios teórico-práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 35-72.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: _____ (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MONK, D. Problematising home education: challenging parental rights and socialization. *Legal Studies*, v. 14, n. 4, London, 2004. Disponível em: <<http://eprints.bbk.ac.uk/312/>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

MOREIRA, A. M. F. **Homeschooling: uma alternativa constitucional à falência da Educação no Brasil**. Brasília DF: Clubjus, 26 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.midiaseम्मascara.org/artigos/educacao/7100-homeschooling-uma-alternativa-constitucional-a-falencia-da-educacao-no-brasil.html>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

OLIVEIRA, L. de. Aprender a cuidar de si: Sêneca e o ócio criativo. **Cadernos do PET Filosofia (UFPI)**, Teresina, v. 2, p. 12-23, 2011.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. (Série: Educação. Experiência e sentido).

ROMANELLI, O. **História da educação no Brasil**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

TEMPERANÇA. **Educação domiciliar no Brasil (homeschooling) 2017**. Disponível em: <<https://temperancacrista.wordpress.com/2017/01/20/educacao-domiciliar-no-brasil-homeschooling/>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

VASCONCELLOS, T. de. Um minuto de silêncio: ócio, infância e educação. In: LOPES, J.J.M.; MELLO, M. B. (Org.). **O jeito de que nós crianças pensamos sobre certas coisas: dialogando com lógicas infantis**. Rio de Janeiro: Rovelte, 2009. p. 83-97.

VASCONCELLOS, T. de. Sobre a educação infantil, tempo livre e emancipação: outras reflexões. In: TUNES, E. (Org.) **O fio tenso que une a psicologia à educação**. Brasília: UniCEUB, 2013, p.29-39. Disponível em <goo.gl/FHBuhU>. Acesso em: 04 abr. 2018

VASCONCELOS, M. C. C. **A casa e seus mestres: a educação no Brasil dos oitocentos.** Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

VENDER, J. C. Geography in Homeschool America: Status and Opportunities. **College Station**, Geographic Education National Implementation. Project (GENIP), 2004.

VIEIRA, A. H. P. **Escola? Não, obrigado:** um retrato da *homeschooling* no Brasil. Monografia (Graduação). Universidade de Brasília, UnB, 2012.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos superiores. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem.** Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO

1. Por que tomaram a decisão de retirar seu filho da escola?
2. Como foi a tomada de decisão da retirada dos filhos da escola?
3. Como foi o processo de retirada?
4. Uma vez fora da escola, como planejaram a rotina diária de seu filho?
5. Caso não haja planejamento de atividades diárias, relate um pouco sobre o dia-a-dia da criança.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Instituição das pesquisadoras: UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

Pesquisadora responsável: Ilimara Moraes da Silva

Pesquisadora assistente: Carolina Gomes Bernardes

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é compreender as razões que levam os pais a retirar seus filhos da escola e os planejamentos e organização da família para a prática das alternativas à escolarização.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em participar de entrevista aberta sobre como foi a decisão de retirar seu filho da escola e os planejamentos futuros para a criança. Essa entrevista será gravada e mantida em sigilo.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixo risco que é inerente do procedimento de registrar seu nome e e-mail nas folhas de TCLE para posterior contato. Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo.

- Sua participação poderá ajudar no maior conhecimento sobre a educação domiciliar e seus benefícios.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar. Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar

em contato com um dos pesquisadores responsáveis. Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (fitas, entrevistas etc) ficará guardado sob a responsabilidade de Carolina Gomes Bernardes com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade. Os dados e instrumentos utilizados ficarão arquivados com o(a) pesquisador(a) responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor (a).

Brasília, ____ de _____ de 2017

Participante/RG

Ilsimara Moraes da Silva, telefone institucional: 3966-1200

Carolina Gomes Bernardes, nani1234@gmail.com

Endereço das responsáveis pela pesquisa:

Instituição: UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

Endereço: SEPN 707/907

Bairro: Asa Norte

CEP: 70790-075

Cidade: Brasília

Telefones p/contato: (61) 3966-1200

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

FAMÍLIA 1

P - “Meu nome é Carolina, estou aqui com a Nathalie, esposa do Anderson que são os pais da Sarah. Eu queria que a Nathalie explicasse um pouco pra mim como que foi esse planejamento, quais foram os motivos que você teve para poder tirar a Sarah da escola?”

F1 - Então assim, a gente não tem tempo pra ter um outro filho. Porque você trabalha, eu trabalho também, e fica muito sofrido. Eu fui vendo o Anderson, super sobrecarregado sem curtir a infância da filha e aí começaram a vir os questionamentos. Desde que eu tive a redução da jornada de trabalho de oito horas para seis horas a primeira coisa que eu fiz foi tirar a Sarah da creche. Aí eu tirei ela daquele ambiente que eu já tava insatisfeita porque eu vi uma coisa de aceleração e tipo, milhares de atividades pra criança na creche: é ballet, natação, informática, gente, coisa mais insana assim. Elas ficam sendo colocadas de uma atividade pra outra o tempo todo. Nas atividades fora da escola eu via a agitação das crianças e muita agressividade.

F1 - Eu ficava surpresa como que a Sarah comia na escola e não comia comigo nos finais de semana. Eu ficava “gente, mas eu to aqui me esforçando fazendo varias comidas e ela nunca come bem comigo”. Mas aí na agenda vinha escrito que ela comia super bem. 3 segundos de uma colher pra outra e ela engolindo, e era sempre uma comida muito líquida, porque eles não podiam dar tiro no pé. Não vão dar uma comida seca para criança ficar horas mastigando. Então o que eu fiz? Eu fiz a comida da Sarah ficar mais líquida e fui secando aos pouco. Hoje em dia ela come super bem, ela tinha que voltar a comer.

F1 - quando a gente foi se dando conta de que o sistema não era bom pra gente, então o que que a gente começou a questionar, a gente assistiu um vídeo até da Ana Thomaz, a gente tava pesquisando escolarização quando a gente descobriu a Ana, começando a se incomodar com várias outras coisas, educar através do poder, com as milhares de chantagens que a gente se vê fazendo com a criança no dia-a-dia: Então a gente vai aprendendo no dia-a-dia assim, e errando muito ainda. A gente foi se incomodando com essa questão do poder, da hierarquia. Não tem um tempo de ócio. Ela está sempre sobrecarregada, gerava um medo enorme. Eu falo que tem três coisas que as pessoas basicamente perguntam pra gente, falam, quando a gente fala que Sarah não está na escola. Foram as minhas perguntas iniciais, mas hoje não vejo mais sentido: “Como que ela vai socializar?”; “E se ela quiser ser advogada, e se ela quiser ser médica?...” e “Isso é legal? Isso tem amparo legal?”. Eu fui derrubando os

três e hoje em dia eles estão muito distantes para mim.

F1 - O Anderson (esposo) sempre questionou a escola. Ele não tinha nem preocupação de que escola colocar, “para mim tanto faz, é tudo é a mesma porcaria”, ele já era meio assim. Porque ele sempre falava assim “a gente estuda anos e anos para jogar quilos, quilos de informações no lixo, serve pra nada. Ele mesmo não tinha se encontrado profissionalmente, eu também não, mas eu ainda tinha uma coisa muito da minha família de cobrança e tudo, então ainda era um pouco mais conservadora com isso. Aí no dia que eu assimilei isso a resposta veio um pouco de mim assim, porque aí eu dei a proposta para ele: “Então tá, meu trabalho é tranquilíssimo, eu trabalho de 13 às 19. Reduzindo jornada, são 6 horas, é só a tarde, passava a manhã inteira com a Sarah, você não passou. Você não curtiu nada, então sai você”. E aí ele, tipo assim, teve que lidar com os preconceitos dele também um pouco. Da questão do homem, do chefe de família, como é que fica isso e tal, mas aí ele aceitou numa boa, não foi tão difícil, ele resolveu isso rapidamente.

F1 - Todo mundo quer fazer a mesma coisa que você, e aí foi isso. E aí a gente entregou o papel, deu frio na barriga, deu piriri, deu tudo isso, deu nervoso, pesadelo, na véspera, entreguei. Só que depois que eu entreguei pedindo o desligamento da Sarah a sensação foi de paz. Tipo assim, a gente fez o certo. A angustia era pra tomar a decisão. Depois que a gente fez foi muito tranquilo.

P - “E a Sarah nesse processo de decisão?”

F1 - “A Sarah nesse processo ela sempre reclamou de ir pra escola. (Risos) Ela chorava, ela teve uma adaptação horrível na creche. E ela sempre tinha readaptações, ela ficava um tempo ela ficava bem, mudava a professora ela já ficava mal novamente. Ou então acontecia alguma coisa que a turma tava mais agitada, era a semana que ela não queria ir. Ela falava “não quero”. Então já era sempre sofrido pra mim deixar ela lá. Porque era sempre eu quem deixava, o pai pegava. Pra ele era mais fácil, porque ele já pegava a fase da libertação, e eu enfurnava ela. Então era muito chato, assim, e... Aí até vem aquelas teorias da creche: você tá passando sua insegurança pra ela por isso ela chora. Tudo bem, mas estamos as duas, né? Isso aqui é uma droga, como é que cura? (risos) Esse afastamento precoce que não é natural, né? E assim, nesse ponto até uma vez no trabalho ficaram me questionando porque eu já era contra creche e tal, mesmo a Sarah estando na creche. E as pessoas ficavam “Mas a mulher tem que trabalhar tal”. Mas eu acho assim, tudo bem, a mulher tem que trabalhar, mas a gente perdeu muito com esse afastamento precoce das crianças assim, com a mãe. E eu assim, acredito nisso. Existe uma tranquilidade um amadurecimento pra criança entrar na escola um pouco mais velha. Hoje em dia eu questiono a escola em si. Algumas pessoas até falam, mas

não tem escola ideal. Mas eu não em interesse mais. Não tenho mais interesse em uma escola, encontrar uma escola perfeito, simplesmente acho que ela é dispensável. Cheguei no ponto de pensar que não precisa agora, entendeu? Então assim, agora o que que a gente faz com a Sarah? Sarah tem interesse por circo, ela adora circo. Então a gente colocou ela numa aula que é uma vez por mês, que foi o que a gente conseguiu de circo ela vai, e a gente tenta ensinar as coisas assim conforme vão aparecendo. A gente não tem uma preocupação com “ai, a gente tem que alfabetizar”. Nunca. Até porque acho que nem é, não é o momento. Acho que quando for ela vai demonstrar isso. Ela sabe algumas letrinhas porque ela perguntou e a gente mostrou. Mas assim, é coisa bem natural. Vou dar um exemplo, a Sarah, quando eu chegava em casa e perguntava o que ela tinha feito na escola ela só respondia: brinquei. Eu até ficava tranquila, Se está brincando está bom. Quando ela chegar aqui falando que estudou, que aprendeu, que tá vendo letra que eu vou ficar mais preocupada porque ela está muito nova. Ela só falava isso, mas assim, desanimadinha, sabe? “Só brinquei”, Você brincou de quê? “Nada... Só brinquei...” Só falava isso. E hoje em dia ela fica com o pai de dia e eles passeiam muito, né? A gente não trouxe a escola pra dentro de casa. Ele não tenta reproduzir a escola em casa, o que a gente faz é sair muito com ela, passear muito, levar pra pracinha,...

P - “Em momento algum tem um planejamento diário, do que será visto, estudado, durante os dias?”

F1 - “Não, não, não tem. Pode até ter um planejamento assim: Amanhã o tempo vai estar legal, vamos pra praia, ou vamos pro jardim botânico, vamos passear. Então teve assim, ou então, o Anderson se programa alguma coisa assim do tipo “Ah, a Sarah falou que tá com vontade de fazer massinha e eu vou pesquisar essa noite como é que se faz massinha caseira e vou fazer com ela. Então as vezes ele que dá uma organizada assim pra saber o que precisa comprar. Daí ele vai com ela comprar e tal. Então assim foi muito claro que na primeira semana que ele começou a ficar em casa com ela assim, com uma atenção, depois daquela papelada toda que tem que ir a mão resolver porque tá sendo exonerado e tal, que ele falou, “não, agora eu vou pegar esse pra mim e vamos viver juntos”. Vamos ver o que vai acontecer. Cara, foi uma semana que a Sarah ficou super animada. Super. Eu chegava em casa “E aí filha, que que você fez hoje...” Eu não conseguia terminar a frase ela já vinha me contando. “Eu fiz massinha com o papai. Você sabia que se misturar o vermelho com azul dá roxo e a gente fez massinha roxa.” E ela contando milhares de coisas, sabe? Uma euforia de estar aprendendo, mas assim, brincando. Teve um outro dia que ela fez tinta caseira, aí teve um dia que ele levou ela no Pão de Açúcar e ela viu um miquinho. Aí quando eu cheguei em casa ela veio correndo “Mãe, eu vi uma macaquinha dando mamã pro macaquinho, você sabia que o

macaquinho mama? Igual a gente né, mãe? É porque são mamíferos!” Mas assim, cara, é assim, na hora, tipo, aí eu percebi que o pai deve ter conversado com ela porque ela fez a comparação, né? E surgiu o momento. Então na verdade o aprendizado é o tempo todo. Então ela tá aprendendo. Então não tem essa coisa de na frente, tá atrás, ou tá sendo precoce ou não tá. É simplesmente é, o que ela quer aprender, é o que ela demonstra, pergunta e a gente responde. Se a gente não saber responder, a gente pesquisa. Então até agora a gente não sente falta de... E aí é isso, tá sendo uma coisa muito natural, ela vai perguntando, então ela tem esse interesse por circo e é de uma riqueza enorme, né? De possibilidades e tal. Então a gente fez um pé de lata pra ela brincar em casa, andar de pé de lata, aí fita pra ela ficar rodando e então tem como manipular, né? Fazer várias coisas assim junto com ela. Ela gosta, por exemplo, eu não tenho nada contra informática ou televisão, mas a gente tirou a televisão de casa. Não a televisão, a televisão está lá. A gente só tirou a TV a cabo e a TV aberta por causa de Discovery Kids e essas coisas, porque é muito comercial, consumismo, então a gente não achou legal, mas a gente assiste vídeos juntos, assim. Então ela adora assistir o Circo Du Soleil, as apresentações do Circo Du Soleil. E acha o máximo, fica encantada, então a gente vê que ela tem um interesse grande por esse universo de circo, de bailarina, de ballet, então ela gosta muito. Então a gente vai vendo o que ela curte, ela vai pedindo e a gente vai colocando, então é isso. A gente vai mostrando, né?

P - “E de onde vocês conseguiram apoio pra isso? Ou foi uma coisa que vocês fizeram tudo sozinhos?”

F1 - “Sozinhos. A gente não teve apoio não. Na verdade, a gente nem ficou abrindo muito isso pra não ter muita interferência mesmo. Era um processo nosso, e depois que já estava uma coisa muito assentada dentro da gente, né? Foi que a gente dividiu com alguns amigos. E recebemos algumas críticas, alguns, não críticas, né, mas uma coisa meio sutil assim... “Não, acho legal, mas acho radical. ” Ou então “não é uma coisa meio hippie? Vocês tão meio bicho grilo agora? ”. A gente escutou umas frases assim. Mas com o tempo esses mesmos amigos que falaram isso, já tão vindo nos perguntar. Como é que tá sendo? Como é que vocês fazem isso? Na verdade, eles se aproximam, né? Até tem a Renata que está aqui no início que ficou meio assim, agora já acha o máximo mas acha que não consegue bancar a desescolarização, acha que não teria como fazer isso, porque é mãe solteira e tal, então acha mais complicado. Mas aí a agente vê que tem uma aceitação muito boa no entorno. Inclusive acabou de acontecer de a agente acabar de dar uma entrevista pra crescer, e aí nesse processo foi engraçado porque muita gente ficou sabendo através da revista, assim.”

P - “Tinha nome e foto de vocês exposto?”

F1 - “Tinha, que foi até uma questão, porque quando falaram “ah, a agente pode colocar o nome todo?” Ficou aquele impasse, mas aí uma amiga muito querida, que ajudou muito nesse processo que é a Carla Ferro postou uma frase assim “O que me protege é a minha mais completa exposição.” E eu fiquei martelando isso um tempo e depois acabou servindo pra mim eu falei “ah, quer saber eu não tenho nada pra esconder, cara. Se eu ficar nessa de estamos no submundo, fazendo uma coisa escondida que é ilegal e tal, eu acho que não é esse o caminho e aí eu pensei assim: “Eu tenho que falar, tenho que falar porque tem outras famílias que podem ter essa mesma vontade, estarem nesse mesmo processo e isso vai ser importante. Foi muito legal porque depois que saiu a reportagem, tipo umas 20 ou 30 pessoas me adicionaram no face porque jogaram meu nome e me acharam e vinham contar que estavam fazendo a mesma coisa. Uma estava até passando para um processo que tava sendo chamada para conversar com a Assistente Social.

P - “Vocês nunca foram procurados pelo Conselho Tutelar...”

F1 - “Não, não. E essa era uma questão. A gente não tá se expondo, a gente não tem risco, não tem perigo nenhum. Mas é risco. A vida é um risco. Mas vamos lá. Vamos falar abertamente, porque acho que isso pode até ajudar no processo de, tipo, não estamos fazendo nada errado. Eu não preciso me esconder. E é um absurdo. Meio louco assim, se chegar um assistente social lá em casa e disser que minha filha tá sofrendo algum tipo de abandono, é uma coisa muito louca, cara, acho que a pessoa vai chegar e vai querer brincar, entendeu? Ficar bem (risos), querer curtir o dia. Então assim não tenho muita preocupação com isso. De repente, né, não sei, se estiver na situação pode rolar um friozinho na barriga mas eu acho que vai ser muito rápido só até sentar e falar assim “Vou conversar e vai ficar tudo bem”. Porque impossível uma pessoa que veja o carinho e o zelo que a gente tem, e poxa, né, meu marido largou o emprego pra estar com a filha. Todo o esforço que isso seja pra dar abandono. Não tem abandono. Na verdade a gente abandonava antes, né? Ou abandono existia e incomodava, e agora não. Agora a gente puxou pra gente a responsabilidade total, assim. E não que a gente tenha responsabilidade de ensinar. Não. Porque na verdade a gente ta aprendendo com ela. A gente não ensina nada. A Sarah é que aprende. Então assim, e quando ela aprende a gente aprende junto, porque a gente foi meio que se encontrando nesse caminho também, porque a gente foi buscando e a coisa do circo eu fui descobrindo várias habilidades, que nem o negócio da perna de pau aqui, foi a primeira vez que eu andei, e aí eu começo a descobrir através dela. E o tecido, de flexibilidade e coisas que eu mesma não tinha contato, e não tinha contato porque não tem tempo de entrar em contato. Por que a gente tava na escola!”

P - “Que visão você tem da escola?”

F1 - “Cara, assim, o Anderson tinha uma clareza maior com relação à isso assim de tipo, ter sido inútil e tal. Pra mim só não foi inútil na questão de amigos, mas eu vou te falar, eu passava bilhetezinho a aula toda, eu passava colando. Então eu acho que não me afetou tanto porque eu não ligava pra escola assim, eu simplesmente burlava a coisa, assim. Eu passava bilhetezinho conversando a aula toda com as amigas e tal, era expulsa um tanto de vezes. Eu me diverti. Eu consegui me divertir. Mas isso aí, eu acho assim, a gente cria bolhas em todos os lugares. A pessoa pode ser feliz dentro do presídio. Ter amigos dentro do presídio. Agora a gente não vai poder dizer que é ótimo, aí então o presídio é bom porque a gente faz amigos lá dentro. Não, não é. E é mais ou menos isso que eu penso da escola assim. Tive amigos muito queridos e tal, mas eu teria outro de outros lugares assim, de vizinhança, pracinha, em vários lugares que eu poderia ter feito de qualquer forma, mas assim, lembro disso, de estar sempre burlando.”

P - “A Sarah ainda tem contato com os amigos de escola? ”

F1 - “É, a gente mora uma rua sossegada, então tem uma amiga que é vizinha que vai todas as manhãs brincar com a Sarah, e eu faço a maior questão assim. Então a Gabizinha, que tem a idade dela, vai todos os dias pra lá. A Sarah agora, ela tinha meio que uma aversão a adultos, assim. Isso a gente percebeu. Algumas coisas que a gente foi percebendo durante a Sarah na escola era: ela passou a ter medo de bichos que ela não tinha. Porque quando ela era bem bebezinha de meses a gente até soltava a cachorra que a gente tinha assim, pra ela poder comer, ela era difícil de comer mas ela se distraía vendo a cachorra. E nessa creche tinha um projeto com um biólogo que ele levava um bicho toda semana pras crianças conhecerem, eu não sei se teve uma forçassão de barra alguma coisa peluda que colocaram na mão dela que ela até hoje tem medo de cachorro e de gato. E a gente tá aos poucos tentando vencer isso. Agora ela tem um coelhinho, calopsita, tartaruga. A gente foi tentando assim, pra ela perder o medo, até porque ela quer ser veterinária.”

P - “E é ela quem cuida?”

F1 - “Ela cuida através da grade ainda, mas que já é um grande avanço porque ela nem chegava perto. Agora, pela grade ela faz, consegue ver sem sair correndo. Ela tá superando um trauma que eu não sei aonde aconteceu. Como tinha, e assim, ela não gostava dessa atividade. Então eu acho que... E tinha uma coisa de passar o bichinho de mão-em-mão. Tem aquelas coisas que c faz cheio de boa intenção e que às vezes não é legal pra todo mundo. E a escola padroniza. Então todo mundo vai gostar de bichinho então borá botar um bichinho na mão de todo mundo. E de repente uma criança não tá preparada pra aquela experiência mas tem que passar porque é o programa. Então assim, não sei se foi o que aconteceu com a Sarah,

mas a gente notou isso, e a gente notou também uma introspecção muito grande. Principalmente com adulto. Então não sei se o adulto tema figura da autoridade pra ela, do professor que diz o que que pode fazer, o que não pode, quando pode, então ela tem um distanciamento. Quando a gente tirou ela, que a gente começou a fazer muitas viagens, fazendo trekking, que foi uma coisa que a gente descobriu nesse processo que gosta de fazer também, nas trilhas, a gente sempre acabando encontrando pessoas e tal, e acaba fazendo caminho junto, e aí a Sarah foi se soltando, assim, e aí eu percebi que ela tem um tempo pra se soltar mas ela começou a ter amigos adultos também, conseguiu conversar com adultos, crianças mais velhas, que antes era uma coisa muito limitada que ela queria sempre estar com crianças da idade dela, porque na escola é assim. E agora ela meio que ela ampliou um pouco o leque. E agora ela conversa mais e consegue se sentir mais a vontade com diferentes idades. Uma outra coisa que eu reparei que aconteceu na escola com a competitividade também. Que foi explícito. Principalmente quando ela foi pra escola mesmo que eu tenho que ser a primeira a chegar, eu não quero ser a última, ou então, porque que eu sou pequena, porque que eu tenho que tá na frente, nas filas, surreal. Mas assim, pra subir escada, pra descer, já vi essa coisa de colocar trezinho, er,... ou então porque que eu tenho que dançar com o Davi, porque ele é o menor, umas coisas assim, porque você tem que dançar com quem é do seu tamanho que não tem absolutamente sentido nenhum. “

P - “Quando ela entrou na escola, Nathalie?”

F1 - “Na escola ela entrou no ano que ela fez 3 anos, só que ela faz 3 anos em setembro. Então ela entrou com dois pra três. E saiu ano passado. Não, É. Ela entrou com 3. E fez lá dentro. Aí saiu. Dos 3 aos 4.”

P - “Me explica um pouco o que que é educação para você?”

F1 - “Educação...? Caramba. Pergunta difícil. Bem, certamente pra mim não é mais essa coisa de um lugar que você tenha que ir pra se educar. Isso perdeu pra mim. Educação é algo que se constrói em seu entorno com família, com amigos, er... Tem a questão dos limites também, direitos. Mas eu acho que é uma coisa natural, educação é um processo natural, eu acho. Não é essa coisa artificial de sentar numa sala de aula e receber, agora você vai ser educado. Tem pessoas que até diferenciam as escolas ensinam e os pais educam. Eu não consigo mais separar... fragmentar tanto as coisa assim, acho que é um processo contínuo que dura a vida inteira e de aprendizagem, na verdade. Eu gosto mais dessa palavra. Aprendizagem contínua. Que não termina nunca. Na verdade, eu e Anderson, aprendemos muito mais coisa do que nos últimos 10 anos da nossa vida. Com relação à tudo. Porque a gente tá aprendendo muito com ela, porque agora estamos mais atentos às oportunidades de

aprendizagem dela, assim, conseqüentemente, nossa. Então a gente fica muito mais sensível às oportunidades. Ah, ela está vendo um bichinho. Ah que legal, vamos falar sobre bichinho, o que que ele come, e daí vem uma história, um livro que se pode se ler, uma brincadeira que você pode fazer. Então é muito divertido. É divertido pra gente e pra ela também. Essa coisa de estar atento assim. À todos os momentos.”

P - “O que a Sarah acha dessas experiências de viagens que vivem hoje e que antes não viviam com tanta intensidade?”

F1 - “Ela chegou aqui perguntando se ela ia morar aqui! (risos) A primeira coisa “ A gente vai ficar aqui? A gente vai morar aqui? ” Ela curte muito, e eu sinto que tipo assim, ela seria taxada como uma soa tímida, e era tido assim na escola, os professores falavam assim, a gente mesmo meio que rotulava. Mas não, ela tem um tempo diferente, um tempo diferente pra se soltar. E ela se solta mais num... em grupos pequenos. Então aqui ela fica muito feliz assim, ela interage bem, ai se tem uma criança que fala mais, ela fala mais com adulto também, e ela tem oportunidade de estar com diferentes idades, e trocar com os adultos e se relacionando e perder um pouco do receio que ela tem, e contato com a natureza, ela curte bem também. Então a gente viu isso. E tipo, tem a questão do medo de gato e de cachorro. Mas ao mesmo tempo ela não tem medo de altura, não te medo de escuro, ela gosta de escalar, então assim, a natureza oferece várias possibilidades para ela. Então é muito aprendizado, você tá num ambiente mais natural é muito mais rico do que estar num ambiente de casa, ou de concreto ou uma sala de aula.”

P - “Vocês não pensam em recolocar ela na escola?”

F1 - “Não, mas também a gente não se limita é uma coisa que a gente sempre falou. Se essa for uma vontade dela ela vai. Mas o dia que ela chegar e disser eu quero ir pra escola, ela pode simplesmente qualquer coisa, a gente vai conversar e se ela disser que essa é uma vontade dela a gente também não se limita, por questão da gente se prende numa coisa nossa, uma ideologia e deixa de ter atenção nela. Eu não acho que seja uma coisa que vá acontecer tão cedo, até porque esses dias mesmo eu perguntei, não sei se te contei, que ela falou que tava com saudade de uma amiguinha, da Marina, aí ela falou “ah, to com saudade da Marina”, e eu disse “Ah, vamos tentar encontrar”, falei “você tá com saudade dos amigos da escola, ela “Tô”, tá com saudade da escola? “Não”. Mas porque não? “Porque é chato mamãe, porque toda hora a Tia Silvia tem que fazer uma coisa e manda a gente fazer uma coisa. Toda hora a gente tem que fazer uma coisa e é muito cansativo, e eu não gosto”. E eu sinto muito isso. E isso é uma verdade. Porque a Sarah está muito mais criativa. Muuito. Porque ela fica no ócio, e o ócio é criativo. Então, ela tá lá nos brinquedinhos dela, com uma graminha no quintal e

tal, e aquele bichinho tá voando, e é uma fada que não sei quê. Aí eu, caraca, fico observando, e ela tá indo emboora fantasiando. Então assim, caraca, não posso mexer naquilo ali, deixa ela quieta que ela tá criando. E eu acho que isso ela não tem na escola. Porque toda hora ela tem que fazer uma coisa que Tia Silvia quer que ela faça. Ela não tem o tempo livre dela. Então essa riqueza desse tempo livre, que ela tem todo tempo livre do mundo. Teve um episódio muito interessante. A Gabi, vizinha da rua, brinca todos os dias na pracinha com ela, e aí teve um dia assim, que tava meio recente que o Anderson tinha saído, tinha um mês assim que ele tinha saído do trabalho, e a gente tava gostando, gosta muito de viver essa coisa, mas ainda tava naquele período de sentir gratidão, de “Aí, que bom que a agente tá vivendo isso.” Naquela empolgação, e a gente tava voltando da pracinha com elas, porque a Gabi fica a manhã toda com a gente, assim, a gente meio que adotou a Gabi, então toda manhã ela vai pra lá. E aí a gente tava voltando com as meninas, o Anderson na bicicleta e eu com as duas. E aí a gente passou na casa da Gabi pra devolver a Gabi, né, pra família dela. E a Gabi foi correndo assim pra porta, aí ela votou, parou “Tia?” Que foi, Gabi? “Quantos dias mais eu vou ter ir pra escola até chegar o final de semana, e era uma terça-feira. Aí eu, 4 Gabi, Aí ela respirou profundo saiu correndo e entrou em casa. Cara, e aí na mesma hora eu olhei pro Anderson e a gente meio que se conectou, sabe? Teve uma telepatia, assim, pelo olhar, porque ele entendeu o sentimento que eu tava sentindo, e ele também, assim, mas ao mesmo tempo, de gratidão, por não estar mais fazendo isso com a Sarah, aí ele foi e botou a Sarah na garupa dele assim pendurada no pescoço dele, e saiu pedalando com ela e eu cheia de medo da Sarah cair, mas fui correndo do lado, do tipo assim, eu não vou interferir, deixa que ela tá se amarrando, e foi uma cena assim que durou segundos, mas que foi tão... Plena, sabe? Que a gente olhou assim, correndo de volta pra casa. Sensação de liberdade, do tipo são 10 horas da manhã e eu to correndo pela rua com meu marido que não tá no trabalho sofrendo pra caramba, que tá com a filha pendurada na garupa sendo feliz e aprendendo. Então assim, foi muito bom. Sabe aqueles Insights que você tem assim, do tipo “era isso! Então pronto. Tá tudo bem, tá tudo certo.”

P - “Era isso que vocês estavam procurando?”

F1 - “Era. Era isso... E a gente tem esses lampejos. Claro, tem problema, tem! Tem dúvidas, tem! Hoje mesmo aqui com a Sarah, e alguns momentos eu fico assim, naquela coisa, eu fui muito tolhida pequena, então assim, muito conservadora, não pode, não pode fazer barulho, não pode atrapalhar e tal, então as vezes eu tenho uma tendência, assim de, não... Sarah tá incomodando e tal. Não é tudo flores, né? A gente vai, a gente também tá aprendendo, a gente na verdade tá se descontaminando, né? E vivia muito isso, até muito

pouco tempo. Então verdade foi uma avalanche, né? Então é tudo muito novo, muito recente, mas assim, são esses momentos que a gente tem a certeza plena do que a gente tá fazendo. São esses momentos assim que trazem toda... E tipo, a gente não fazia... A gente tá ganhando metade do que a gente ganhava, então deu uma apertada boa. Mas assim, cara, milagrosamente o dinheiro tá rendendo. porque a gente cortou muita coisa. Então a gente cortou TV a cabo, umas saídas pra comer fora, que a gente gastava à toa. Mas por outro lado parece que sobrou um pouco de dinheiro porque a gente tá viajando mais. Então a gente foi pra chapada Diamantina, que era um sonho da minha vida conhecer a chapada então foi uma viagem linda, assim, nesse processo já fora do trabalho e tal, então assim, de janeiro pra cá eu acho que a gente já fez, sei lá, umas sete viagens curtas e tal. Mas a gente tá viajando muito tipo, final de semana, fazendo coisas que a gente antes não fazia, porque é cansativo, porque segunda-feira a gente tem que trabalhar 5:30 da manhã, então não vamos. Agora não, agora a gente vai, trabalho de tarde, fica muito mais tranquilo. Então agora a gente tá respirando. Se permitindo viver.

P - “Esse processo de se desescolarizar é muito difícil, né...”

F1 - “É, porque na verdade quem vai se desescolarizar sou eu, né? Sou você, a Sarah teve um processo muito curto de escola, na verdade vai ser muito rápido, e os próximos filhos nem terão. Porque agora a gente tem tempo pra ter, olha que loucura: A gente tem menos dinheiro, mas agora a gente acredita que pode ter um monte de filho. Porque a gente tem o essencial que é tempo e amor. Então assim, sabe, e...então estamos relaxados, assim, pra poder dar um tempo, eu não vou ter uma outra, um fim de licença maternidade, eu vou voltar a trabalhar, mas tenho o Anderson em casa, e tal. Poderia ser eu, mas na nossa situação o ideal foi ele, entendeu? Porque ele tava numa situação mais sacrificante e a minha tranquila, assim. É só de tarde, eu levo numa boa. Pra mim não tá sendo pesado. Até onde der eu levo. O dia que eu cismar, a gente arruma uma outra forma, se eu tiver que ter mais tempo, eu vou ter. É isso! (risos)”

FAMÍLIA 2

P - “Você podia se apresentar pra mim, por favor, Ricardo?”

F2 - “Claro. Eu sou Ricardo Dias. Tenho 45 anos, de formação eu sou publicitário. Er... tenho dois filhos, Lorena de 17 anos e Guilherme com 13. Sou casado há 20 anos e atualmente eu sou o presidente da ANED - Associação Nacional de Educação Domiciliar. É isso, né? As pessoas sempre perguntam, né? De primeira quando elas não perguntam a expressão delas me faz a pergunta, er... porquê? Porque tirar filhos da escola e assim, a resposta é simples, mas na verdade o complicado mesmo é a gente conseguir desescolarizar a

mente. E desescolarizar a mente não significa se opor a escola, ou tirar os filhos da escola, significa entender que a escola ela é recente na história da humanidade, né? A escola como a gente conhece hoje, né? O quadro, o giz, carteiras, professor, aquela disposição escolar, como conhecemos hoje, ela não deve ter mais de 200 anos, né? Ou pouco mais de um século, um século e meio, não tenho certeza. Mas a escola ela, na verdade, é fruto, essa escola que eu falo é fruto, né, da valorização das ideias da revolução Francesa, depois a própria revolução Industrial e a escola herdou muita coisa disso. A humanidade estava se agrupando em cidades cada vez mais, havia essa necessidade de convivência. Havia uma necessidade de regras de convivência e uma das maneiras mais eficazes de você poder trabalhar isso era dizer as coisas pras crianças na sala de aula e elas contassem aos pais. é, também, é... Havia outro fator interessante que não havia antes disso um mercado de trabalho. Digamos assim, você, seu pai era um produtor de vinho de uma vinícola então você e seus irmãos iam aprender a profissão dele, né? E iam seguir essa profissão por gerações. Então, talvez ele fosse um carpinteiro ou um barbeiro, enfim, mas o fato é que é muito raro, né? Esse, eram as exceções aqueles que iam para outras profissões. Com o advento da revolução industrial, a chegada do mercado de trabalho. A necessidade de formação, de uma formação também profissional. Há uma série de fatores que foram acontecendo aí. Então porque que é importante esse histórico? Pra gente não pensar que a escola sempre existiu, às vezes as pessoas olham como se a escola ela tivesse vida até antes do, como se fosse obrigatório, né? E, é importante a gente pensar que o conhecimento que é passado dentro da sala de aula hoje é todo produzido fora da sala de aula. Então a sala de aula não é o único lugar onde se pode produzir conhecimento. Mas está no imaginário coletivo, essa questão da escolarização. Se eu falar uma frase aqui, você vai completar “lugar de criança é... Na escola”. Então desde governos como os governos militares, até um governo como esse, que é completamente antagônico aquele governo, a propaganda é a mesma. E há uma certa simpatia, né? Da nossa sociedade, né, até mais do que simpatia, há uma criança que está na escola. O estudante sempre é visto com bons olhos. Se ele tá usando um uniforme escolar, há uma comoção em cima daquilo. Então se uma pessoa é atropelada na rua, ela pode gerar uma comoção, mas se é um garoto com um uniforme de uma escola, aquilo ganha uma proporção enorme. Primeira pergunta que, normalmente, os adultos fazem quando encontram uma criança é “E aí, já tá na escola?”. Se não perguntam isso à ela, perguntam aos pais. Então, desescolarizar a mente é entender que se é possível aprender fora da escola. Esse é o mais difícil. É preciso ter a mente aberta pra isso, se não você não consegue fazer educação domiciliar, sem entender isso. Agora, porquê então que um pai tira um filho da escola, bom, isso não acontece por um único motivo, um pai não tira o filho da

escola por um motivo. Normalmente é um acúmulo de motivos. Se tem alguma coisa que acontece que, digamos assim, é o stopim para essa decisão. Então eu diria à você que em geral, os bons motivos, né? São aqueles que o pai tira porquê quer dar um ensino de qualidade melhor pros filhos. aí a pessoa pode perguntar “mas como um pai pode dar um ensino melhor do que a escola?” É possível sim. A escola, ela tem, o sistema escolar tem um problema grave, alguns problemas graves, mas entre eles eu podia dizer que é o fato de não ter como respeitar o ritmo de aprendizado de cada aluno, né? Então você tem, por exemplo, 30 alunos numa sala, os trinta são inteligentes, dez são muito rápidos, muito perspicazes, absorvem conhecimento e conteúdo de uma forma muito rápido, dez são medianos e dez são muito lentos. O professor só pode dar aula em um único ritmo, então com certeza vão haver e existem alguns abismos na sala de aula, entre alunos e alunos com relação à isso. às vezes os mais lentos ficam frustrados, porque não conseguem acompanhar, às vezes os mais rápidos ficam desmotivados, porquê a aula está em um ritmo muito mais lento do que eles absorvem. É... Então essa questão de respeitar isso, respeitar a individualidade, de, de, de não seguir necessariamente um currículo, no sentido estrito da palavra, por exemplo, quem não já teve a experiência de está aprendendo uma coisa, por exemplo o professor está estudando fração com você na escola, e você tá, começa a aprender aquilo e de repente você começa a entender aí a campainha toca, o professor fecha o livro imediatamente e fala assim “Agora fecha o livro, guarda que é aula de Português.” Esse corte, que é um corte assim, à facção, no seu raciocínio, você não precisa dele na Educação Domiciliar. Se você programou o menino pra estudar português e matemática hoje, ele está estudando português e ele está aprendendo, e tá indo, você não tem que cortar, ele estuda matemática nu outro dia. Mas ele segue aprendendo. Esse é o aprendizado que de fato gera prazer. Infelizmente o sistema escolar ele, ele tirou o prazer do aprendizado, sair da ignorância em alguma coisa sempre nos dá um prazer, qualquer que seja a coisa. A escola tirou isso. Estudar é uma coisa chata, enfadonha, pra maioria. E também o gosto por estudar, né? Gostar de estudar. É... Porquê? Porque ela gerou uma espécie de competição, as avaliações são muito competitivas. o Rubens Alves e o Maurício de Souza escreveram um livro chamado Pinóquio às Avessas. E é muito interessante esse livro porquê ele fala justamente, é uma anti fábulo ao Pinóquio. O Pinóquio que a gente conhece é um Pinóquio, é um boneco de madeira que dá muito trabalho ao seu criador o Gepeto, porque ele não quer ir pra escola, ele quer ver o circo, quer passear, brincar. E no final da historia, é, ele precisa ir pra escola e quando ele resolve obedecer Gepeto e ir pra escola, a Fada Azul realiza o desejo dele e ele deixa de ser um boneco de madeira e se torna um menino de verdade. Esse livro ele fala de um menino de verdade que vai pra escola e se

torna um boneco de madeira. A escola deixa ele um ser assim. Então, quem tá fazendo a crítica é um educador, um dos maiores educadores que esse país conheceu, né? Infelizmente nós perdemos ele ano passado, que foi o Rubem Alves. Então, esse processo, a gente não tem esse tipo de dificuldade na educação domiciliar. Então, quer dar um ensino de qualidade, respeitando o ritmo, respeitando a individualidade, né, respeitando aquilo que o, que o, aluno está mais interessado em estudar e os motivos ruins, né? Ruins que eu digo assim, por conta de que são variáveis que a gente não controla, é, filhos que tem sofrido na escola pressões sociais inadequadas, porque as pressões sociais elas acontecem, e temos que ensinar os filhos a lidar com isso. Mas num ambiente de lealdade. A escola não é mais esse ambiente de lealdade hoje.

P - “Que tipos de pressões sociais. Como assim? “

F2 - “Por exemplo, an, é, uma menina, por exemplo, um pai me escreve e eu recebo e-mails de pais do Brasil inteiro me pedindo socorro. Então, quando an, uma menina, você diz à ela, ou um garoto, que ela é muito jovem pra namorar, que ela não deve namorar naquele momento, naquela idade, porque ela tem 11, porque ela tem 12 anos, e de repente ela recebe uma cantada de um, de um, colega, né, ela antes essa menina poderia dizer não, e o máximo que aconteceria com ela ela ser excluída, receber algum tipo de apelido, ou, enfim, ela ficar tachada de alguma forma, ou rotulada de alguma coisa. Hoje não, pais me escrevem para me dizer que a filha foi estuprada porque não quis beijar o garoto. Ou que o filho foi espancado, porque não quis entrar na sala dos professores para roubar uma prova. Esse ambiente é desleal demais, esse ambiente como pai eu não aceito. Não aceito. Porque são 30 contra um. um contra um, tudo bem, mas 30 contra um, 20 contra um, dez contra um, não dá. Entende, então assim, ao ponto de você ser excluído, você sofrer algum tipo de bullying, ser, é, receber algum tipo de represália, a gente lida com isso. Meu filho quando nós chegamos em Belo Horizonte. A nossa família é de Salvador. Ele tava apanhando de um garoto 3 anos mais velho que ele. E eu não sabia porque que o menino tava batendo nele e comecei a conversar e ele falou assim “Pai, ele disse, ele tá me batendo porque ele descobriu que eu sou Baiano”, eu falei: Mas filho qual é o problema de ser baiano? Ele disse: pai que se eu sou baiano eu sou macumbeiro, eu sou bruxo e eu tenho que apanhar. Entenda bem, um garoto que nunca tinha saído de Belo Horizonte, alguém disse pra ele certamente que baiano é macumbeiro, entende, então assim, esse tipo de coisa é muito difícil de lidar, mas a gente ainda consegue, então, assim, fui na escola muitas vezes, né, como muitos desses pais foram, e m reuniões de pais então sempre fomos pais muito presentes, até o dia que a gente se cansou, né? Até o dia que a gente se cansou. Chegou ao ponto da minha filha me pedir pra sair da escola. Porque ela com 11 anos,

nunca tinha beijado na boca como se uma menina de 11 anos tivesse que já ter beijado na boca, pelo menos eu acho cedo demais pra isso, mas então ela era tachada de BV. Até aí tudo bem, que eu ia dizer “Filha, não se importe com isso, se você é BV, deixa chamar.” Agora, ser forçada a beijar um garoto, isso eu não posso aceitar, entende?

P - “Foi quando tomaram a decisão?”

F2 - “É, ao ponto assim que ela pediu pra tirar ela da escola.”

P - “Enquanto isso seu filho ainda estava na escola?”

F2 - “Sim, tirei os dois juntos. Aproveitei e tirei ele também. Ele tava até, bem enturmado lá, mas a gente conversou e resolvemos, falamos que íamos tirar ele também, que íamos chegar à ele, e ele também saiu da escola. É, então, pressões sociais inadequadas, Bullying, eventos de violência, né, exposição à amizades indesejadas pelos pais, eu não sei o quanto você sabe sobre isso, embora isso que eu tô falando também acontece em escolas particulares agora muito, até em escolas confessionais, religiosas, digamos assim, com rigor maior também tem acontecido esse tipo de coisa, as histórias são esdruxulas. Algumas delas eu teria vergonha de lhe contar, mas o fato é que, aí os pais percebendo que não é um ambiente que há uma lealdade, no sentido assim, de uma, não deveria acontecer o bullying, mas ensinar o filho a lidar com ele, jóia! Mas dentro de um ambiente que ele possa se defender, se ele não tem como se defender, não tem como a gente manter, essa é o que eu chamo de má socialização. Todo mundo cobra sobre a socialização, a boa, mas ninguém fala sobre a má socialização. Um pai decide, geralmente, por esses motivos. E foi quando a gente tomou essa decisão.

P - “Como estava a cabeça dos meninos quando vocês decidiram tirar eles da escola?”

F2 - “Bem, Lorena, ela sempre foi uma menina muito precoce, ela tava nessa faixa aí de 12 pra 13 anos e ela pediu. Ela tava, a escola, era uma boa escola sim, mas, se a gente pode falar de uma escola pública, é, na região metropolitana de Belo Horizonte, em Contagem. E ela tava, ela ficou muito à vontade no início. Guilherme tava ambientado na escola, mas a gente conversou com ele e ele topou também, encarou o desafio sem traumas. E a única coisa que eles me perguntaram, que eles chegaram a me perguntar, me lembro nessa época “Pai, será que a gente não vai ficar atrasado com relação aos colegas?” E eu me lembro que na época eu disse à eles que não, que não iam ficar. Até falei assim, não falei com tanta convicção do que a experiência que eu tinha eram de estudos feitos em outros países, não era uma coisa que eu tinha experiência.”

P - “Você não sabia nada sobre educação domiciliar?”

F2 - “É, eu sabia quase nada, né? Praticamente nada. E aí eu falei, não, olha, os

estudos mostram muito pelo contrário, que você se adianta. Foi o que de fato aconteceu com eles, porque às vezes você consegue trabalhar um conteúdo que ele leva 4 horas, 4 horas e meia pra absorver, né, na escola, você trabalha em 45, 50 minutos com ele em casa. Agora, o que que é importante entender, que a maioria assim, a maioria ainda não entendeu isso? Mas se por exemplo, se você esquecer, ou se, é, essa graduação for toda apagada e isso aqui ficar, então você entendeu o que é educação domiciliar. Os pais me perguntam geralmente: “Mas Ricardo, como é que eu vou ensinar meus filhos? É, a fórmula de Baskhara, o cálculo do Delta? Como que eu vou ensinar acentuação gráfica, eu não lembro mais, nem aprendi.”

Ensinar em casa não é ensinar conteúdo. A gente trabalha com os conteúdos sim, meus filhos trabalham com os mesmos livros que outras crianças trabalham em escolas, certo? Mas não é ensinar conteúdo. Eu vou falar uma coisa aqui redundante, Carol, ensinar em casa, é ensinar o menino a aprender. Ensinar ele a estudar, a se debruçar sobre um conteúdo, sabe, fazer pesquisa correta, da forma correta. Não esse modelo control C + control V, copiar colar, que a gente vê por aí. Mas ensinar à eles a ter uma consciência política, desenvolver gosto pela leitura, ensinamos raciocínio lógico, descritivo, que é interpretação de texto, eu fiquei muito triste quando eu vi que uma pesquisa, os dados fornecidos pelo ENAF, dizendo que três quartos da população universitária brasileira é de analfabetos funcionais. São pessoas, imagine, é a população universitária, imagine o restante. São pessoas que conseguem juntar sílabas e formar palavras e ler frases, parágrafos inteiros, mas depois que lê, elas não entendem o que leram, elas não sabem interpretar, e também raciocínio lógico-matemático. Então assim, isso é uma coisa que gente trabalha, mas educação não quando ela é bem feita ela deve gerar autonomia, entende? Depois de um tempo, é, essa, digamos assim, essa supervisão dos pais ficarem ali perto ela vai diminuir, né? Como se eu tivesse um gráfico, né? E assim uma linha subindo que era a autonomia dele, e outra linha descendo quanto mais ele tendo autonomia, menos os pais iam precisar ficar perto, ficar fazendo aquele supervisão, como por exemplo no último ano, nos últimos dois anos, Lorena estudou sozinha praticamente. Uma ou outra coisa era feita.”

P - “Ela estava estudando para o vestibular?”

F2 - “Tava, tava estudando os assuntos do ensino Médio. Se preparando porque ela queria fazer o ENEM, entrar na faculdade. Guilherme tá terminando o ensino fundamental, tá aí fazendo, estudando os assuntos do oitavo e nono ano, que seria a sétima e oitava série, antigamente. Ele tava estudando esses, esses assuntos. Ele fez 14 anos agora. “

P - “Então você segue a grade curricular com eles?”

F2 - “É, não exatamente como está ali, tá? A gente a segue, é, a gente utiliza o que o

MEC quer porquê eles tem que fazer essas provas. Agora, é bom que se registre que a grade curricular brasileira está defasada no mínimo 50 anos. Entende? Tudo quanto é país sério, que respeita a educação já mexeu em sua grade. Quem nunca se perguntou assim, por exemplo, pra quê que eu estudo tanta coisa que eu não vou usar. Essa pergunta parece uma pergunta boba, parece até uma pergunta imbecil, mas ela não é. Não é. Eu já me fiz essa pergunta quando adolescente. Hoje eu vejo que essa pergunta tinha um fundamento sim. Porque muitas coisas não serviram para nada, aquilo que a gente chama de cultura inútil, enquanto que outros assuntos, que eu poderia ter me aprofundado, eu não, eu não, eu só tive o conhecimento superficial. Então, tem coisa nos livros escolares que não tem ênfase em nenhuma, quase, deveria ter muito ênfase. Tem outros assuntos que não tem ênfase nenhuma, não tem destaque nenhum, deveriam ter o próprio destaque. O governo precisa, o Ministério da Educação precisa, urgentemente, rever a grade curricular. Isso não foi revisto. Então, é... A educação domiciliar também amplia. Porque? Porque sobra tempo. Eles frequentam biblioteca, né? Lá em Contagem eu duvido que tinham dois adolescente que frequentassem Biblioteca mais do que meus filhos, chegou uma época que eles já tinham lido quase os livros todos. Lá em casa a gente tem uma meta de ler um livro por mês, pelo menos. Agora me fala aqui qual é a escola em que o menino lê 12 livros por ano? nenhuma, Nenhuma, nenhuma lê 12 livros, né? Então assim, é... E é um processo que depois de um tempo eles gostam, então assim, me falavam e eu não acreditava até acontecer comigo. Antes da educação domiciliar eu andava esses meninos estudarem. Eu dizia assim ó: larga o brinquedo aí e vai estudar, né? Depois eu tenho que mandar parar de estudar. “Ah, pai, deixa eu ficar mais um pouquinho com o livro” Eu falo: Não, tá na hora de você dormir.” Ô, pai deixa eu ficar mais”, não você tem que lavar a louça, a pia tá cheia de louça. Então assim, isso é muito legal, né? Eu acho muito legal que eles queiram ficar com o livro, né, mas um pouco lendo. Especialmente, é... nesse ponto, assim, eu tenho uma alegria especial com meu filho, porque minha filha sempre gostou de ler, meu filho não. Foi aprendendo isso. Ao ponto de ano passado no aniversário dele ele me pediu um livro de presente. Nunca ia pensar que ele ia pedir um livro, né? Então ele começou lendo coisas que ele gostava, não obrigar ele a ler um livro que pra ele é chato. Hoje ele já começa a ler livros, inclusive, que estão acima da faixa etária dele, né, de entendimento. Esse é um processo, não é, não é um monstro, não é tão grande quanto se parece. Tem pais que morrem de medo, retirou os meninos da escola e fala “E agora? Que que eu faço?”, mas, é...

P - “Foi quando você começou a pesquisar mesmo o que você iria fazer?”

F2 - “Isso mesmo! Comecei a pesquisar, comecei a conversar com pais que já faziam,

comecei a ter notícias de pais americanos. Os métodos americanos são muito bons, mas não são adequados à nossa realidade. A gente tá construindo o método ainda. Aí a gente começou a fazer isso mesmo. Escorregando ali, indo ali, contando com auxílio de professores também, pedagogos. A gente nunca se opôs a eles e nem à escola. Eles são aliados. por exemplo, o Kumon, eu acho um método fantástico. E diga-se de passagem, o Kumon foi criado por um pai, né? Que queria ajudar o filho a fazer as lições de casa. É bom que isso fique registrado, né, então assim, então tem recursos às vezes meu filho tem uma dificuldade maior em exatas, e aí você chega alguém, um amigo, uma outra família que o pai conhece, uma mãe, aí a gente vai trocando experiência entre as famílias que são os grupos de apoio, e agente se junta, pelo menos uma vez por mês a gente junta os pais e as crianças de todas as idades e faz alguma coisa, então a gente já fez recital de poesia, né? Então de 4 a 17 anos, você vai recitar uma poesia que já existe, você vai escrever uma? Ah, isso é muito legal. Ou então assim, a gente fez um trabalho que foi uma visita ao zoológico. Cada um escolheu um bicho, quando chegava na jaula desse animal, a criança que escolheu o bicho ela ia dar uma aula sobre o animal. Foi muito interessante porque haviam outras crianças no zoológico e as mães falavam “nossa, quem são esse pessoal, presta atenção que o menino tá dando aula”. Eles acharam inclusive que a gente era de alguma escola e tal. Então na verdade, tem muita coisa simples que podem ser feitas e que geram resultados muito bons. Uma coisa que eu fiz com meus filhos, por exemplo, foi, tinha um vizinho que ele tinha assinatura de um jornal, mas ele não gostava de ler, o jornal ficava lá na garagem. Eu pegava o jornal levava pra casa, e escolhia uma matéria, recortava, e dava uma matéria pra cada um. E falava assim, ó: leia essa matéria e faça uma redação sobre ela. As primeiras redações tinham cinco linhas, especialmente as dele, né, mas depois as vezes eles escrevem vinte ou trinta linhas. E depois de um tempo, eu achei interessante que eles começaram a ler as matérias nos jornais e fazer uma crítica, né, então um dia meu filho tava falando sobre a divisão dos Royalties do Petróleo do Pré-Sal, né? Aí ele emitiu uma opinião. O que que ele achou que tava certo, o que ele achou que tava errado, achei muito interessante, porquê ele fez isso sozinho. É justamente fruto desse trabalho que foi sendo feito. Entende? Pra gerar neles uma consciência crítica, pensar, aprender a raciocinar, essa geração ela é muito preguiçosa pra isso. Eles não querem pensar, eles querem tudo pronto. A escola infelizmente não ajuda. Uma escola boa, pra fazer isso, ela custa dois mil a três mil reais a mensalidade. Quem pode pagar isso? Zero vírgula sei lá quanto por cento da população brasileira. Então a agente precisa entender que não é um processo simples, é complicado, é complexo isso tudo na escola, né? Então eu sei que na sala de aula tem coisas que não são possíveis de serem feitas, né? Nos seios da famílias são. Até porque eu acho que,

o nome nem deveria ser educação domiciliar, deveria ser educação familiar desescolarizada. Porque ela não acontece no domicílio só, ela acontece no seio da família, entende? Você tá dirigindo, seu filho tá lá com você no carro, com ele na rua, e aí tem uma passeata. Aquilo é um movimento social, surge um questionamento, é a hora de ensinar, entende, aproveitar tudo. Então as vezes minha esposa tá fazendo um bolo na cozinha e tá falando um pouco sobre medida de capacidade com minha filha, né? E assim, então são as oportunidades que a gente vai aproveitando, então ela ocorre na verdade em todo tempo.”

P - “Quando vocês decidiram tirar os filhos da escola, você e sua esposa fizeram parte do processo de decisão? ”

F2 - “Sim, a gente vinha dialogando isso, né? Os meninos não sabiam, mas a gente já vinha pensando sobre esse assunto, a gente conversava muito sobre isso. E assim, havia uma unidade de pensamento entre nós, sobre isso, que tem que ter, porque assim, se a mulher não concorda ou o marido não concorda, a primeira coisa que eu digo é: não tire. Até que vocês resolvam isso entre em vocês, tá? Porque a carga não pode ficar nas mãos de um só. E normalmente vai ficar a carga maior vai ficar com a mulher. Porque é normalmente quem vai ficar mais tempo em casa, pra estar ali com os meninos. Então o papai, geralmente, quando tenho oportunidade nas palestras, quando eu vou falar sobre o assunto, eu peço para as mulheres saírem para falar só com os pais que eles não podem bancar os diretores de escola que chega cobrando e exigindo um monte de coisa, devem cooperar o máximo. Tanto, é, tirando um pouco da carga da mulher, cooperando com ela no trabalho de casa, nas coisas, como também chegando junto lá, traçando metas, indo com ela, né? Acho que eles tem que sentar e traçar uma meta, que que a gente quer que a filha aprenda esse ano? Esse ano eu quero que ela aprenda isso, isso, isso,. Pronto é aquela meta ali, isso é importante demais. Daí eles irem avaliando se eles tão chegando lá ou não.”

P - “Eles já estão há quanto tempo fora da escola?”

F2 - “Ó, esse seria o quinto ano, é o quinto ano no caso de Guilherme, a gente começou em 2011, né, a Lorena voltou pra sala de aula, só que de uma Universidade, mas Guilherme tá aí no quinto ano, o quinto ano fazendo isso. Infelizmente, eu só tirei há cinco anos atrás, se eu soubesse, não tinha nem mandado eles pra escola. (risos)”

P - “Gostaria que você me explicasse Ricardo, o que é escola pra você?”

F1 - “Bom, hoje, hoje é muito difícil dizer à você, definir o que é a escola, porquê? Porque assim, pessoalmente eu sempre tive um carinho por aqueles que, é, exercem uma atividade de ensino. Eu sempre olho o professor com um olhar, assim... É... digamos assim, um olhar assim mais doce, né? Pra ele, né? Eu sempre olho, eu sempre olho... Pode ser um

mau caráter, Mas fico sabendo assim que essa pessoa é professor, é professor, eu sempre olho com bons olhos. Alguém que se tá naquela árdua tarefa de ensinar. E assim, eu tenho um carinho pela figura do professor. Mas o problema é que o sistema escolar, ele hoje, ele também massacra o professor. Então assim, definir a escola hoje pra mim é muito difícil porque, porque a escola ela tá muito longe do que ela se propõe a ser. É... Numa audiência pública que nos tivemos, uma representante do MEC, nós tivemos muitas audiência aqui no Congresso Nacional. Uma representante do MEC que veio no lugar do ministro da Educação, ela disse que a escola era um lugar do aprendizado lúdico, do convívio com as diferenças, da harmonia das relações, aí eu tive que interromper ela e falar que: Minha querida, a gente vai conversar sobre a escola real ou a escola ideal? Porque se a escola fosse isso que você está falando meu filho ainda estava lá. Entende? A escola não é mais isso. Infelizmente a escola se tornou um lugar de má socialização das crianças, se tornou um depósito de crianças, não por culpa da escola, mas por culpa da família. A escola se tornou o que ela se tornou porque a família saiu da escola e entregou essa responsabilidade de educar para o professor, Isso é muito injusto e é até cruel com o professor, com a escola em si. O professor, o coordenador, né? Então assim, hoje eu diria assim à você: Que a escola seria pra mim, pra meu filho, a última alternativa, né, ainda assim...

P - “Se ele pedisse pra voltar você colocaria de volta?”

F2 - “Olha, eu não sei. Não sei se eu faria isso. Não sei porque assim como pai eu acho, eu tenho autoridade sobre ele, ele é menor, tá sob a minha responsabilidade. Se ele tivesse mesmo, e se você pudesse entrevistar eles, eles iam dizer pra você assim: Escola nunca mais. Tem isso, agora, se eles me pedissem eu ia tentar convencer eles do contrário, e se precisasse de chegar ao ponto de eu entender que era melhor pra eles ficarem em casa eu usar minha autoridade de pai, sem duvida e dizer: Não, pra escola vocês não vão. Se depender de mim vocês não vão. É, esse, infelizmente, hoje é o que eu penso. Infelizmente pra escola. Pro sistema escolar. E, então hoje definir o que é escola se tornou, pra mim a escola hoje é um grande depósito de crianças, com convivência da família, que faz questão disso. E coma convivência também de alguns donos de escola, né, que preferem manter os meninos lá com as mensalidades pagas e se submeter a todos os caprichos dos, de alguns pais, né, que fazem questão disso, é, até pra exemplificar o que eu tô dizendo pra você., minha filha estudou numa escola e numa dessas reunião de pais... Reunião de pais é um negócio interessante porque você convida os pais de 30 alunos, chega lá tem 6, tem 7, 8 pais. Né? Quando eu chegava lá, é... Era interessante porque a coordenadora perguntava : O senhor é pai de quem? Falei: De Lorena. E a senhora é mãe de quem? De Lorena. Ué, o pai e a mãe aqui, nunca vi, isso, né?

Ainda tinha isso. E aí que quando a gente chegava lá tinha casos do tipo: uma mãe de um menino de 3 anos, 4 anos, ela não conseguia tirar o pijama do menino e vestir o uniforme, então ela pegava ele com o pijama, colocava no carro porque ela tinha que ir trabalhar e levava com o uniforme, quando chegava na porta da escola ela fazia uma chantagem emocional com o menino. Ela dizia assim> olha, eu quero ver se você vai entrar na escola de pijama e pagar esse mico, passar essa vergonha na frente de seus coleguinhas. Quando a chantagem emocional funcionava ela conseguia ali no carro mesmo vestir o uniforme no menino e o menino entrava na escola. Quando não funcionava ela entregava o menino de pijama, e entregava o uniforme ao porteiro, a pessoa que recebia a criança. Eu disse pra diretora, você não pode receber uma criança de pijama. Você não está ajudando essa mãe. Que mãe incompetente é essa que não consegue tirar um pijama de um menino de três anos. Quando ele tiver 14 ele vai matar ela, né, se ele, ele consegue, ele tem essa liberdade, então assim, a família ela se afastou da escola e exigiu que a escola fizesse algo que era o papel dela. Se desresponsabilizou. Entende? Então assim, isso pra mim é preocupante. O sistema escolar, ele foi, ele se tornou, ele se tornou muito por causa da omissão da família que não quer saber. Ela , e hoje também não só na escola que, que ela é paga, na escola dita particular. A escola pública e gratuita, que na verdade não é nada de gratuita, porque ela é paga com dinheiro de impostos, os pais também estão ficando exigentes. O consumidor Brasileiro ficou mais exigente, então ele fala: não, pago imposto então eu quero uma escola melhor, quero que cuide do meu filho. Né? Então hoje a grande preocupação com as crianças pequenas, é que quando a sineta tocar, e o pai chegar pra buscar que os meninos estejam sem nenhum arranhão. Então se está assim ok, cumpri minha missão. E os professores, infelizmente, estão engrossando as filas de consultórios psiquiátricos, né? São milhares de professores que se afastam, né? Todos os anos, nas escolas, né? E que não conseguem mais dar aula, né? Porque se não aguentam mais. Hoje o professor tem que fazer o papel que um pai faria. Eu sou de um tempo, e eu não sou tão velho assim, que a sociedade se dividiu da seguinte forma. Os pais ensinavam aos filhos costumes, valores, morais, crenças, hábitos, e a escola ensinava a cultura, educação chamada acadêmica, aquela que vem dos livros. Hoje a escola está ensinando o menino a se limpar, escovar os dentes, eu acho que ele tem que aprender isso em casa, não é papel da escola, a escola já tem atribuições demais pra fazer. Então a famílias se afastou, e se eu vejo alguns professores que pra mim são heróis, assim, heróis à resistência, que permanecem, tem boas intenções, bons projetos, né? Mas, infelizmente, é uma luta extremamente desigual. Então pra mim hoje o retrato da escola no Brasil é esse.”

P - “Querida entender o que você entende por educação?”

F2 - “Uma definição muito interessante que eu... Grande parte do que, o que é a educação, ela se tornou hoje, é muito mais, é... É muito mais um ensaio teórico do que a prática disso. A educação hoje é o que ela não deveria ser. E ela não é o que ela deveria ser. Pra mim, é... Quando eu vi um pensador falar que não existe ensino, o que existe na verdade é aprendizado. E o aprendizado ele tem que ser global, né? Você tem que preparar os, os, os filhos, educandos, por assim dizer, aquele que você está educando de uma forma mais geral, não só ensinar eles à fazer contas e a se comunicar, a ler e escrever, interpretar um texto. Mas dar uma formação que o prepare para a vida, né? Eu sei que essa frase hoje já virou clichê, mas ela retrata o que eu penso que é educação. As pessoas falam “eu quero deixar um mundo melhor pros nossos filhos.” Na verdade a gente precisa deixar filhos melhores pra esse mund. E isso que eu penso que educar é isso. É você deixar pessoas melhores. Por exemplo, é... Eu saio com meu filho pra encher o pneu da bicicleta. E aí a gente chegou no posto de gasolina e tinha escrito assim: “proibido calibrar pneu de bicicleta”, né? E tinha assim, Quem colocou essa placa ali, colocou por algum motivo, né? eu não sabia porque, mas colocou por algum motivo. ele falou: Ó, pai, é aqui, mas todo mundo enche o pneu mesmo com a placa. Eu falei: não filho, mas se a placa tá aí ela tá por algum motivo, vamos procurar um outro lugar. E aí saímos andando com a bicicleta até a borracharia. Né, então assim, eu falei: olha, o que é certo é certo mesmo que ninguém faça. e o que é errado é errado mesmo que todo mundo faça. Então assim, eu acho que educar ela passa muito por isso, principalmente porque você tá falando de um brasileiro, dentro de um país que vive numa crise ética de séculos, e que eu acho que chegou, tá chegando assim, a um nível insuportável onde as pessoas também estão cansadas disso. Desses hábitos que nós temos que torna nossa convivência tão difícil, então, eu penso que educar é isso, e eu acho que se a família não pode ser abster. A escola, o estado, ela não vai fazer isso. com você. Eu outro dia, há um tempo atrás eu recebi uma noticia de que um policial no Canadá, ele estacionou a viatura num paquímetro e passou do horário e aí quando ele chegou ele viu que ele tinha passado do horário e aquilo gera multa. ele atirou o talão de multa e aplicou uma multa na viatura dele pra ele pagar. entenda bem, ele não aprendeu isso na academia de Polícia, ele aprendeu isso em casa. Que a lei é pra todos. Na academia isso deve ter sido reforçado porque ele tem que dar exemplo, mas entende? Esse é o papel da família. É injusto com a escola a gente querer jogar esse papel lá também. Porque eles já tem o currículo enorme pra dar em 200 dias letivos, né? É o Governo tá até querendo aumentar, mas também é uma prova de que a gente não tá sabendo fazer isso bem, porque nos anos 70 e 80 eu ia pra escola em março, em novembro eu já tava de férias. hoje os meninos vão em fevereiro e saem em dezembro e sabem menos do que nós sabíamos na idade deles.

Ou seja, a gente tinha menos dias de aula e dava, hoje não dá, O que que mudou, que que está acontecendo. Então educação pra mim é isso. É uma formação integral. E há quem defenda que o Estado tem que se responsabilizar por isso, eu não acho, eu acho que a família também, né? Tem um papel aí de ambos, na qual a Constituição diz que a educação é direito de todos mas é dever do Estado e da Família e a LDB diz a mesma coisa, a LDB diz a mesma coisa, é um direito, é um dever da família e Estado.”

P - “Ok, só pra eu confirmar a ideia, né? Quando vocês tomaram a decisão para poder tirar os filhos da escola vocês ainda nao sabiam muito bem o que vocês iriam fazer; não tinham bem um planejamento?”

F2 - “Não, não tinha. A gente não tinha. A gente sabia que era uma decisão difícil , assim, do ponto de vista, do que que a gente ia saber, mas a gente tinha convicção de que a gente poderia fazer um trabalho bom com eles. O que se era impossível fazer um trabalho pior do que o que a escola estava fazendo, né, é lamentável ter que dizer isso, mas é a verdade. Eu conheço pais, conheço uma mulher, ela só estudo até a quarta série, né, ela faz um trabalho fantástico com os filhos, justamente porque ensinar em casa não é ensinar conteúdo mas ensinar a aprender. E os filhos dela tão se desenvolvendo, e tão indo. Então assim, estou citando um caso de muitos e muitos casos que as pessoas me perguntam: ah, tem que ter uma formação, tem que entender de pedagogia, tem que entender de didática, eu vou te dizer que não. Vou lhe dizer o seguinte: essa fala não é minha, eu me apropriei dela, então não sei nem se o termo tá correto. Mas eu acho que você vai me entender. Pra você aprender algo com alguém, você precisa liberar essa pessoa afetivamente em seu coração. Você já teve a experiência de detestar uma matéria por causa de um professor, de amar uma matéria uma disciplina por causa de um professor, então você sabe o que eu estou dizendo. os pais em geral eles já tem essa liberação afetiva, eles já tem esse caminho aberto no coração do filho, pra ajudar o filho a aprender, o professor não, o professor precisa conquistar esse espaço, né? E são muitos corações, um vai gostar dele e outro vai detestar, né? E um já vai gostar de outro. Então assim, esse pra mim é o ponto, esse pra mim é o ponto. É um caminho que já está aberto ali. Estou falando dos bons pais, dos pais que são responsáveis, dos pais que se preocupam com isso. A minha consciência é muito tranquila. Eu posso amanhã ser preso, ser denunciado, ser preso. Tudo isso pode acontecer. mas eu não vou entregar meus filhos pro Estado. Eu tenho convicção de que enquanto meus filhos estiveram na escola eu fui um pai responsável, fui um pai que quis ajudar a escola, que busquei cooperar, que fiz a minha parte, mas eu me cansei, como muitos pas se cansaram, entende? Desse negócio que não... Meu pai falava quando eu tinha uns conço ou seis anos que, que... Nossos pais eram pais do futuro,

né? Hoje eu tenho 45 e esse futuro pra mim não chegou ainda. Tomara que meus filhos vejam isso, meus netos. Mas, mas... Não, não consegui ver. Esse futuro principalmente que ele achava que havia uma mudança na educação. E essa mudança, se ela ocorreu, e ocorreu, ela mudou pra pior. Hoje a escola é muito pior no sentido da formação do que era antes. Até porque a , uma das coisas que se extraiu nesse modelo foi a disciplina, não existe democracia sem disciplina. Não existe como você viver em sociedade sem uma hierarquia. Essa teoria de que a gente pode viver um respeitando o outro, o ser humano não é assim. O ser humano não tem essa tendência de que todo mundo vai se respeitar, todo mundo vai cooperar. Acho até ingênuo pensar assim hoje. Não é assim, a história, não sou eu, a história prova que não é. A historia prova que as pessoas precisam ser punidas pra usar o cinto de segurança porque se não forem elas não vou usar. Então você tá criando uma consciência, né? As pessoas ainda entram no seu carro e falam assim: deixa eu colocar o cinto aqui pra eu...Pra você não levar uma multa. Eu digo não, coloca o cinto porque te protege, pela sua segurança. É difícil, então uns vão cooperar, seu sei. Mas muitos não vão. Então você tem a hierarquia é importante, a disciplina é importante, né? Não existe aprendizado sem isso, sem você deixar o outro, ter uma autoridade de ensinar, né? Ele também vai aprender com você, mas ele também vai ter autoridade para conduzir. Tiraram isso do professor em sala. Um professor não pode colocar um aluno bagunceiro pra fora de sala, que tá atrapalhando outro. Por conta da impunidade que existe ele também incentiva outros também agirem da mesma forma, né? Você tirou a questão do mérito, né? daquele que estuda, daquele que se esforça. E isso foi pra faculdade. Eu fiz, minha primeira faculdade foi jornalismo, a segunda foi Publicidade e Propaganda. Você passa 4 anos num curso desses, eu estudei na Universidade Federal da Bahia em Salvador e depois na Universidade Católica. Eu tenho colegas que se formaram om boas notas e passaram os 4 anos do curso s em ler um livro. Como você vai ser jornalista sem ler um livro? Como assim? Né? E passavam com boas notas. Muitos passaram com boas notas e assim, professores que se cansaram. Eu não vou fazer prova difícil, difícil vírgula, não vou fazer a prova que eu deveria fazer porque se prender esse cara aqui eu vou ter que aturar ele no semestre que vem. Tinha um professor na Universidade federal da Bahia que ele dizia assim, ele fazia uma prova do lado A e do Lado B, o lado A er a aprova como ele gostaria que fosse. O lado B ele fazia, porque ele se cansou, ele fazia pra você responder e passar na matéria, né? Porque ele assim, chega uma hora que cansa. Todo mundo cansa e eu tinha professores que criticavam ele e diziam assim, olha, meu maior medo é que amanhã eu vou me tornar igual à ele, que eu também estou cansado disso. E isso, esses jovens, eles levaram esse formato da escola. Da escola, eu ficava impressionado com, sempre fiquei. Hoje quem tá ficando é minha filha.

Educação, infelizmente, se tornou isso que a gente contempla hoje. Sem essa perspectiva de mudança. cada vez, ano passado, que eu visitei a comissão de Educação, todas as sessões eu estava lá. Por causa da votação do Projeto de Lei. na última sessão do Ano, o Presidente da Comissão, o Deputado Glauber Braga falou assim pra mim: É, mestre, você não perdeu uma sessão nossa esse ano, né? Você estava mais presente aqui que os deputados da comissão. E eu via... Eu falei: é verdade. Eu via as lutas de alguns, os desinteresses de outros com isso. Alguns projetos interessantes que não foram pra votação porque não passaram, alguns projetos que nada tem a ver com educação, não vai crescer em nada, não foram votados, e o desistesse com isso, esse aspecto que todo mundo diz que é importante, aliás, né? Nossa presidenta que já foi “estudanta” um dia, ela disse que o desse governo, desse segundo mandato é que o Brasil é uma pátria educadora, e eu tô procurando ainda onde é que tá essa pátria educadora. ão sei se no final desses 4 anos ela vai fazer esse milagre, e infelizmente é só um Slogan, é só uma frase solta. Não reflete um país. Não adianta demonstrar números. Dizer: olha tem tantos meninos matriculados na escola. Isso não me diz nada. Que eu converso com os professores e eles me dizem qual é a realidade. Eles são obrigados a aprovar alunos que não tiveram bons desempenhos. Tiveram péssimo desempenho. Deveriam ser reprovados. Eu tenho uma pessoa da minha família que é professor e deu nota 2 pra um menino, porque o menino mereceu nota 2, e a diretora corrigiu a nota para nota 8. Deu 6 pontos, isso ele disse que isso é comum, né? Tanto que ele se cansou, está pedindo transferência, pediu uma licença de 3 meses e não sabe o que vai fazer. Gosta da sala de aula mas não quer mais , por conta dessas coisas. E segundo o Governo, você não pode reprovar pra você não desanimar o aluno, mas aí você aprova ele e é esse cara ele entra numa faculdade. Porquê? Porquê o sistema permite à ele entrar, né? Então ele vai assim colando, recebendo aprovação, recebe certificado de conclusão do ensino médio. Se matricula num vestibular numa universidade privada qualquer, principalmente numa dessas que tem mais vaga do que gente pra fazer a prova, a concorrência é menor. Basta ele não zerar, né? E aí ele acaba entrando numa faculdade. Você coloca uma pessoa dessa numa faculdade pior ainda , você ainda dá um diploma pra ele depois de uma nos. Porque ele prossegue nesse processo. É necessário uma mudança radical.

ENTREVISTA 3

F3 - “Meu nome é Renata, tenho 32 anos, sou casada, tenho 3 filhos. O Bruno de 12, Felipe de 11 e o Isac de 4 anos.”

P - “Você está morando em Contagem, né?”

F3 - “Sim.”

P - “Renata, me conta como que se deu a tomada de decisão? Quando e como aconteceu? Quando perceberam que precisavam tirar os meninos da escola?”

F3 - “Bom, então, na verdade foi uma decisão conjunta, né? Minha e deles. O meu, esse que hoje tem 11 anos, na época, se não me engano, acho que ele tinha, 9. E ele nunca gostou da escola. Todos os dias ele acordava pedindo pra não ir à escola. Então assim, era pra ele uma tortura tá lá e aí, na época eu não conhecia Homeschool, né? E aí eu fui estudar o assunto, por quatro anos eu estudava o assunto mas ainda não tinha coragem. Aí ele começou a... Aí nesse meio tempo a gente descobriu que ele era daltônico e aí ele começou a ter muitos problemas na escola e tal. A própria professora dele falou comigo assim que não era justo manter ele na escola. Tava atrapalhando o aprendizado dele. Que ele era um ótimo aluno, sempre foi um dos melhores alunos da sala, mas que ele não estava se encaixando naquele modelo. E aí, o mais velho ia muito bem, tinha muitas amizades na escola e tal, mas o principal ele perdeu, que era a vontade de estudar. Ele teve alguns problemas com uma professora, com uma matéria e ele perdeu o gosto. Ele já não queria mais estudar. E aí essas duas coisas, foi durante dois anos a gente pensando, a gente conversando, lendo sobre o assunto... E aí começou a surgir famílias aqui próximas a mim, que faziam, né, Educação domiciliar, e a gente resolveu tomar a decisão. Chamei eles e perguntei se eles queriam, eles já queriam muito que eles viam os amigos deles aqui fazendo educação domiciliar, e aí eles... Quando a gente chegou nesse... Chegou no acordo que então iria tirar a gente tirou.”

P - “Você é casada, né, Renata?”

F3 - “Sou.”

P - “Como você trouxe o tema para discutir com ele?”

F3 - “Então, a gente morava próximo a essas famílias que faziam a educação domiciliar, então já tava presente, a gente já sabia como é que era, e aí a gente foi vendo, fomos convivendo mais com essas famílias, e ele foi conversando também e a gente decidiu junto mesmo. Assim ó: vamos fazer? Então vamos. Vamos tirar e vamos fazer. eles querem e até hoje funciona assim. O dia em que eles me virarem pra mim e: Mãe, a gente quer voltar. Eles vão voltar, entendeu?”

P - “E como você sente eles atualmente depois de saírem da escola?”

F3 - “Olha, um mês depois deles terem saído da escola, menos de um mês depois, eles já tinham mudado assim cem por cento, eles já tinha assim... Meu filho mais velho na época com, tinha acabado de fazer 11 anos e eles não brincavam mais, eles não conviviam mais com crianças pequenas. e já se achavam adultos, né? porque conviviam com outras pessoas que já eram, já tavam no meio assim bem de adulto mesmo. As meninas de 1 ano já todas já tinha

uma vida de namoro, umas conversas muito esquisitas, e ele não combinava com isso. Um mês depois que eu tirei ele da escola. Em um dos passeios nossos ele já voltou a brincar, ele corria, ele brincava, ele andava de bicicleta e ele mesmo já voltou a ter os pensamentos dele, opiniões dele, essas coisas ele tinha perdido. Ele já voltou assim... E o ânimo pra estudar foi assim automático também. A gente foi indo devagar e testando um jeito, testando outro jeito pra ir vendo o que ia funcionar, até hoje a gente é assim ainda. A gente vai andando segundo o que tá funcionando. Quando ele desanima de alguma coisa é que você tem alguma coisa errada e a gente muda de jeito?”

P - “E como se deu essa retirada deles do colégio?”

F3 - “Os dois estudavam no mesmo colégio, o pequenininho ainda não tava na escola. Aí os dois estudavam no mesmo, aí a gente tirou os dois na mesma época, no mesmo tempo.”

P - “E como foi a sensação no momento, quando vocês pediram a saída dos meninos?”

“Medo, né? Na verdade assim, quando você faz um negocio desse que não é normal, que não é comum você pensa assim: Ah, eles vão... A primeira coisa que os pais pensam é que eles vão tomar meu filho de mim e tal, só que uma coisa que eu pensei é o seguinte... Só um minutinho (conversa com o filho) .É, uma coisa que eu pensei é o seguinte. Depois que passou esse dia e até conversando com o Ricardo mesmo, ele me disse o seguinte que eu não estava cometendo um crime, eu estava fazendo o melhor para os meus filhos. Crime era deixar ele sofrendo naquela situação. Então, quando “cê” passa a entender que é uma coisa que funciona em tantos países, tantos lugares, tantas famílias que fazem educação familiar, aí vai trazendo um tranquilidade, sabe? Aí eu percebi na verdade que eu não tenho nada de errado, eu não tava fazendo nada de errado. Meus filhos estudam da mesma maneira.”

P - “Como se deu pós-retirada deles da escola? O que vocês planejaram para os meninos?”

F3 - “Então, a gente foi testando várias coisas. Então a gente tentou, é... Estudar por, pelo currículo escolar mesmo. Seguir o currículo escolar. Só que não funciona. Educação domiciliar não é educação escolar. Então não funcionou.”

P - “Mas porque não funcionou? O que você sentiu de diferente?”

F3 - “Porque, por exemplo, o que a escola ensinava em um mês, eles aprendiam às vezes em uma semana, e tinha certos assuntos que tinha mais dificuldade que agarrava as vezes, demorava um mês pra aprender aquele assunto. Se eu posso seguir o currículo da escola, essas coisas iam trazer estresse dentro de casa. Então a gente segue muito o ritmo deles. Mesmo que eu pegue um currículo escolar pra seguir, o ritmo é deles. Eles comandam o ritmo. A gente já passou um mês aqui estudando, por exemplo, porcentagem, foi matéria que

eles tiveram dificuldade, a gente passou um mês estuando porcentagem. Na escola eles não teriam essa possibilidade. Eles teriam que, é... Andar segundo todo mundo. No mesmo ritmo de todo mundo. A gente vai seguindo assim: a gente assiste video-aula, documentários, trabalhamos projetos. Eles tem os livros deles didáticos que eles me ajudaram a escolher, e a gente vai seguindo assim. De acordo com os ritmos deles. Se tiver que parar a gente para, para cada um entender, pra gente continuar caminhando.”

P - “E atualmente como é que vocês estão fazendo a educação domiciliar?”

F3 - “A gente faz o seguinte: a gente estuda todos os dias de manhã. Eles tem a meta deles de leitura que eles lêem 10 páginas dos livros que eles escolheram todos os dias e eles gostam muito disso, inclusive, e a gente faz o que tiver que _____. Normalmente História, ciências, geografia. A gente aprende com documentário, vídeo, filme, fazendo resumos, depois outras coisas com livros didáticos mesmo.”

P - “Então atualmente vocês não estão seguindo o currículo como a escola...”

F3 - “Seguimos. Seguimos. Eu sigo assim, eu sigo mas não da maneira que a escola segue. Eu não sigo bimestre, entendeu? Bimestre, semestre, não isso. Eles são assim. os dois trabalham com material um do quinto, ou um do sétimo ano outro do sexto ano. Eles trabalham com esse material, mas nós não temos um prazo, entendeu? Nós vamos trabalhando. Pode ser que em julho eles tenham terminado, pode ser que não.”

P - “Vocês passam o dia todo em casa com ele? Como vocês revezam o trabalho?”

F3 - “Só um minutinho. (conversa com filho). A gente não, normalmente a gente não fica em casa, né? O dia todo. É, durante a manhã a gente fecha esse horário de estudos. à tarde eles fazem curso, eles fazem curso de violão, de desenho, fazem o esporte deles que é o Muai Tai, então assim, eles quase não param em casa, né? A gente tem pouco tempo em casa. Tempo que a gente tem em casa é pela parte da manhã a hora que a gente estuda.”

P - “E você trabalha? Só na parte da tarde? Seu esposo também?”

F3 - “Não, eu não trabalho. Eu fico em casa com eles.”

P - “Sim, e foi uma opção sua não trabalhar?”

F3 - “Opção minha. Nunca trabalhei. Eu tenho 13 anos de casado e nunca trabalhei. Foi opção minha mesmo ficar em casa com eles.”

P - “Você acha que isso facilitou a decisão?”

F3 - “Muito! Muito, né? Porque se você trabalha fora e for decidir pela educação domiciliar não é impossível. Você pode pagar uma pedagoga, uma professora para te ajudar, né? Mas não é o mesmo sentido de você aprender junto. Eu não sou professora deles. A gente vai estudando juntos. Aprendendo juntos. Cada matéria. “

P - “E quando você não consegue aprender uma matéria. Que recursos você acha para te ajudar?”

F3 - “Não aconteceu ainda, né? Porque assim, ele tá na sétima série, mas assim hoje em dia tem disponível muitos recursos, no Youtube você vê inúmeras aulas, cursos de... E a gente já fez curso de Português, Matemática, de, é... Curso de Raciocínio Lógico. Tem muitos cursos, então acha pra fazer, né? Então assim, na verdade se a gente tiver interesse a gente consegue aprender qualquer coisa hoje em dia. A internet disponibiliza qualquer assunto que você procurar.”

ENTREVISTA 4

F4 - “Eu adoro falar sobre esse assunto! Eu vou te contar, na verdade, são duas coisas um pouquinho diferentes uma da outra, que eu posso contar pra você a respeito da minha experiência. A primeira coisa que eu posso te contar é em relação à como é que eu mesma me interessei por esses assuntos e como eu, acabei... me organizando pra viver isso pessoalmente. E depois também posso te contar um pouco do que eu tenho visto por aí quando eu encontro e converso muito com outras pessoas, outras famílias que também fizeram essa opção de não escolarizar os seus filhos. E aí na verdade, o que é muito interessante é que as experiências são muito diversas. Tudo isso que você está perguntando, por exemplo, como as pessoas chegam a essa decisão, e em que elas esperam e fazem depois, na verdade, existem muitas respostas pra essas perguntas. Muitas diferentes respostas, né? Então no meu caso, vou tentar ser objetiva e você vai me falando tá? Se tem alguma coisa que você gostaria de saber em mais detalhe. Eu comecei filosofia. E já na faculdade de Filosofia eu me interessei muito, an... Por um autor específico da filosofia, que é o Spinoza e pela maneira como ele... como ele... Analisou, criou, teorias sobre a ética e eu fazia uma relação entre a ética e a aprendizagem. Aí uma coisa bem teórica minha, que eu acabei me interessando e comecei a me perguntar como é que a gente aprende, né? Aí bom, eu tive uma filha, que hoje tem sete anos. E a minha filha quando ela tinha por volta de dois anos, ela começou a me perguntar todos os dias a mesma coisa. Ela me perguntava se era possível aprender tudo! E ela me perguntava e não era uma pergunta retórica, sabe, ela queria mesmo uma resposta e eu não sabia responder porque eu estava... Ela falava assim: Mamãe, é possível eu aprender tudo? Aí você pensava: O que é tudo pra uma criança de dois anos? Porque não é... Como é que eu vou responder isso? Não é o mesmo tudo que é pra mim. E aí eu acabei adotando essa pergunta pra mim. E fui voltar aos textos antigos que eu já tinha lido com essa pergunta na cabeça. Encontrei um outro autor, que é o Humberto Maturana, sabe? Que aí eu comecei a ver muita semelhanças entre a maneira como ele fala da aprendizagem e

como eu lia o Spinoza. Então comecei a perceber que, é... O ensino tem uma relação com a aprendizagem que pra mim ela é um tanto prejudicial, eu comecei a achar que o ensino acabava prejudicando a aprendizagem.”

P - “Mas qualquer ensino? Qualquer tipo?”

F4 - “O ensino formal! Como instrução mesmo. Porque eu não sei se você já viu o texto do Maturana muito interessante que chama Aprendizagem ou Deriva Ontogenética? É um texto bacana onde ele coloca duas perspectivas para compreender a aprendizagem. Uma perspectiva é a... A perspectiva da instrução, né, quando a... o... a... Aprendizagem acontece por transmissão de conteúdos ou de conhecimentos. E outra é uma abordagem que ele um pouco cria e eu acho que tem bastante a ver com o Spinoza que é uma abordagem interativista. Que a gente aprende, e aí ele diz uma frase muito legal que é assim: aprender, não é apreender o mundo, e sim comungar com o mundo. Então essa aprendizagem dependeria de uma interação com as coisas e com as pessoas e nessa interação aquele que aprende ele acaba passando por uma transformação de fato, né? Em vez dele receber o conteúdo ele se transforma na interação. Aí, tá bom, dessa teoria toda que depois eu me aprofundi bastante e tal, eu comecei a procurar situações, er... A observar situações do cotidiano onde era possível dizer que as pessoas aprendiam sem ser ensinadas e fui procurar, né? Conviver com mais crianças, porque as crianças aprendem sem serem ensinadas, e com adultos também comecei a observar que é o mais comum de acontecer. A gente tá o tempo inteiro aprendendo e não, e num existe essa, o tempo inteiro, essa relação entre ensino e aprendizado. E por conta disso, eu acabei me aproximando sem intenção prévia de famílias que tinham seus filhos fora da escola. Já em idade escola, mas fora da escola. São as famílias de, que se chamam hoje de as pessoas costumam dizer que são os unschoolers, ou homeschooler. E aí encontrei, em 2010, eu estava em contato com mais ou menos 300 famílias no Brasil. É, e hoje eu tô em contato com mais de 2,500 famílias. Eu comecei a fazer um trabalho de acompanhamento voluntário, do interesse pessoal, dessas famílias pra entender isso que você também está buscando. O que que acontece, porquê que acontece, e eu vi que esse, esse assunto, começou a ganhar muita importância e começou a passar por fases. As pessoas passam mais ou menos, isso é uma observação minha, tá? Eu não sei se corresponde à realidade objetiva, mas eu tenho a impressão que as pessoas passam em geral pelas mesmas fases. primeiro, e... Elas tem obviamente uma insatisfação com o sistema de ensino e com a escola, e algumas delas tomam a decisão de não escolarizar os seus filhos por conta dessa insatisfação. Então nesse caso, quase sempre elas tem uma perspectiva. Ou uma expectativa de promover o melhor ensino pros seus filhos. melhor do que eles poderiam ter

na escola. Em geral, essas pessoas costumam adotar uma prática que seria do ensino domiciliar. Isso é uma parte dessas pessoas que eu acompanho. Uma parte que hoje é bem pequena, inclusive. É... Pelas minhas contas são por volta de 300 ou 400 famílias que são, praticam ensino domiciliar no Brasil. Então as coisas um pouco reproduzem o ensino que aconteceria na escola, elas reproduzem na escola ou os próprios pais fazem o programa de estudo com os filhos, respeitando de alguma forma os conteúdos que seriam ministrados nas escolas, aí eles mesmo ensinam os mesmo ou contrata professores, educadores, mentores, enfim, e seguem um pouco o currículo. Eu, por exemplo, não tenho essa mesma, essa mesma prática nem nenhum interesse por fazer isso. Mas eu sei que algumas pessoas fazem. Outras pessoas e que é a maioria, com quem eu ando conversando, é, a decisão de não escolarizar os filhos ela não vem, necessariamente, de uma insatisfação com a escola, ela vem de uma abundância de oportunidades de aprendizagem na própria vida das pessoas. Então em geral são pessoa que tão muito conectadas com redes de pessoas de todos os tipos. Tanto no bairro, como na cidade, com muitos amigos, pelas redes sociais e acabam criando uma vida um pouquinho diferente assim, elas, e... Como elas tão muito conectadas, a própria maneira delas organizarem sua vida como no meu caso, né: o trabalho, e tudo isso. Não é uma maneira muito institucionalizada. Então, em geral, são pessoas que não tem um trabalho, um emprego de 40 horas por semana, contrato e tudo isso. São pessoas que trabalham em rede, em geral fazendo muitas coisas diferentes, tem muitas ocupações diferentes. Então, no meu caso, vou falar de mim: eu trabalho com tradução, trabalho sempre de forma autônoma, trabalho com cooperação científica, trabalho com universidades, prestando consultorias pra desenvolvimento internacional, escrevo e... Acabei começando a trabalhar também com configuração de espaço de livre aprendizagem em cidades. Então são trabalhos que me permitem, an... Fazer, estar em contato com essa coisa da aprendizagem e ensino e também acompanhar a minha filha nas própria experiências dela e proporcionar pra ela experiências de vários tipos pra ela poder aprender de acordo com o que ela, com aquilo que ela se interessa. Então, a maior parte, eu acho, das pessoas, acabam tomando essa decisão porque a escola seria, er... Como uma restrição desse modo de vida, né? Então a criança, por exemplo, teria que ficar na escola, aprendendo em conteúdos, que não necessariamente são contexto pra ela agora, nesses momentos. Um tempo muito grande, né? Praticamente metade do tempo que ela teria disponível ela taria na escola, ou até mais, muitas vezes. E isso faz o quê? com que as pessoas circulem por, é... Tunes. Então os pais eles se dirigem normalmente ao trabalho e ficam ali dentro de uma espécie de tubo onde eles podem interagir ali dentro, né? Do escritório, no trabalho. As crianças ficam em outro que é a escola, e eles se encontram em

momentos em que, encontram as outras pessoas, em momentos que a gente chama de lazer. Como se não fosse sério. Como se não... Nada de grande valor pudesse acontecer do lado de fora desses tubos. E aí a aprendizagem que a gente tem fora desses ambientes ou o próprio trabalho, ou algo ue a gente possa produzir fora desses ambientes institucionais ficam um tanto desqualificado, né? É como se fosse menos importante. E são justamente as coisas que a gente faz porque a gente quer. Então, tem algumas histórias interessantes. A minha filha , por exemplo, tem uma amiga, bem, ela não frequenta a escola, hoje ela tem 7 anos, e ela tem uma amiga, e ela queria brincar com a amiga outro dia, e a amiga dela disse assim que tinha que estudar pra prova e por isso não podia brincar. Aí minha filha perguntou que que era uma prova. E aí a amiga dela disse: bom, provas são perguntas que você tem que responder pro professor saber que você aprendeu o que ele te ensinou. Aí minha filha perguntou: E o que ele não ensinou? E a amiga dela respondeu: Mas o que ele ensinou não tem importância. Então é um pouco isso, sabe? Essa coisa da desqualificação, de invalidar o que você só aprende só porque você quer, só porque é do seu interesse, sem um objetivo final. Então eu acho que a maior parte das famílias hoje em dia com quem eu convivo e que eu acompanho, elas tão um pouco ressignificando as relações delas, e as relações com os seus filhos também. e dando importância pra aprendizagem que, é... A gente pode considerar sendo “incidental”, sabe?

P - “Como assim?”

F4 - “A aprendizagem que acontece sem uma, é... Sem um plano. que acontece mais ou menos espontaneamente. Mais ou menos porque na verdade a gente, se a gente coloca uma criança, permite que ela conviva em ambientes diferentes, uns dos outros, ela mesma vai começar a manifestar certos interesses. Ela não vai se interessar por absolutamente tudo, mas ela vai se interessar por alguma coisa em cada um desses ambientes. e cada coisa pela qual essa criança, ou até mesmo um adulto, se interessa. vai levando a outra. Então, é... Esse mecanismo de seguir os seus próprios interesses, ele é muito interessante porque ele vai criando como uma cartografia, sabe? De conhecimentos. Então as crianças e eu posso dizer que e os adultos que eu conheço, a gente vai mapeando coisas. Então, essa coisa de se distrair, por exemplo, que na escola você não pode, você precisa focar sua atenção naquele assunto, até você dominar aquele assunto o suficiente. Então, quando você se distrai daquele assunto, isso é considerado ruim, mas a gente não perde a atenção. A verdade é que quando a gente se distrai é porque alguma outra coisa chamou nossa atenção. Se a gente puder seguir a nossa atenção aí provavelmente a gente vai conseguir construir esse mapa dos nossos interesses e assim, seguindo esses interesses a gente vai construir uma aprendizagem muito singular,

muito própria. Sempre em relação com as outras pessoas e com as coisas, mas que configura como se fosse um currículo pessoal, sabe? Muito potente, na minha opinião isso. Eu tenho visto de fato, na prática, além de todo aquilo que me interessa muito, a potência dessa maneira de aprender. Então vou te dar um exemplo, porque, quando eu decidi não colocar a minha filha na escola é porque eu realmente achei que ela não precisava. Em nenhum momento foi uma decisão definitiva, ainda hoje não é, eu não tenho muito, muita afinidade com as decisões definitivas e nem com as verdades absolutas, não tenho problemas com isso. Eu devo é evitar e até agora tá tudo bem. Então, eu decidi que, eu sempre decido que ainda não vou colocar a minha filha na escola. Porque ela não, eu não vejo essa necessidade.”

P - “Mas quando você começou a não ver essa necessidade?”

F4 - “Assim, eu nunca vi essa necessidade, mas obviamente a sociedade, a família, todo mundo espera que um dado momento você coloque seu filho em uma instituição de ensino, e aí eu, claro, fui procurar. Eu fui procurar, fui conhecer escolas, e até pelo meu próprio interesse queria entender como as escolas funcionavam e conheci muitas, muitas, muitas escolas. É... Desde as tradicionais até as mais alternativas entrei numa rede de educação democrática, fui conhecer experiências também de fora do Brasil de educação democrática ou mesmo em São Paulo conheço várias experiências muito bacanas, escolas como Amorim Lima, você conhece?”

P - “Não, não conheço.”

F4 - “É uma escola Municipal, depois eu te mando o link, vou anotar aqui pra depois te mandar. Amorim Lima, é uma escola municipal que por acaso, pura coincidência mesmo, fica no bairro, quase na minha rua, e é uma escola que há 15 anos tem um projeto muito diferente. Eles não tem aulas, não tem divisão por séries e nem provas. Então a aprendizagem lá funciona por projetos pessoais, então os alunos eles podem fazer seus próprios roteiros como se fosse o de pesquisa mesmo, pesquisa de verdade, de assuntos que interessam à eles E o conjunto desses roteiros foram uma trilha que é o projeto do ano da escola, né? Que normalmente é muito abrangente porque ele tem que, dar conta de todos os roteiros pessoais. Os professores funcionam como facilitadores, eles não dão aula então as crianças se reúnem em grupos por afinidade, afinidade qualquer. Afinidade porque é amigo, afinidade porque tem um interesse comum, como eles quiserem. E aí essas crianças de todas as idades, né? Se reúnem conforme os seus interesses e elas chamam o professor quando elas querem uma informação ou precisam de ajuda para fazer uma pesquisa. Então eles não tem aula. Apesar disso, é uma escola, então, ela precisa pra funcionar, comprovar que aquelas crianças estão tendo acesso aos conhecimentos previstos pelo currículo nacional em suas fases diferentes e aí

isso é feito como uma avaliação posterior. Não é uma avaliação como prova, uma auto-avaliação pra tentar, pra fazer com que as crianças e os jovens de lá, se aquilo que eles pesquisaram, an... Se associa de alguma forma ao que eles deveriam saber segundo o sistema de ensino. Então daquilo que eles fizeram, o que que eles aprenderam em biologia, o que eles aprenderam em física, o que eles aprenderam em português e assim vai. É um projeto muito interessante, com várias dificuldades, vários problemas e tal, e muitas coisas bacanas e criativas acontecendo. Então me aproximei dessa escola, minha filha frequenta essa escola não como uma aluna, mas como voluntária, porque essa escola é aberta para a comunidade. Eu mesma trabalho voluntariamente bastante pra escola. A gente organiza festa, eu faço, eu leio com as escolas, eu tiro lixo, minha filha brinca, se pode de algumas pesquisas quando ela quer e... Mas ela não é matriculada nessa escola e frequenta sem regularidade. Além disso conheci a Politéia que é uma escola democrática também que não tem prova. E lá as crianças decidem os conteúdos que elas vão aprender, de uma forma coletiva e tudo. O projeto Âncora do professor Pacheco, conheci bastante, fiquei bem perto desde o início quando ainda não era uma escola, né? Era uma ONG. E ele assumiu pra tentar fazer virar uma escola. Muito interessante. E tem muitos outros. Conheci várias escolas tradicionais, Santa Cruz, Bandeirantes, Vera Cruz, é... Escolas médias também, escolas de educação infantil. Uma série de escolas. e eu não consegui, de verdade, não consegui assinar o contrato, sabe? Que minha filha frequenta... Nenhuma delas. Por causa da, exatamente, de tudo que sobra apesar de tudo que você tira da escola. O que sobra pra mim e que hoje atrapalharia a nossa organização familiar e social é a frequência obrigatória e a relação entre ensino-aprendizagem. O fato de alguém decidir o que aquela criança vai aprender e quando. Porque pra qualquer escola pra se manter funcionando, pra ter autorização de funcionamento ela precisa garantir que determinados conteúdos sejam transmitidos. Então isso realmente eu acho que não faz sentido nesse momento pra minha filha porque ela tá muito interessada em muitas coisas diferentes e eu quero permitir à ela mudar de ideia e se desviar do que ela tá fazendo hoje pra fazer uma outra coisa. Então o que eu faço é o seguinte, a gente tece redes mesmo. a gente se relaciona com muitas pessoas em, de preferência em espaços públicos. Então a gente acaba organizando, convocando, chamando eventos em espaços públicos. A gente faz, por exemplo, muitos mutirões em hortas pra cultivar hortas comunitárias em praças públicas Tem uma série delas que eu posso te andar os links, é... A gente faz também expedições pela cidade pra descobrir rios escondidos, já ouviu falar no Rios e Ruas?"

P – “Você me explicaria?”

F4 - “É um coletivo, é... Na verdade não é uma Organização, tá? São pessoas,

qualquer pessoa pode dizer que é do Rios e Ruas, não tem, nenhum grupo específico. São pessoas que combinam pelas redes sociais ou com a vizinhança ou com os amigos de encontrar rios invisíveis nas cidades. Então aqui em São Paulo, por exemplo, a gente faz isso. Muito. Aí a gente reúne, marca pontos de encontro, em umas praças e a gente tem um mapa dos rios. Um mapa hidrográfico. Das regiões. A gente estende o mapa na praça. Todas as crianças, os adultos, todo mundo que vier, e percebe que ali, bem, em geral, a gente tá em cima de um Rio. Aí agente coloca fotos da cidade ou do bairro antigas onde esses rios ainda apareciam, né? E a gente traça um roteiro, que seria uma expedição. É um passeio à pé ou de bicicleta também. é... Pra gente seguir o mapa antigo, então a gente invece de passar pela Avenida Paulista, a gente passa pelo Vale do Pirajussara, sabe? Os nomes geográficos, não das ruas. Os nomes dos Rios, dos Vales, e a gente vai tentando achar as nascentes. E com a ajuda dos mapas a gente consegue achar nascentes de rios. Que em geral são brotos d'água assim, que ficam correndo sem parar para os bueiros. E é muito legal porque as crianças, tem perguntas muito legais, né? Os adultos sempre falam: Mas isso não é esgoto? E as crianças falam: Porque a água não para de correr? Tem várias perguntas, assim (risos). E aí a gente vai seguindo os bueiros, os rios por onde, as ruas por onde os rios deveriam passar e eles estão canalizados até encontrar as nascentes e.. Do outro lado o Rio aberto me algum lugar. Então um córrego, um rio aberto. Aí, só pra você ter uma ideia de como acontece aquela aprendizagem que vai de uma coisa à outra. A gente fez isso aqui no meu pai, e, de verdade, são perguntas genuínas. São legítimas. A gente não faz uma expedição para descobrir, entre aspas, um rio que a gente já conhece. Ou pra chegar numa nascente que a gente já sabe onde tá. Porque isso é muito, é, seria falsificar. Seria como um ensino, né? Ah, faz de conta que a gente não sabe onde tá! Vamos por ali, vamos por ali, não! A gente não sabe mesmo. A gente só tem um mapa, é tudo bem de verdade. A s vezes a gente não acha, não tem problema. E aqui no meu bairro a gente achou algumas nascentes, é... Que ficavam, primeiro a gente desconfiou que estas nascentes estavam ali num terreno baldio da prefeitura. Onde tinha muito entulho e era um lixão, sabe? E lá a gente fez várias expedições e acabou vendo que, realmente, a água não parava de correr, que devia ter olho d'água por ali e a gente foi seguindo os bueiros, seguindo essa, esse caminho da água pelas guias, pelas calçadas e a gente chegou num lugar onde esse, essa água tinha peixes. É, bem perto daqui. Bem pertinho mesmo de onde a gente achou que eram as nascentes. Aí a gente começou a perguntar pros vizinhos, e a gente encontrou várias pessoas de bastante idade que disseram pra gente que realmente ali era um riozinho sim, que a vó lavava roupa no rio, foram em casa, buscaram fotos, e tudo isso. Então, a gente voltou depois de alguns dias, a gente marcou com amigos,

vizinhos, e tudo isso, pra tentar limpar o terreno. Tirar o entulho e ver se realmente ali a gente encontraria olho d'água. A gente limpou, a gente fez muitos mutirões. Aí cada mutirão tinha mais gente, porque as pessoas passam olham e “que que vocês tão fazendo?” Ah, a gente tá tentando limpar. Ah, legal. Vou voltar. Muita gente trouxe ferramenta, caçamba, tudo isso. E a gente limpou o terreno e a gente achou várias nascentes e a gente cavou um lago. A gente cavou onde a água brotava e foi formando um lago e aí a gente, claro que você acha isso você quer cavar um lago grande de água, mas não é assim que funciona. As vezes você cava num lugar e a água vai pra outro lugar, então foi um super exercício assim, pra gente aprender a olhar pra água e pra onde ela ia, e as crianças super conseguem ter paciência muito mais que os adultos, calma, vamos esperar chover e a gente volta aqui e vê pra onde vai a água. E aí ainda por cima depois ficou aquela lama super legal de brincar (risos) e aí a gente ficava indo e tal, e a gente conseguiu ir cavando na... Com a ajuda de algumas ferramentas lá por onde a água passava. Então dois lagos se formaram com isso e se mantiveram cheios e de água corrente. E aí depois a água escoava pelo bueiro, em vez de agora pela calçada, por onde ela tava indo, o fiozinho d'água, ela formou um lago bem grande, e depois escorria pro bueiro. E a gente já sabia onde ela ia dar. Porque era lá naquele lugar onde a gente encontrou os peixes. Lá embaixo, no final do bairro. Então a gente começou a cuidar desse lugar e aí os vizinhos começaram a reclamar, né? Começaram a falar que a gente não podia fazer isso, porque podia ter foco de dengue, tudo isso, né? E aí a gente começou a pesquisar, Tá bom, mas a água aqui não tá parada e mesmo assim a gente encontrava alguns de foco de larvas. Em cima da água, porque ela não ficava parada, mas tinha uma parte dela onde ela não conseguia sair. A gente fez um ladrão, sabe? Pra água poder sair e aí alguém teve a ideia de trazer peixes pra lá, porque peixes comem as larvas, né, dos mosquitos. Então seria bem legal da dengue, dos mosquitos e tal. Aí umas crianças falaram “Legal, vamos buscar uns peixes lá em Ubatuba!” Que eu sei que tem pescador lá em Ubatuba e a gente consegue trazer uns peixes bacanas. Aí ninguém falou não, olha, não dá, primeiro que não tem como a gente ir pra Ubatuba, segundo que peixe de água de água salgada não vive aqui... Ninguém falou isso. E aí tudo bem, beleza. Como é que a gente vai pra Ubatuba? Quem tem grana, quem tem carro, quando pode? Aí começaram a fazer count founding, né? E descolaram uma combi e aí depois de duas semanas uma galera foi pra Ubatuba, a gente foi e aí teve, a gente ficou no camping que é um Caracol, que não tem energia elétrica, lá em Pissinguá, E aí lá tem uma comunidade de Quilombolas, tem uma outra comunidade de Caiçaras e as crianças aprenderam um monte de coisas e a gente também, né? Foram visitar a roda d'água lá na casa de Farinhas, conversaram com um Senhor que é o Zé Pedro que é uma... Uma figura. Um personagem incrível que é

Quilombola e tal, e contou a história e esqueceram dos peixes. Voltaram pra São Paulo e nem sonharam mais com os peixes mas quando a gente voltou pra essas nascentes já tinha peixes. Alguém tinha trazido. Acho que compraram esses peixes ou buscaram em algum lugar e já tinha um monte de peixe lá. E aí essa coisa me faz pensar muito assim, porque isso tem acontecido cotidianamente com a gente. Então, isso me faz pensar que se fosse deixo, se você não faz mais do que, né, em vez de fazer se você não faz, você só segue junto, é... Com as crianças e também com seus próprios interesses e com os limites reais, né? Porque existem limites reais. Isso não é uma coisa assim que você só pode fazer se você tiver muita grana ou se você tiver a possibilidade de não trabalhar. Não é isso. Os limites existem. Hoje não dá, tem que trabalhar, isso não dá, não tenho dinheiro. Como é que vai fazer, entendeu? É vida real, mesmo. E com isso, é... pra mim tem uma aproximação muito forte com o que a gente descobriu com a água, por exemplo. Por onde a água escorre se você deixar, sabe? E o que você pode fazer pra que a... A água... tenha, ganhe vida ali, tenha espaço? Na verdade você pode só ver onde ela tá entupida e desentupir você pode cuidar, mas você não pode direcionar. Ou se você direcionar, você vai fazer um açude agora, vai ficar parado e vai apodrecer. E é isso. Só vai servir pra uma coisa, sabe? Então eu acho que aprendizagem tem a ver com isso mesmo. Com essa possibilidade de contornar os limites reais, passar por onde dá e ir seguindo de uma coisa pra outra. As crianças aprendem, eu acho se a gente começa a aprender também que pode fazer isso. Mas é muito difícil, porque a gente tá muito escolarizado, então, quando você, por exemplo, uma criança com uma curiosidade que você sabe a resposta, você quer dar a resposta, ou você quer encaminhar, né? Vem por aqui, olha, isso daqui... por exemplo, quiseram plantar um auracária na beira do Rio. Aí a gente cavou. Aí alguém de fora falou “não, auracária não vai dar, não vai dar certo. “ não mas eu quero plantar. Cara, a auracaria tá gigante já, e muito legal. E outras coisas que a gente acha que iam dar certo não dão. A gente plantou outra coisa que não deu aí tirou e plantou outra. E tudo bem, a frustração não é muito grande porque quando uma coisa não dá certo, você já está em outra, na verdade. Você já tem outra coisa pra inventar no lugar. Então o erro não é o problema pra aprendizagem. ele não é que você não conseguiu. Você descobriu que aquilo não deu certo. Você vai fazer mil outras coisas. E assim vai. A gente tem feito muitas, muitas coisas nesse tipo.

P - “Esse projeto do Rios e Ruas foi bastante interessante”

F4 - “Na verdade, o que é interessante é que isso, realmente, a gente não encontra, a gente cria. Porque quando você tem uma coisa preparada, um ambiente preparado. Ou por exemplo um projeto, alguma política pública pra que aconteça coisa assim, pra que as pessoas possam, aí, aí normalmente não é muito legal porque já são coisas preparadas. Você pode ir

mais ou menos pra assistir as coisas acontecerem. Ou então quando você pode interagir essa interação é bastante controlada. Como por exemplo aconteceu num canteiro aqui na escola que eu acompanho. A escola resolveu fazer uma horta também. mas aí é assim: no fim de semana eles contratavam jardineiros pra tratarem a terra, pra deixarem tudo bem prontinho com as mudas certas pros lugares certos, pras crianças durante a semana plantarem. Entendeu? E depois tinha que dar certo, eles tinham, eles faziam o, o planejamento mesmo. Porque depois tinha que tirar foto e mandar pros pais aquele manjericão grandão, bem bonito que o seu filho plantou. Então as crianças não podiam mexer na terra e ver que a terra não era boa. Ou ver que daquele jeito se eles socassem muito não ia nascer. Eles não puderam fazer. tava tudo muito prontinho pra dar certo. Em geral as políticas públicas são um pouco assim. Quando você vê que tem um projeto super legal: olha, vem aqui, na praça tal... Aí em geral são coisas que você ode só participar de algo que já está pronto antes de você chegar e tem lá como você pode participar dele. Né? Então na cidade eu acho que o que pode acontecer, o meu grande projeto neste momento é ativar espaços na cidade em várias cidades que sejam espaços educadores, mas que não sejam formalmente educadores. Então eu tô fazendo o seguinte. Eu tô conversando com o padeiro, sabe? O dono da padaria aqui e perguntando pra ele se ele quer receber crianças ali, jovens, ou adultos, um dia da semana ou do mês pra fazer pão com você. Ah, eu quero. Legal, então você me diz quando você pode que dia, que horário, de que idade as crianças, né, em que... crianças de que idade você receberia, com ou sem responsáveis e tal. Aí ele me diz e eu aviso as pessoas: Olha, na padaria Rainha da Vila Gomes, na quarta-feira, na segunda quarta-feira do mês, às 05:00 da manhã quem quiser pode ir lá fazer pão. E é um espaço educador de alguma forma. Do mesmo jeito que a bicicletaria. O bicicletario aceita que as crianças vão lá e ajudem e fiquem observando e concertar as bicicletas, encham o pneu, lixem alguma coisa, e aí a mesma coisa com as hortas, no caso dos espaços públicos, bibliotecas. Por exemplo, ficamos sem ninguém, aí a gente junta um monte de gente e faz troca de livros, é... A gente tá fazendo um ateliê de escrita e as crianças vão lá a escrevem livros e a biblioteca, a gente imprime, a biblioteca coloca lá pra, pra... pra outras pessoas lerem. Exposição de desenhos, várias coisas. E a gente faz um negócio que é muito legal, que é exposição relâmpago, então a gente avisa só com duas horas de antecedência pelas redes sociais e pros vizinhos por mensagem ou whatsapp tudo isso, que daqui a duas horas a gente vai se encontrar quem quiser na praça tal pra tirar foto. E aí a gente faz, é... As fotos, e faz uma exposição depois dessas fotos, entendeu? Pra garantir que a gente vai se encontrar de novo, sabe? Porque acho que é isso, né? É... É o fato de você poder encontrar pessoas regularmente que te dá todas as possibilidades que você quiser e os recursos pra você

poder ter, descobrir seus interesses. E a cidade e ir aprendendo as coisas. Então acho que isso tá bem satisfatório pra gente. A gente tem os grupos de cuidados coletivos, porque todo mundo tem que trabalhar, não é uma vida assim tranquila. E aí a gente tem esses grupos eles surgiram porque muita gente falou: tá, legal, eu não quero colocar meu filho na escola mas não posso ficar com uma criança em casa o dia inteiro. Vai ficar na televisão, videogame, vai ter que consultar babá, é impossível. Então a gente começou a se reunir para começar a falar sobre isso. Como a gente podia fazer. E a gente se reunia com as crianças. E aí a gente começou a se conhecer melhor e a criar grupos de cuidados coletivos. Então são famílias que se revezam pra cuidar das famílias.

P - “É o que o pessoal está chamando de creche parental?”

F4 - “Então, a gente não fez aqui creche parental de verdade, assim. Não tem uma estrutura física. Os encontros acontecem quase sempre em espaços físicos periódicos. Então, por exemplo, tem um grupo, o Barro Molhado, a gente se encontra 3 dias por semana numa biblioteca, um dia da semana na casa de uma das pessoas e outro dia, é... Numa praça. E aí... Isso todos os dias de manhã, pra quem quiser. Eu não vou todos os dias de manhã. Eu vou alguns, alguns na verdade eu não vou, minha filha vai. Outros ela não vai eu vou, outros vamos nós duas. Então a gente se reveza. Os adultos que podem, que de dia fica com as crianças e os outros vão trabalhar, e aí, vai revezando. É... Tem gente que não pode nunca e deixa os filhos e tem gente que pode quase sempre e esses grupos eles não são fixos. São sempre abertos para novas pessoas chegarem e como são sempre muitos adultos a gente vai convivendo e vai conhecendo as pessoas e elas são muito diferentes entre si. Não existe uma coisa assim que precisa ter uma afinidade completa. Por exemplo tem um que não, que uma criança que é de uma família vegana, outro que não é. Outro que é de uma família não tem nada de grana, outro que tem um monte de grana, entendeu? Não tem problema porque isso é super rico na verdade. então na praça, por exemplo, a gente se encontra e começou a aparecer uma criançada da escola. Estadual que fica atrás da praça e começou a brincar com a gente lá. E aí algumas mães chegaram e perguntaram se os filhos podiam ficar e óbvio que podiam, só que eles já iam sozinhos pra escola, mas as mães ficaram muito preocupadas porque eles demoravam pra voltar pra casa porque estava com a gente. Então são crianças que vão à escola e antes ou depois ficam com a gente. E aí algumas famílias começaram a, a... A dizer: puxa, eu poderia estar pagando uma escola super cara e eu não tô e eu tô muito mais feliz com meus filhos aqui. Então eu vou, quero dar uma contribuição em dinheiro pra esse grupo, pra gente comprar comprar uma barraca pra acampar, pra comprar terra pra plantar, pra pagar ingresso pra... Aí a gente, aí começamos a criar um fundo que não é regular. Essas

contribuição são quando ou quanto as pessoas querem ou podem dar. Quem, tem gente que nunca contribui, e que não pode ou porque não quer. e não tem problema. Em compensação tem gente que precisa da grana e às vezes a gente faz alguns saques, por exemplo, é... Eu tenho um trabalho que, por exemplo, de tradução, tem épocas que eu tenho muito trabalho, tem épocas que eu tenho menos. quando eu tenho menos trabalho eu também tenho menos dinheiro. Mas eu fico mais com as crianças, então eu posso pegar uma parte desse fundo pra mim. Não é uma remuneração pelo meu trabalho, é simplesmente o fato de que eu tô sem dinheiro, tô bastante com as crianças, as outras pessoas estão trabalhando, estão com bastante dinheiro, contribuem com o fundo e eu pego pra mim. E m outros momentos quando eu tenho muito trabalho de tradução eu não fico tanto com as crianças, mas eu posso contribuir e outras pessoas também podem pegar. ”

P - “Você acha que isso tem a ver com vocês quererem sair desses sistemas tão capitalistas e passar algo diferente pras crianças? ”

F4 - “Não, uns casos tem, mas não é uma regra geral. Tem famílias na verdade, tem famílias que não tão a fim de sair dessa lógica, são assim mesmo fazem parte do mesmo jeito desses grupos. tem famílias que estão sim nessa lógica, por exemplo, a gente acabou com essa convivência entre essas famílias que não se conheciam, é... A gente acabou criando um grupo de consumo coletivo. Então pra, só quem quer. Ninguém precisa fazer nada. Mas aí algumas... Que que a gente fez, a gente começou a procurar pequenos produtores aqui em volta de São Paulo, no interior e tal, e conhecer as profissões deles. E como as crianças. e aí a gente começou a consumir coletivamente pra poder pagar mais barato e também porque os pequenos produtores eles não tem essa edificação de, de... De que eles produzem orgânicos, porque isso custa caro. Então a gente certifica a gente mesma. A gente vai e vê como eles plantam e ajuda, e leva às vezes coisa e tal e aí a gente cuida de animais, coelhos, sabe? Cuida das galinhas, pega os ovos, cuida da horta, sei lá. A gente vai e aí a gente acaba consumindo mais barato. às vezes a gente vai e volta com cestos cheios de legumes, cheios de frutas, e nem pagou porque a gente trabalho e eles não querem que a gente pague. Outras vezes a gente combina e pelas redes sociais tem até um grupo no face que chamam Comida da Gente. A gente faz pedidos grandes de arroz, de frutas, de queijos, de várias coisas orgânicas pra esses produtores e aí algum grupo vai, pega e depois distribui de volta aqui em São Paulo. E marca um ponto de encontro, um desses encontros com as crianças e distribui. Então tema a ver com isso. Eu acho que essa mudança de paradigma ela não acontece por intenção prévia. Não é que, é raro alguém chegar um grupo desse porque quer mudar de paradigma. Chega porque quer ver como funciona, quer aproveitar do que é legal, sabe que não precisa ir se não quiser,

não tem compromisso, né? E aí acaba acontecendo de mudar porque percebe que é possível. É mais uma consequência. Exatamente. Acaba mudando mesmo. Tem gente, a gente aprende pra caramba o quanto, por exemplo, o agrotóxico pode fazer mal a gente aprende na prática, vendo usar, vendo o usar, é... por curiosidade das crianças, dos adultos e tudo isso. E aí você acaba percebendo que não é tão complicado assim. e nem precisa você ser, é. Levar o pacote inteiro. Às vezes da vida saudável porque que tem gente que não tá a fim de levar o pacote inteiro, sabe? Tirar da escola não significa. por exemplo, uma vez eu fui encontrar uns amigos: Ah, tá bom, agora você tá com essa, você tá falando tanto sobre desescolarização eu nem vou te convidar pro churrasco (risos) Porque?? Falei como, não imagina, você não vai tomar uma cerveja, comer uma carne, sei lá. Falei: lógico que eu vou. Ah, mas você não é vegana? Não, não sou. Ou sei lá, hoje não, entendeu? Tanto faz, porque, mas as pessoas tem uma impressão, assim. Tem duas impressões muito comuns: a primeira é que é uma coisa muito eletiva, esse negócio de tirar o filho da escola. Só pra quem pode. Só que os arranjos que você faz, ou que você consegue se relacionar com outras pessoas eles te permitem muitas coisas. Eles te permitem, ao contrário, viver com muito menos dinheiro, de uma forma bastante confortável, sabe? E se relacionar também com pessoas que você não encontraria na rua, não encontraria no bairro. Entendeu? Porque as pessoas estão sempre em trânsito, né? Então você encontra sempre o mesmo tipo de gente na escola. Seu filho frequenta uma escola assim, ele vai encontrar pessoas que frequentam escola assim. É outro tipo de pessoas, não tem muita mistura possível. Ah, e no bairro, na cidade também não. Mas quando você vai fazer uma horta na praça ou na pracinha e todo mundo que passa pode parar, então pronto. Já diversificou. Você já encontra... E esse grupo, por exemplo que a gente encontra, na... na... na praça com as crianças. Uma vez uma mãe dessas mães que eu falei que são mães de filhos que estudam na escola estadual, elas pararam, uma lá pra ou pra conversar com a gente, a Cleide, e ali a gente ficou conversando muito tempo e agente contou mais ou menos como funcionava e ela falou: puxa, eu queria contribuir porque meu filho fica muito com vocês aqui e eu nunca dei uma contribuição só que na verdade eu acabei de perder meu emprego e não sei o que. A gente falou: Não, pera lá, vamos pegar uma grana pra você. Do fundo. Então você percebe que na verdade a, é uma coisa que já era abundância e não falta. É muito maluco

com isso, porque é uma pessoa que se sentiu um pouco em dívida porque o filho dela ficava com a gente e ela saiu de lá levando um pouco do dinheiro que não, na verdade, tava disponível para justamente, precisasse. Não tem mecanismos de decisão agora vamos votar o que fazer com isso. Não, não tem. Não tem porque não tem menor necessidade. As coisas acontecem. Quando tem planejamento sim, você precisa, né? Se tem um objetivo pra atingir,

você tem que tomar decisões coletivas, tudo isso. Como você não tem, como você está lá só porque você quer, sem precisar o negócio é super sustentável, assim. Então é isso, eu acho que as crianças tão vivendo uma coisa bem legal que duvido que elas viveriam na escola nesse nível de relação, sabe? Social. Então as grandes objeções são essas. Uma coisa elitista, aí, como eu acho que não tem a menor, o menor cabimento, quando a pessoa se aproxima disso ela já percebe imediatamente que não, e também aquela coisa de “não, a criança fora da escola não vai se socializar”. Mas isso é muito engraçado. Visível! Quando você olha pras crianças na rua... Aí eu ouço as pessoas falando lugar de criança é na escola porque a rua é perigosa. Gente a rua é perigosa porque não tem ninguém. Agora, se tem e onde tem é tudo, é incrível a diferença que faz. As crianças são super sociáveis. Encontram muita gente de todas as idades, conversam sobre vários assunto, e não é a gente que encontra esporadicamente, esses encontros acabam sendo regulares mesmo. e ainda que eu tenha sempre as mesma pessoas sempre tem gente e lógico, você acaba fazendo amigos mais próximos, fazendo coisas juntos e tal.

P - “Você é casada, Carla?”

F4 - “Sou.”

P - “E como fica essa divisão... É... Como é o nome da sua filha?”

F4 - “É Gaia.”

P - “Como fica essa divisão de trabalho, você trabalha o dia todo, e seu esposo?”

F4 - “Então, no nosso caso não. É... o Dênis, que é o meu marido, ele dá aula de Francês. Então ele tem alguns horários na semana tomados por esse trabalho. E outras coisas a gente faz juntos. A gente faz juntos vários trabalhos. A gente tem um... A gente criou um fórum de inovação permanente e a gente trabalha fazendo percursos de aprendizagem, trabalha com consultoria, por exemplo, em algumas escolas, em alguns espaços, não escolares também. A gente configura ambientes de aprendizagem, esses trabalhos a gente faz juntos. As vezes nossa filha vai junto, as vezes não. É... E a gente não tem uma rotina muito organizada é conforme acontece. Eu me organizo para poder acompanhar minhas filha nas coisas que ela precisa da minha companhia, ou ele, o Dênis ou os dois com ela. E também me organizo pra que ela não precise o tempo inteiro da nossa companhia. Pra ela, então ela fica com outras pessoas, ela, a gente tem muitos amigos, então vira e mexe uma criançada aqui em casa, ou lugar e outros dias ela que vai pra casa de outras pessoas, claro que, obviamente a agente conhece e convive e então é assim que a gente se organiza. E o negócio do trabalho é muito legal, porque a gente acabou criando uma rede de pessoas em que a gente trabalha muito junto em projetos específicos, né? Então quando é muito legal isso, porque antes eu tinha muito

medo de.. Eu tinha trabalho super tradicional, né? É.. Daqueles bem.. Trabalhava no Consulado da França com Cooperação científica, 40 horas, bonitinha, trabalhava muito. E eu tinha muito medo de sair desse ambiente de trabalho e não conseguir me reintegrar depois. Mas eu só fazia uma coisa. Agora eu faço milhares de coisas e eu descobri que eu posso fazer coisas que eu nem sabia que eu conseguia fazer, porque as pessoas, as propostas de trabalho elas chegam até a gente e elas chegam sempre muito certos, porque elas não chegam de uma instituição, elas chegam de pessoas, que conhecem e que me conhecem. então quando vem uma proposta de um trabalho, sem dúvida é uma proposta que já leva em conta o tempo que eu tenho pra fazer isso porque em conhece e já sabe. Então ninguém vai me propor um emprego. (risos) Vai me propor um trabalho diferente. Já vem perfeitas pro que eu gosto, pro que eu sei fazer, porque são pessoas que me conhecem em circunstâncias onde eu estou fazendo o que eu gosto e o que eu sei. E já vem sem a necessidade daquele contrato formal e tudo isso, porque justamente já são pessoas com quem eu convivo. Ou amigos de amigas. Então é tudo muito... O encaixe fica muito legal. Porque já... Como você... É... Eu acho que descolarizar é bem isso mesmo. É assumir uma relação com as coisas e com as pessoas a partir daquilo que você sabe que você gosta, ou que você quer descobrir e aprender. E aí pronto, não tem nada incoerente, sabe? Não vem uma coisa assim, absurda, não. Que eu não possa fazer, ou que eu não queira fazer.

P - “Você se acha uma pessoa ainda muito escolarizada, Carla?”

F4 - “Ah, em muitas coisas sim. A principal delas é o seguinte. Eu gosto muito de conversar com as pessoas e muitas pessoas me pedem pra eu escrever a respeito e eu gosto de escrever. E eu tenho um grande medo quando, sobre as coisas práticas não, eu falo disso tranquilamente, mas quando se trata da teoria que, no fundo no fundo é o que mais me interessa pessoalmente, de todos os fundamentos dessa reinvenção da aprendizagem,... É, eu tenho muito medo e isso é um trauma da faculdade de cometer inconsistências teóricas e eu acho que isso é mega escolarizado porque quando eu leio, por exemplo, Espinosa, o _____, Maturana que eu gosto e que eu sempre volto pra me alimentar de tudo isso, eu fico pensando será que eu tô lendo exatamente o que ele quis dizer? Será que eu não tô fazendo uma interpretação muito pessoal? Agora eu fico pensando qual é o problema... isso é muito escolarizado, eu não preciso reproduzir o que ele diz. Eu posso inventar alguma coisa inspirada no que eu tô lendo. Eu posso criar a minha própria, o meu próprio ponto de vista em relação às coisas. Eu não devo consistência à ninguém. Afinal de contas eu não tô fazendo doutorado, eu não preciso de um recorte, entendeu? Ou de um rigor que me impeça de criar e m cima das coisas. Então eu acho que eu sou escolarizada nesse ponto, bem no que mais me

interessa. Que é... São esses fundamentos todos, ontológicos, epistemológicos, disso que eu tô falando e que eu tô vivendo. Mas eu tô conseguindo me desescolarizar. Quando eu vejo as crianças assim, arriscando aí eu fico bem mais tranquila e arrisco também.”

P - “Eu gostaria de entender quando você começou a se interessar por isso tudo?”

F4 - “Sobre desescolarização eu comecei a me interessar quando eu encontrei, depois que a Gaia já tinha, então... Foi quando ela começou a me fazer essa pergunta se era possível a aprender tudo. E aí eu acabei me encontrando com pessoas, assim, foi um acaso. Um acaso, comecei a sair mais da toca, sabe? Ah, e eu tava fazendo uma pesquisa na universidade e aí a minha pesquisa era sobre a epistemologia do Espinosa e aí eu comecei a me interessar pela aprendizagem e comecei a fazer uma leitura, talvez, não tão ortodoxa (risos) do que ele diz e aí meu orientador na época me disse: escuta, você tá fugindo do tema. (risos) Não, não, não, você não pode, porque você tá entrando numa área que não tem referência e eu falei, tudo bem, mas eu quero e tal. Aí eu abandonei. Falei então não dá. Não vou continuar, porque eu já tava muito envolvida. Comecei a encontrar então as pessoas, as famílias todas. Encontrei o Guto, sabe? O filho da Ana Thomaz e com ele eu me interessei sobre muitas coisas assim, principalmente em relação aos mágicos. E aí eu fui parar num congresso de mágicos. E ele nem tava, foi o Ortega, foi um outro mágico que conhecia através dele que apresentou outros mágicos e fui parar no congresso de mágicos porque eu queria saber como os mágicos aprendem. Porque alguém tinha me falado que fazia parte da ética dos mágicos... Outra coisa que me interessa é a ética dos mágicos. Como que os mágicos não podem ensinar os truques? Mas eles não querem que a mágica acabe, né? eles querem que mais mágicos existam, então aí tem um jeito muito legal de... Tem uma coisa muito legal que os mágicos aprendem assim: um mágico aprendiz ele observa o mesmo truque várias vezes do mesmo mágico ou de outros mágicos. E aí primeiro ele identifica qual é a modalidade do truque, se é material preparado, sabe, cartas, modificadas, ou se é imã, essas coisas assim ou tem truques que num são com material preparado são mais baseados no ilusionismo, mímica, essas coisas. E outros truques que são baseados em efeitos especiais, coisas de química, física e tal. Então primeiro ele identifica qual é a modalidade do truque e aí eles concentram a atenção deles, eles já eliminam um monte de elementos que eles não precisam mais observar porque eles já sabem qual é a modalidade. Então, se é material, ele já sabe que é material e não precisa mais observar as outras coisas. E aí eles começam a perceber pequenas falhas ou mudanças, coisas diferentes no mesmo truque conforme os mágicos fazem e aí eles não conseguem nunca entender a totalidade do truque do começo até o fim. Mas o que fica faltando entender eles preenchem com aquilo que eles sabem fazer melhor. então se, por exemplo, o cara é super

bom em mímica ele pode substituir uma parte do truque que ele não entendeu por um truque de ilusionismo e aí o efeito dá no mesmo. Então, aí o mágico me falou, o mágico chileno: cara é incrível, porque só agora eu tô percebendo que nunca o mesmo truque é o mesmo. É sempre, o truque mais, acrescido, daquilo, da habilidade específica daquele mágico. É sempre uma criação. É muito legal! Não tem aula de mágica. Pelo menos os mágicos assim, os mágicos apaixonados e tal, eles num são, não são ensinados. E é isso, então eu comecei a me interessar e fui vendo essas coisas, fui entrando por esses caminhos e aí precisei, então, procurar uma escola pra Gaia e não achei e comecei a entrar nesse esquema. A Gaia frequentou também algum tempo um espaço muito bacana de educação infantil, na verdade, não é de educação, é de brincadeira. Se chama _____, educadora Tereza... E lá ela atende muito também, porque lá as crianças chegam e não tem nada, nenhuma atividade preparada pra elas. Cada uma fazendo o que quer tem um adulto cozinhando, outro adulto fazendo a formas de barro, outro adulto cuidando das galinhas, outro adulto fazendo algumas coisas na marcenaria. E as crianças vão se juntando aquilo que elas querem. Ou não, elas podem não fazer nada disso, fazer outra coisa também. O espaço é bem livre. E aí eu decidi que, então, não ia dá pra matricular ela na escola e comecei a me interessar, e aí comecei a reunir os, os... Todos, todas essas informações e todos, todas essa reflexões sobre desescolarização e acabei chegando onde tô hoje que é no, numa discussão pública sobre essa situação jurídica, né? Isso é, que tá, no momento é isso que tá mais em pauta pras famílias e ...”

P - “O que você pensa sobre escola? O que é escola pra você, Carla?”

F4 - “Então, eu acho que a escola tem uma coisa que é um tanto polêmica que, por exemplo, dizem que as escolas são muito diferentes uma das outras e que agora a gente tem iniciativas bastante inovadoras, iniciativas bastante inovadoras e tal, então eu acho que nada do que eu conheço atualmente foge da definição que eu tenho de escola que é essa relação entre o ensino e a aprendizagem sobre tudo. Eu acho que o foco tá aí pra mim: escola é o lugar onde você decide o que você tem que aprender. E o problema, o outro problema grave pra mim da escola é que ela é uma instituição que separa duas coisas. Separa infância e adolescência da vida adulta. Então a agente acaba entendendo que os, as crianças ainda não estão prontas pra alguma coisa, e que a escola vai ajudar a prepará-las para a vida adulta. Então eu acho que essa coisa de um adulto inacabado, sabe? É meio complicado porque quando eu vejo umas famílias que questionam essa opção de não escolarizar minha filha, Falam mas o que ela vai ser? Mas ela já é, tá, ela já é, nós todos já somos dentro das nossas capacidades e nossos limites que vão, sendo criando conforme a gente vive e se relaciona. A

escola faz isso, eu acho, a escolarização faz isso. Fazia gente entender que existe alguma coisa muito misteriosa e complexa em relação à educação que nem todos podem dominar. Né? Que é pra especialistas, então você se coloca numa posição de ignorância em relação à sua própria vida porque alguém sabe mais que você sobre o que você deve aprender, sobre pra que você deve aprender, então isso desqualifica todas as realizações das pessoas que são independentes das instituições e que são muito mais abundantes e eu acho que é um lugar de escassez mesmo. Um lugar que falta sempre alguma coisa. Hoje você tá lá porque falta. Se não tá lá porque você, você tem o interesse que você vai preencher. você tá lá porque te falta alguma coisa que você ainda não sabe. E todas essas coisas que o currículo, é.. Pressupõe que a gente tem que aprender. De todas elas muito pouco são realmente úteis. Eu, por exemplo, um outro dia tava conversando com um engenheiro que disse que não, que a escola é responsável por tudo que ele é mesmo e tal. E no final da conversa ele me falou: é, é verdade, mas se talvez eu tivesse desde o início podido escolher o que eu queria aprender eu não teria aprendido a balancear a equação química. Eu teria gasto meu tempo, é... estudando ou pesquisando sobre o que ____ Talvez eu fosse um engenheiro muito melhor. muito mais feliz de qualquer forma. Então eu acho que isso que é, que é a escola faz, né, ela determina que a coisa muito complicada, que precisa de ajuda, ela fornece a educação como um serviço, como um atendimento e aí eu vejo as pessoas falando não, é isso. É engraçado porque a gente luta por um direito, esse direito de ser educado como se a gente precisasse o tempo inteiro ser atendido por alguma instituição. Isso em tudo, né? Na Saúde, na segurança... E tudo isso. e aí a gente não consegue perceber que o que tem dentro das instituições são pessoas e que se a gente consegue se relacionar com elas fora do contexto institucional, em vez de a gente estar num ambiente de escassez a gente estaria num ambiente de abundância porque os recursos poderiam ser compartilhados de uma forma muito mais livre e, e... Respeitando a singularidade das pessoas, né? Que essa coisa da igualdade, por exemplo, que a escola diz que a educação tem que ser para todos, Isso não é preocupação com a igualdade social, igualdade de oportunidades, não é verdade que as oportunidades são iguais. Uma pessoa que frequentou uma escola do sertão do nordeste ela não vai ter as mesmas oportunidades que uma pessoa que frequentou uma outra escola de São Paulo. Então ela tem assim as mesmas oportunidades se ela pudesse relacionar com as pessoas livremente. Eu acho que a escola é isso. A escola é um túnel que leva pra outro túnel que é um trabalho, institucional, um emprego e que faz parte de outros túneis e todos esses túneis institucionais. Por exemplo, trabalho muito com nascimento e morte fora das instituições, parto ativo, parto domiciliar, cuidados paliativos também, e aí a gente nasce num hospital já atendido, né? E vai morrer no hospital de novo sempre com um

tratamento institucional. A gente aprende mediante o atendimento institucional. A gente cuida da segurança confundindo com proteção policial, né? Então eu acho que, tudo isso tira a gente da ida ativa mesmo e coloca a gente numa vida passiva de receber sempre, atendimento, e um cuidado impessoal. Um cuidado institucional e o que eu vejo do lado de fora da escola e das instituições são cuidados também, mas são cuidados sociais, que tem uma grande diferença com relação ao cuidado institucional porque o cuidado social é o cuidado das pessoas com as pessoas. Não o de pessoas jurídicas com usuários, entendeu”

P - “Queria entender o que é educação para você.”

F4 - “Então, educação, (risos) eu ultimamente eu tenho lido bastante tudo o que tá escrito na legislação brasileira e também na legislação suprerrelacional nos tratados internacionais e que tem a palavra educação. Como ela é definida juridicamente. E eu acho que é bem satisfatório o jeito que as leis definem educação, né? Você pega, por exemplo LDB, constituição, o ECA, convenção de direitos humanos... Tudo isso define educação como processos formativos sociais, familiares, sociais, etc, né? Então são processos formativos e criativos. Eu acho que educação tem a ver com isso pra mim, mas aí ela vira outra coisa. Na prática. Ela vira instrução, né? Ela vira preparação, formação no sentido de formar para alguma coisa. A educação com letra maiúscula, dos programas de governo e tudo isso essa não me interessa nem um pouco, nem um pouco. Porque eu acredito que é uma forma mesmo, é... De criar indivíduos, indivíduos, é... que isolados formam uma massa uniforme, sabe? E que nesse caso educação, por exemplo, eu acho muito impressionante como a gente consegue aceitar que a educação seja tratada, é... Por exemplo, pela ONU, como escolarização. Porque na ONU você vê que índice de desenvolvimento humano, um dos critérios, ou os quatro, são só quatro critérios para medir o IDH. Um deles é o número de anos de escolaridade de uma população, da população de um país. E esse é o critério de educação. Agora, a educação como ela é definida pela própria ONU, ela é um processo muito mais abrangente. Ela tem a ver com a interação, com a convivência social, com a criação. De formas de vida, né, sustentáveis. E aí a escolarização não tem nada a ver com isso. Como a educação pode ser medida pela escolarização é que eu não consigo... Entender. E a gente acha que tudo bem. A gente acha que é isso mesmo, né? E que a gente acredita que... Então no final, eu gosto muito do Ivan Illich, sabe? Porque eu acho legal a abordagem que ele tem. A educação nesse sentido, né? De programa, de política pública, ela cria uma hierarquização absurda da sociedade. Ela hierarquiza tudo. Ela hierarquiza as pessoas que são aquelas que foram mais ou menos educadas, que consumiram mais ou menos anos de escolaridade, depois aquelas que consumiram melhor, né? Que foram para as melhores escolas, para as melhores universidades,

e ainda por cima hierarquiza os países, aqueles que tem o maior ou menos índice de escolarização. Isso corresponde a uma realidade e muito artificial. Aqui no Brasil por exemplo e em outros países que eu conheço, embora não seja muito significativo me número, esse, esse fenômeno social de não escolarizar as crianças, ele é significativo como mudança de paradigma mesmo, nesse sentido. É que ele indica que é possível, e é real a educação fora do ambiente institucional. É possível e é real. Já acontece. Então já coloca em questão uma série de coisas, né?”

P - “Você não trabalha o Homeschooling, com o currículo escolar dentro da sua casa...”

F4 - “Não. Não tenho nenhum programa.

P - “Então é aprendizado livre?”

F4 - “Livre. Aprendizado livre.”

P - “E como estão as expectativas para o futuro? Como você se sente com relação aos caminhos que sua filha pode tomar?”

F4 - “Então, eu tô muito tranquila porque eu vejo comigo, né?, o que que aconteceu quando eu saí desse modo de vida institucionalizado. O que aconteceu. Realmente eu não falo porque eu acho, eu falo porque eu vivo uma abundância muito grande de recursos e possibilidades. É... De trabalho, de produção, de criação, sabe? De, em relação, por exemplo ao futuro profissional da Gaia, porque eu acredito que hoje ela vive num ambiente bastante diverso se relacionando com muita gente e consegue ter tempo suficiente, espaço suficiente pra descobrir o que ela gosta de fazer, o que ela quer fazer. O que ela sabe fazer, e desenvolver várias habilidades. Quando chegar o momento dela precisar ser remunerada, por exemplo, por um trabalho, eu acredito que isso vá aparecer para ela como aparece pra mim hoje. Não é que aquela segurança que a gente tem contratual, óbvio, não é mesmo, mas é um outro tipo de segurança. É uma segurança que você tem porque você sabe que você vive num ambiente abundante de recursos. Então, se não vem de um lugar vem de outro. Então eu, realmente, não me preocupo. E eu também acho que as coisas mudam tão rápido, é... que a gente não sabe como vai ser daqui a pouco tempo o próprio mercado de trabalho, né? Eu não tenho a menor ideia, mas eu acho que não vai ser como é hoje não. E eu vejo duas coisas também. Primeiro que, se a Gaia decidir que daqui um ano, cinco anos, quinze anos, entrar em uma instituição de ensino, seja numa escola ou numa universidade. Eu sei que ela vai poder. Por exemplo, agora também tá em discussão essa coisas do acesso ao ensino superior. O ENEM desde 2010 em que, alguém que não cursou o ensino fundamental e o ensino médio, faça a prova do ENEM e isso possibilite a certificação de conclusão de ensino médio. E pode

entrar numa universidade uma pessoa que não fez o ensino médio, ou que nunca foi à escola. Claro, mas ela vai precisar se preparar pra essa prova se ela quiser. De fato ela vai, mas eu acho que isso não precisa de 12 anos. Cinco dias por semana, numa instituição. É uma prova, poxa vida, sabe? Não é possível, e aí eu vejo que as pessoas que não foram escolarizadas, que fizeram vestibular, e entraram na universidade, se prepararam de uma forma muito tranquila, muito rápida, porque elas dominam o seu próprio mecanismo de aprender, você decidiu que quer fazer isso, que tem que aprender isso por alguma razão que pra ela é significativa, ela vai e aprende. Não tem problema. Por exemplo, nada impede que a Gaia faça uma universidade, embora eu não tenha pra ela, como meus pais tiveram comigo, a expectativa que ela curse um ensino superior, eu não acho isso relevante. A não ser que ela queria fazer alguma coisa que, que ela possa fazer mediante um diploma universitário, aí ela vai poder, mas talvez ela não queira. Talvez ela não precise.”

P - “Ela já sabe ler? Como foi a alfabetização dela, Carla?”

F4 - “Então, ela sabe. Sabe desde os quatro anos, mas não é porque ela é brilhante não. É porque eu gosto muito de ler, então ela tá num ambiente onde as pessoas lêem. Desde que ela nasceu eu leio, meu marido lê, os amigos lêem. A gente tem muitos livros a gente gosta muito. Então ela tem acesso à isso. E eu sempre li junto com ela histórias desde bem pequena e tal. E eu não sei como ela aprendeu a ler. Alfabetizada. Nunca, nunca ninguém chegou pra ela e mostrou que uma letra com outra letra faz uma sílaba, nunca. Eu acho que ela foi acompanhando as leituras e criança gosta de ler sempre a mesma história, né? Ah, lê de novo essa, lê de novo, de novo. Eu acho que tem a ver com isso. E óbvio, ela me perguntou, né, desde sempre: como escreve isso, pra fazer uma pesquisa no Google, por exemplo. Como escreve pica-pau, sabe? E aí eu falava pra ela. P-I-C-A, como que é mesmo o I, Ah, é assim. Ela me perguntava, mas assim, esporadicamente, sem sistema, sabe? E uma vez, uma amiga minha perguntou pra ela: Gaia, quem te ensinou a ler e escrever? E aí ela respondeu: foi o tempo. Eu achei bem legal. Eu não teria uma resposta melhor. Eu não tenho a menor ideia. Foi o tempo e a convivência com os livros e os leitores. Mas eu conheço pessoas, crianças, por exemplo, que tem bem mais idade, que não leem e não escrevem. E não estão aflitas porque não leem e não escrevem. Estão fora da escola, os pais também não estão aflitos. Simplesmente, é isso. A hora que precisar, vai ler. E muitas vezes eu percebo que as crianças que eu vejo que tocarem, de repente do nada começam a ler e escrever não é que elas aprenderam em uma semana, tem mãe que me fala assim: Ah, o meu aprendeu em uma semana. Eu não acho que ela aprendeu em uma semana, em uma semana ela descobriu que ela sabia! Porque ela foi, né, é uma vida inteira de, de sei lá, oito anos convivendo com placas

de rua, com livro. Agora, quando você coloca uma criança sentada e fala agora você tem que aprender isso aqui. Eu acho que isso de atrapalhar, sabia? Eu acho que sempre atrapalhou. Porque naquela hora você não tá a fim de fazer aquilo, ela tava a fim de fazer outra coisa. E quando ela tava a fim de fazer isso, não era hora disso, é de outra coisa. Fica tão desincaixado. E aí a pessoa, acho que, não tem vontade mais de voltar ou então quando a criança começa a querer ler, aí você senta e fala: ah, legal, deixa eu te explicar, isso faz isso... Aí fica chato, entendeu? Aí, não, então não quero mais. Agora quero jogar bola. E vai perdendo interesse. Eu acho que assim, ler e escrever e fazer o que dizem que ele possui o básico, o mínimo que todo mundo tem que ter acesso é leitura, escrita, operações matemáticas simples, tudo, isso faz parte da vida, se a gente precisa tanto disso, é porque isso faz parte da nossa vida. Então se a gente não atrapalhar, as pessoas vão aprender, necessariamente. Tem um filminho muito legal, acho que de cinco minutos, é um menino que num queria ir pra escola porque lá só queriam ensinar pra ele o que ele não sabia. Ele dizia Não vou! Eles só querem me ensinar o que eu não sei. (risos) revoltado. Aí o diretor da escola chamou o pai, a mãe, ele, e aí, mas você não quer aprender o que você não sabe? Como você acha então que você vá aprender? Aprender o quê? Ué, a tudo. A ler a escrever, a contar, a fazer tudo o que precisar. Ai ele falou: I-NE-VI-TA-VEL-MEN-TE. (risos) Achei incrível. E é isso, né? Eu vou aprender inevitavelmente.